

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião

Bernardo Carvalho Cunha de Leão

MERCANTILIZAÇÃO DA FÉ
A comercialização do sagrado na Igreja Universal do Reino de Deus

Belo Horizonte

2021

Bernardo Carvalho Cunha de Leão

MERCANTILIZAÇÃO DA FÉ
A comercialização do sagrado na Igreja Universal do Reino de Deus

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de mestre em Ciências da Religião

Orientador: Prof. Dr. Carlos Ribeiro Caldas Filho

Área de concentração: Religião e Cultura

Belo Horizonte

2021

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

L433m Leão, Bernardo Carvalho Cunha de
Mercantilização da fé: a comercialização do sagrado na Igreja Universal do Reino de Deus / Bernardo Carvalho Cunha de Leão. Belo Horizonte, 2021.
105 f. : il.

Orientador: Carlos Ribeiro Caldas Filho
Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião

1. Igreja Universal do Reino de Deus. 2. Igrejas pentecostais - Aspectos econômicos. 3. Pentecostalismo - Brasil. 4. Secularização (Teologia). 5. Sucesso - Aspectos religiosos. 6. Religião - Aspectos econômicos. 7. Marketing das igrejas. I. Caldas Filho, Carlos Ribeiro. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 211.5

Bernardo Carvalho Cunha de Leão

MERCANTILIZAÇÃO DA FÉ
A comercialização do sagrado na Igreja Universal do Reino de Deus

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião – da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião.

Área de concentração: Religião e Cultura.

Prof. Dr. Carlos Ribeiro Caldas Filho – PUC MINAS (Orientador)

Prof. Dr. Roberlei Panasiewicz – PUC MINAS (Banca examinadora)

Prof^{ta}. Dr^a. Jacqueline Ziroldo – FTSA (Banca examinadora)

Prof. Dr. Daniel Rocha – PUC MINAS (Suplente)

Belo Horizonte, 14 de setembro de 2021

Dedico este trabalho a Deus pelo dom da vida, proteção e paz interior na travessia das adversidades e momentos difíceis.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Professor Carlos Caldas pela paciência de monge (por que não de cristão?) e por ter, aparentemente, saído incólume de uma orientação turbulenta repleta de percalços e contratempos.

Ao corpo docente e discente, funcionários e colaboradores do PPGCR da PUC Minas pelo alto nível de aprendizado e conhecimento desfrutados ao longo da convivência acadêmica.

À PUC Minas, pela concessão da Bolsa Social, sem a qual teria sido muito difícil, praticamente impossível ter concluído meus estudos de pós-graduação em nível de mestrado.

A manipulação religiosa faz aderir ao inaceitável

Bernard Fillaire

RESUMO

O fenômeno pentecostal no Brasil cresceu em projeção geométrica nas últimas décadas. A aquisição de estações de rádio e redes de televisão, o emprego de técnicas de publicidade e marketing na elaboração da propaganda religiosa e, sobretudo, a adoção de um modelo empresarial e mercadológico na gestão das igrejas, contribuiu decisivamente para o surgimento e ascensão vertiginosa de novos grupos dissidentes do pentecostalismo, denominados neopentecostais. Atuando em um mercado altamente competitivo, promissor e rentável, o poderio econômico tornou-se essencial para a sobrevivência e sucesso das denominações neopentecostais que travam acirrada concorrência entre si e com outros segmentos religiosos. Partindo da análise das raízes históricas, significado e impacto dos grupos neopentecostais no Brasil, a pesquisa tem como objetivo esclarecer acerca da mercantilização da fé e da comercialização dos símbolos sagrados, tomando como objeto empírico de estudo a igreja “Universal do Reino de Deus”, principal expoente do neopentecostalismo e denominação evangélica mais expressiva, suntuosa e polêmica do país. A pesquisa é qualitativa e será realizada através de análise da literatura pertinente, documentários, filmes, vídeos e páginas na internet, propiciando uma imersão no universo do grupo religioso pesquisado, além de situar o objeto de pesquisa no tempo e no espaço. O referencial teórico está alicerçado na Teoria da Escolha Racional da Religião desenvolvida por Stark, Finke e Iannaccone que abordam a complexa relação entre religião e mercado, explorando as perspectivas aplicadas ao campo da história, da teologia, das ciências sociais e, sobretudo, da economia. Os estudos preliminares e as evidências levantadas permitem concluir, a priori, que o neopentecostalismo é um movimento religioso dotado de aspectos doutrinários inovadores e controversos, aliados ao empreendedorismo aguçado e desinibido que constitui a chave para compreensão da sua popularidade e crescente expansão.

Palavras-chave: Igreja Universal do Reino de Deus. Secularização. Mercado de bens espirituais. Teoria da escolha racional da religião.

ABSTRACT

The Pentecostal phenomenon in Brazil has grown in geometric projection in recent decades. The acquisition of radio stations and television networks, the use of advertising and marketing techniques in the development of religious advertising and, above all, the adoption of a business and marketing model in the management of churches, contributed decisively to the emergence and vertiginous rise of new groups of splinters from Pentecostalism, called neo-Pentecostals. Operating in a highly competitive, promising, and profitable market, economic power has become essential for the survival and success of neo-Pentecostal denominations that face fierce competition among themselves and with other religious segments. Starting from the analysis of the historical roots, meaning and impact of neo-Pentecostal groups in Brazil, the research aims to clarify about the commodification of faith and the commercialization of sacred symbols, taking as an empirical object of study the Igreja Universal do Reino de Deus ("Universal Church of the Kingdom of God"), main exponent of neo-Pentecostalism and the most expressive, sumptuous and controversial evangelical denomination in the country. The research is qualitative and will be carried out through the analysis of relevant literature, documentaries, films, videos and internet pages, providing an immersion in the universe of the researched religious group, in addition to situating the research object in time and space. The theoretical framework is based on the Theory of Rational Choice of Religion developed by Stark, Finke and Iannaccone that address the complex relationship between religion and the market, exploring the perspectives applied to the field of history, theology, social sciences and, above all, economics. Preliminary studies and the evidence raised allow us to conclude, a priori, that neo-Pentecostalism is a religious movement endowed with innovative and controversial doctrinal aspects, allied to the keen and uninhibited entrepreneurship that constitutes the key to understanding its popularity and growing expansion.

Keywords: Universal Church of the Kingdom of God. Market of spiritual goods. Secularization. Theory of Rational Choice of Religion.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO FENÔMENO PENTECOSTAL EVANGÉLICO NO BRASIL	12
1.1 O fenômeno pentecostal evangélico no Brasil	12
1.2 A Igreja Universal do Reino de Deus	20
1.3 Declínio católico e expansão pentecostal	30
2. TODO MAL É ESPIRITUAL	40
2.1 O DEMONIOCENTRISMO IURDIANO	40
2.2 Manipulação e exploração	52
2.3 Cura, libertação e prosperidade	62
3. ECONOMIA E MERCADO RELIGIOSO SOB A PERSPECTIVA DA TEORIA DA ESCOLHA RACIONAL DA RELIGIÃO	72
3.1 A TEORIA DA ESCOLHA RACIONAL DA RELIGIÃO	72
3.2 <i>Strictness</i> na IURD	79
3.3 O mercado religioso sob a perspectiva da IURD	87
CONCLUSÃO	95
REFERÊNCIAS	99

Introdução

No contexto da cultura religiosa brasileira, o movimento pentecostal de origem evangélica denominado neopentecostalismo é o que tem tido maior expansão, conquistando um espaço significativo no cenário religioso contemporâneo. O crescimento das denominações religiosas que compõem o neopentecostalismo, bem como a força e expressividade do movimento na cultura religiosa brasileira, deve-se, notoriamente, aos aspectos doutrinários inovadores e controversos, aliados ao empreendedorismo aguçado e desinibido que constitui a chave para compreensão da sua popularidade e crescente expansão.

Partindo da análise das raízes históricas, significado e impacto dos grupos neopentecostais no Brasil, a pesquisa tem como objetivo principal investigar a mercantilização da fé e a comercialização do sagrado, tomando como objeto empírico de estudo a Igreja Universal do Reino de Deus, principal expoente do neopentecostalismo e denominação evangélica mais expressiva, suntuosa e polêmica do país.

As motivações pessoais na realização desta pesquisa devem-se, notadamente, à investigação da força e expressividade do neopentecostalismo no cenário religioso brasileiro e sua influência nas mudanças que se processaram nas últimas décadas em todo o segmento evangélico do país. A relevância acadêmica sustenta-se na pesquisa científica que aborda a complexa relação entre religião e mercado, explorando as perspectivas aplicadas ao campo da história, da teologia, das ciências sociais e, sobretudo, da economia.

Os conceitos elaborados por Émile Durkheim (1996) e os referenciais históricos reunidos em “A ética protestante e o espírito do capitalismo” de Max Weber (1993) reúnem elementos teóricos de suma importância. A relação entre religião e modernidade abordada por Berger (1985) constitui fundamento teórico indispensável na compreensão das origens do novo paradigma, sua contraposição à secularização e como a Teoria da Escolha Racional da Religião pôs fim ao reinado quase que absoluto da secularização como paradigma teórico da sociologia no estudo dos fenômenos religiosos. Casanova (2007) discorre acerca do caráter secular e privado que a religião assume na modernidade, forçando as instituições a buscar inserção no espaço público como meio de sobrevivência e legitimação diante da pluralidade de crenças.

A Teoria da Escolha Racional da Religião formulada pelos sociólogos Rodney Stark e Roger Finke e pelo economista Laurence Iannaccone é o fio condutor permeando toda a pesquisa de modo a esclarecer como os indivíduos manipulam o sobrenatural objetivando

recompensas através de trocas simbólicas com os deuses sob a mediação de instituições religiosas.

A pesquisa é qualitativa e exploratória partindo da análise da literatura científica e de documentários, filmes, vídeos e páginas na internet objetivando a imersão no universo religioso pesquisado e seu arcabouço simbólico e linguístico. Por tratar-se da denominação evangélica mais polêmica do país, despertando interesse acadêmico de pesquisadores de todas as áreas das ciências sociais e humanas, a produção e literatura científicas são vastíssimas. Selecionei livros e trabalhos acadêmicos recentes centrados na temática da economia e mercado religioso, o que permite verificar as tendências e contribuições atuais sem, no entanto, desprezar trabalhos datados de décadas atrás que são referência obrigatória no estudo da IURD, abordando a fase embrionária da instituição, ainda incipiente e inexpressiva, e os primórdios do modelo de gestão empresarial e marketing religioso que a converteu no fenômeno da atualidade.

A dissertação está estruturada em três capítulos: o primeiro capítulo contextualiza historicamente o fenômeno pentecostal no Brasil, destacando a trajetória da Igreja Universal do Reino de Deus e o advento do neopentecostalismo responsável pela ascensão evangélica no país. O segundo por sua vez analisa como a IURD ergueu um império religioso, econômico e midiático, consolidando seu poder institucional, massificando sua doutrina alicerçada no exorcismo e libertação espiritual, cura física e emocional, êxito profissional e financeiro, e o terceiro enfatiza como os pressupostos teóricos da escolha racional da religião são de grande valia na análise da cultura religiosa brasileira, notadamente marcada pela pluralidade de crenças sincréticas e, nas últimas décadas, pelo surgimento e crescimento vertiginosos das denominações neopentecostais que desencadearam o processo de mercantilização da fé, adotando um modelo de gestão empresarial e mercadológico das igrejas e competindo agressivamente entre si e com outros segmentos religiosos.

A conclusão pretende verificar a hipótese levantada no início do trabalho acerca dos aspectos históricos e sociais que desencadearam o processo de mercantilização da fé, buscando compreender a maneira como se dá a comercialização do sagrado na Igreja Universal do Reino de Deus e a lógica mercantilista por trás de um movimento religioso que ascendeu meteoricamente arregimentando numeroso rebanho e atraindo vasta membresia.

1. Contextualização histórica do fenômeno pentecostal evangélico no Brasil

Este capítulo pretende contextualizar historicamente o fenômeno pentecostal evangélico no Brasil a partir de três ondas cronológicas situando as denominações no vasto espectro pentecostal. Destacando a guinada avassaladora do neopentecostalismo nas últimas décadas, impulsionada pela aquisição de estações de rádio e redes de televisão, emprego de técnicas de publicidade e marketing na elaboração da propaganda religiosa e, sobretudo, adoção de um modelo empresarial e mercadológico na gestão das igrejas, contribuindo decisivamente para o surgimento e expansão da denominação mais representativa do segmento, a Igreja Universal do Reino de Deus. Primeiramente abordarei a trajetória do pentecostalismo em solo brasileiro, suas origens, vertentes, mudanças e tendências consolidadas ao longo de mais de um século de implantação. Posteriormente focalizarei a IURD e sua ascensão vertiginosa frente ao declínio católico.

1.1 O fenômeno pentecostal evangélico no Brasil

No contexto da cultura religiosa brasileira, o movimento avivalista de origem protestante, denominado pentecostalismo¹, é o que tem tido maior expansão, conquistando um espaço significativo na conformação da sociedade contemporânea e, por conseguinte, despertando o interesse de estudiosos de diversas áreas das ciências sociais e humanas da sociedade contemporânea e despertando o interesse de estudiosos de diversas áreas das ciências sociais e humanas.

A palavra pentecostal vem de Pentecostes, evento marcado pela efusão do Espírito Santo, cinquenta dias após a ascensão de Cristo. No livro de Atos, capítulo 2, está a narrativa sobre esse evento, quando os apóstolos se encontravam reunidos em Jerusalém. Pode-se considerar que a semente do pentecostalismo já estava plantada no protestantismo norte-americano através dos movimentos avivalistas dos séculos XVIII e XIX. Os pregadores itinerantes acreditavam na perenidade da promessa do “derramamento do Espírito Santo... O dia de Pentecostes é comemorado ardentemente, considerado marco bíblico do surgimento de uma “nova igreja”. (CAMPOS JÚNIOR, 1995, p. 20, 71)

O crescimento das denominações religiosas que compõem o pentecostalismo, bem como a força e expressividade do movimento na religiosidade do povo brasileiro é facilmente

¹ O termo pentecostalismo refere-se à narrativa bíblica do “dia de Pentecostes” no segundo capítulo do livro de Atos. No mencionado dia, os apóstolos manifestaram o dom de falar em línguas estranhas após receberem o Espírito Santo de Deus prometido e enviado por Cristo.

constatado pela quantidade de igrejas e seguidores, presença midiática, representatividade política, eventos e manifestações populares².

O moderno movimento pentecostal é considerado por muitos estudiosos o fenômeno mais revolucionário da história do cristianismo no século 20, e talvez um dos mais marcantes de toda a história da igreja. Em relativamente poucas décadas, as igrejas pentecostais reuniram uma imensa quantidade de pessoas em praticamente todos os continentes, totalizando hoje, segundo cálculos de especialistas, cerca de meio bilhão de adeptos ao redor do mundo. Mais do que isso, o pentecostalismo acarretou mudanças profundas no panorama cristão, rompendo com uma série de padrões que caracterizavam as igrejas protestantes há alguns séculos e propondo reinterpretções muitas vezes bastante radicais da teologia, do culto e da experiência religiosa. (MATOS, 2006, p. 24)

O pentecostalismo surge com os movimentos de avivamento espiritual no início do século XX sacudindo as comunidades protestantes norte-americanas que buscavam uma renovação diante do “esfriamento” da fé de muitos cristãos acomodados em suas tradições. Romper com a mecanicidade dos cultos e monotonia das liturgias repetitivas em prol de uma fé entusiástica implicava o retorno às origens de um cristianismo primitivo abundante em prodígios e sinais do mover de Deus. Acreditavam, sobretudo, na ação sobrenatural do Espírito Santo provocando grande regozijo e manifestações dos dons espirituais de falar em línguas estranhas, profetizar, curar e pregar com autoridade e sabedoria.

O batismo no Espírito Santo³ seria uma marca indelével da identidade cristã e prova da experiência pessoal com Deus. Divisor de águas na vida de todo cristão pentecostal, o batismo no Espírito Santo diz respeito aos dons sobrenaturais manifestados em forma de línguas estranhas, súplicas e gestos nervosos, lágrimas e gemidos, palmas e gritos de “aleluia” e “glória a Deus”, pregações eloquentes, orações e exaltações coletivas contagiando os fiéis que choram, gritam e clamam com as mãos levantadas ao céu em sinal de adoração. A experiência pentecostal possui forte apelo emocional. A emoção incontida e as expressões de êxtase são embaladas por músicas de louvor e “corinhos de fogo”⁴. “O forte conteúdo emocional, o tom de voz, as interpretações literais e a adaptação aos problemas do cotidiano são elementos marcantes da pregação pentecostal” (CAMPOS JÚNIOR, 1995, p. 80).

² Marcha para Jesus, que acontece em várias cidades brasileiras, e o Sermão da Montanha, evento iniciado pela Igreja do Evangelho Quadrangular em Belo Horizonte.

³ Derramamento do Espírito Santo sobre os homens profetizado por João Batista e ocorrido no dia de Pentecostes. Referindo-se a Jesus Cristo, João Batista disse: “Eu vos batizo com água, em sinal de penitência, mas aquele que virá depois de mim é mais poderoso do que eu e nem sou digno de carregar seus calçados. Ele vos batizará no Espírito Santo e em fogo”. (Mateus 3, 11)

⁴ Corinhos de fogo são músicas de invocação do poder de Deus e reprimenda do maligno, geralmente composta de versos rimados e estrofes curtas.

Os aspectos específicos da doutrina pentecostal contemplam dois elementos fundamentais: a predestinação, que transforma todo pentecostal em eleito de Deus, e o papel atribuído ao Espírito Santo, que move a vida de um crente. A centralidade do Espírito Santo, com seus dons de falar línguas, de curar, de fazer milagres e de discernir permite que esses evangélicos usem o nome de pentecostais. Foi no dia de Pentecostes que o Espírito desceu e a referência a esse acontecimento é constante (PALEARI, 1990, p. 94).

O ponto de partida da difusão do pentecostalismo em nível mundial foi o “Avivamento da Rua Azusa”⁵ em Los Angeles na Califórnia, no ano de 1906. O local, o templo de uma igreja metodista abandonada, concentrava imigrantes de várias etnias e nacionalidades, o que contribuiu para a disseminação do movimento em outros países. Sob a liderança do pastor William Seymour, as experiências de falar em línguas estranhas, curas e milagres, um tanto excêntricas para os padrões solenes de celebração protestante, ganharam notoriedade se espalhando por outras igrejas⁶.

Rigorosamente falando, o pentecostalismo como um fenômeno distinto surgiu nos últimos anos do século 19 ou nos primeiros do século 20. Todavia, por algum tempo ele se manteve relativamente modesto e circunscrito às fronteiras dos Estados Unidos... Seu crescimento vertiginoso e sua difusão internacional ocorreram a partir do famoso Avivamento da Rua Azusa, em Los Angeles, que teve início em abril de 1906. Uma característica marcante dessas primeiras reuniões foi o seu caráter multi-racial, com a participação de negros, brancos, hispanos, asiáticos e imigrantes europeus. A liderança era dividida entre negros e brancos, homens e mulheres. Um artigo do jornal *A Fé Apostólica*, fundado por Seymour, dizia no número de novembro de 1906: “Nenhum instrumento que Deus possa usar é rejeitado por motivo de cor, vestuário ou falta de cultura”. Outro artigo informava que em um culto de comunhão que durou toda a noite havia pessoas de mais de vinte nacionalidades. Uma frase comum na época dizia que “a linha divisória da cor havia sido lavada pelo sangue”. Diante da longa e terrível história de racismo e segregação nos Estados Unidos, esse fato só podia deixar encantados os participantes e observadores do avivamento, que viam nisso mais uma prova de que o movimento vinha de Deus. (MATOS, 2006, p. 24, 32)

Segundo Germano (2021), o pentecostalismo se alastrou vertiginosamente demonstrando a magnitude de um fenômeno em franca expansão e eminência no meio protestante. Respalado nos princípios do livre exame das escrituras, da missão de todo cristão em anunciar a boa nova do evangelho e da liberdade de organização presentes na Reforma Protestante, o movimento se desenvolve inicialmente no seio de comunidades metodistas desejosas de uma maior intimidade com Deus.

⁵ Azusa Street 312. Apesar de anteriormente abrigar a Igreja Metodista Episcopal Africana em Los Angeles, o local se encontrava abandonado, bastante sujo e com a estrutura deteriorada.

⁶ O avivamento liderado pelo pastor William Joseph Seymour ganhou destaque no jornal *Los Angeles Times* que em 18 de abril de 1906 publicou uma extensa reportagem sobre negros e imigrantes fanáticos acreditando falar línguas estranhas e realizar curas e milagres sob o poder do Espírito Santo de Deus. <https://www.youtube.com/watch?v=SEMUWrFM2MA>. No documentário há trechos de uma pregação de Daniel Berg e referências as origens do pentecostalismo no Brasil.

Berço do pentecostalismo, metodistas⁷ norte-americanos assimilaram as tendências do pietismo⁸ alemão e do puritanismo⁹ inglês valorizando as experiências subjetivas de abertura ao agir sobrenatural do Espírito Santo que, acreditavam, eram inibidas pela formação intelectual e teológica responsável por uma visão racional e secular da fé cristã pouco propensa à renovação extática proposta pelos avivalistas. Herança do movimento *holiness*¹⁰ de santidade e purificação, o pentecostalismo transcendeu o formalismo comportamental e ritualístico através de uma proposta radical e intimista de vivência fervorosa da fé cristã. Provocando profundas transformações em todo o segmento protestante e cristão, sua influência vai muito além do falar em línguas estranhas¹¹, marca distintiva dos movimentos pentecostais.

A discricção típica dos cultos e sermões protestantes foi influenciada pela eloquência e fervor pentecostais. O estilo dinâmico das pregações, adoração, leitura e estudo da palavra de Deus, músicas e louvores animados, testemunhos edificantes de fiéis que alcançaram graças, o acesso de leigos à pregação no púlpito, o derramar do Espírito Santo sob a forma de desmaios, rodopios, sapateios, movimentos desconcertantes e gesticulações inteligíveis sugerindo transe espiritual¹², tudo remete ao pentecostalismo do início do século passado ainda vigente e vigoroso, provando ser um movimento longo que fincou raízes se ramificando por toda cristandade.

De acordo com Matos (2010), o primeiro país da América Latina onde o pentecostalismo aportou foi o Chile em 1909¹³. Um ano depois chegava ao Brasil através de missionários europeus radicados nos Estados Unidos. É importante frisar que havia evidências de dons espirituais em moldes pentecostais antes da chegada oficial das primeiras igrejas em terras brasileiras. A primeira que se tem registro ocorreu em uma igreja presbiteriana do Rio de Janeiro por iniciativa de Miguel Vieira Ferreira (1837 - 1895), um pregador leigo que,

⁷ Movimento protestante dissidente da igreja Anglicana surgido no século XVIII e liderado por John Wesley (1703-1791) e seu irmão Charles Wesley (1707-1788) que deu origem à igreja Metodista.

⁸ Movimento surgido na Igreja Luterana do século XVII priorizando os sentimentos e as experiências pessoais em detrimento de uma visão racional da fé cristã pautada em conhecimentos e estudos teológicos.

⁹ Movimento de confissão calvinista surgido na Inglaterra do século XVII que pretendia purificar o anglicanismo da impregnação católica romana apregoando a observância de rígidos padrões de comportamento moral e ético aos cristãos.

¹⁰ Termo em inglês que significa santidade e denomina um movimento de caráter avivalista antecessor do pentecostalismo defendendo um modelo de perfeição cristã baseado na santidade.

¹¹ Apesar da diversidade de práticas, a glossolalia é um traço marcante do movimento pentecostal.

¹² Conhecido popularmente como “*retete* pentecostal”. Para maior compreensão do leitor não familiarizado com o ambiente pentecostal sugiro que assista ao vídeo indicado no endereço abaixo. <https://www.youtube.com/watch?v=bbDpRZRypI0>

¹³ Atualmente cerca de 80% dos evangélicos chilenos são pentecostais. (MATOS, 2010, p. 38)

assim como todo pentecostal, acreditava que o Espírito Santo de Deus agia sobre os fiéis tal como no Pentecostes bíblico.

Na literatura científica é bastante conhecida e mencionada a divisão do pentecostalismo em três ondas, proposta pelo sociólogo Paul Freston na obra organizada por Antoniazzi (1994). O fenômeno pentecostal no Brasil possui três fases distintas que correspondem às vertentes do pentecostalismo clássico, deuteropentecostalismo e neopentecostalismo.

O pentecostalismo chega ao Brasil através dos missionários Luigi Francescon, italiano vindo dos Estados Unidos, Daniel Berg e Gunnar Vingren, suecos também radicados nos Estados Unidos, inaugurando a primeira fase do movimento com a fundação da Congregação Cristã no Brasil na cidade de São Paulo em 1910 e da Assembleia de Deus em Belém do Pará no ano de 1911.

A segunda fase ocorreu entre as décadas de 50 e 60 com o surgimento das igrejas Evangelho Quadrangular (1951), Brasil para Cristo (1955) e Deus é Amor (1962), além de dezenas de outros grupos que interromperam quatro décadas de coexistência das duas primeiras denominações pentecostais em solo brasileiro.

A terceira fase surge com a alavancada do fenômeno neopentecostal em meados dos anos 80. Os principais representantes desta fase são as igrejas Universal do Reino de Deus (1977) e Internacional da Graça de Deus (1980).

Enquanto a Assembleia de Deus penetrava nas regiões Norte e Nordeste do país, a Congregação Cristã no Brasil expandia para as cidades do interior de São Paulo e Estado do Paraná.

O batismo no Espírito Santo e a glossolalia¹⁴ caracterizavam a fase embrionária do pentecostalismo. A doutrina religiosa baseada na rigidez moral dos usos e costumes proibia bebidas alcoólicas, cigarro, roupas curtas ou que deixam transparecer as formas do corpo¹⁵, produtos e tratamentos de beleza, prática de esportes, danças e músicas (com exceção dos hinos religiosos). O convívio social deveria se restringir ao ambiente de trabalho, à família e, obviamente, à congregação.

¹⁴ O batismo no Espírito Santo significa receber o Espírito Santo de Deus e o termo glossolalia refere-se ao dom espiritual de falar em línguas estranhas, conforme a narrativa bíblica do segundo capítulo do livro de Atos.

¹⁵ Ao assistir um culto da IPDA na cidade de Belo Horizonte (Avenida Amazonas 3000 - Bairro Gameleira) pude constatar que os fiéis do sexo masculino vestiam ternos bem folgados. Dois ou três números acima. As mulheres vestidos longos sem decote e saias abaixo do joelho.

Com o passar do tempo, alguns conceitos foram revistos e a doutrina religiosa tornou-se mais flexível¹⁶. Contudo, a aversão ao modo de vida da sociedade continua sendo o aspecto doutrinário de maior relevância destas igrejas. A Igreja Pentecostal Deus é Amor conserva intactos todos os preceitos morais e legalistas das igrejas pentecostais do começo do século passado.

Após 40 anos de pentecostalismo bidenominacional¹⁷, surgem igrejas que rompem parcialmente com o moralismo ascético ampliando os horizontes da atuação religiosa. A cura pelo poder do Espírito Santo, o carisma dos líderes religiosos, a utilização dos meios de comunicação, as pregações públicas itinerantes, o envolvimento político-partidário e a diversidade de doutrinas e conceitos religiosos impulsionaram o pentecostalismo.

A ruptura e formação de grupos dissidentes torna-se comum. Ao contrário da igreja Deus é Amor, citada anteriormente, a maioria das denominações se adapta à sociedade, inovando os métodos de evangelização e introduzindo práticas religiosas atrativas ao público das classes média e alta.

Embora as denominações neopentecostais levem a fama de igrejas exorcistas, midiáticas e abastadas, tais características estavam delineadas antes do advento do neopentecostalismo que generalizou tais conceitos, massificando práticas já existentes¹⁸ e ampliando consideravelmente o carisma e a popularidade do segmento pentecostal evangélico.

Juntamente com a Deus é Amor, a Igreja do Evangelho Quadrangular e a Brasil para Cristo foram as três principais representantes do pentecostalismo de segunda onda. A distinção e concorrência provocaram a dispersão e pluralidade do movimento que encontrou boa acolhida e receptividade entre a gente simples e sofrida. São denominações que pavimentaram o caminho para as igrejas de terceira onda através da transmissão de programas

¹⁶ A Assembleia de Deus é o maior exemplo de flexibilização e abandono parcial dos usos e costumes de santidade, excluindo a televisão e o envolvimento político, outrora “instrumentos do diabo”, do rol de proibições. Atualmente outras proibições como corte de cabelo, depilação, maquiagem e calças de qualquer modelo para mulheres, bigode, barba e camisa de manga curta para homens, mesmo fora do ambiente da igreja, deixaram de vigorar.

¹⁷ Por “pentecostalismo bidenominacional” queremos dizer um pentecostalismo que até então tinha apenas duas denominações eclesiais, a saber, a Congregação Cristã no Brasil e a Igreja Evangélica Assembleia de Deus.

¹⁸ A Deus é Amor é, muito provavelmente, a precursora das sessões de exorcismo onde supostos demônios são entrevistados antes de expelidos dos corpos. No entanto, tal prática é comumente associada à IURD, evidenciando que Edir Macedo “fez escola” com outras lideranças além de Robert Mcalister. (Júnior, 1995, p. 45)

religiosos no rádio, dos eventos evangelísticos em espaços públicos, da participação política e exploração de temas sociais¹⁹.

Segundo Mariano (1999), dentre dezenas de grupos que somaram forças ao movimento, a Igreja de Nova Vida (1960) influenciou decisivamente a futura geração do pentecostalismo. Edir Macedo, líder da Igreja Universal do Reino de Deus e Romildo Ribeiro Soares²⁰, líder da Igreja Internacional da Graça de Deus, se conheceram na Igreja de Nova Vida, da qual herdaram as ênfases doutrinárias. Ambos abandonaram a denominação no final da década de 70 para fundar a Casa da Benção, registrada como Igreja Universal do Reino de Deus em 1977 sob a liderança de Romildo.

Em 1980, Macedo desponta como novo líder da IURD em substituição ao cunhado. Diante da dissolução da sociedade, Romildo, ressarcido financeiramente pela perda do cargo, funda a Igreja Internacional da Graça de Deus.

Os grupos neopentecostais surgiram na década de 70 através de fiéis de igrejas pentecostais que declararam independência fundando as suas próprias denominações. As propostas conservadoras do pentecostalismo clássico deram lugar às pregações de cura, exorcismo e prosperidade que atraíam multidões convertidas em seguidores.

A ascensão vertiginosa do neopentecostalismo nas décadas seguintes provocou um surto de crescimento no número de evangélicos no país e estimulou o surgimento de uma infinidade de igrejas que se projetaram no sucesso das primeiras denominações neopentecostais.

Ainda segundo Mariano (1999), estas igrejas apresentaram um crescimento extraordinário contabilizado na receita bruta das instituições. O poderio econômico, consequência do modelo empresarial e mercadológico de sucesso desenvolvido pelos líderes religiosos, viabilizou a construção de templos nas capitais, cidades interioranas e no exterior, além da aquisição de estações de rádio, emissoras de televisão e outros empreendimentos comerciais que beneficiavam diretamente as lideranças. Conforme Mariano,

Os pregadores neopentecostais manifestam com muita tranquilidade seu interesse por dinheiro. Extensa parte dos cultos da Universal e Internacional é reservada para convencer os fiéis da obrigação de pagar dízimos e dar ofertas “com amor e alegria”. Prometendo saúde, prosperidade, felicidade, libertação do diabo e dos problemas àquele que corajosamente doar a maior quantia possível e, de preferência, uma quantia que, do ponto de vista do cálculo racional, fará falta, as igrejas neopentecostais conseguem recolher mais recursos do que as concorrentes. O êxito

¹⁹ O uso massivo do rádio por David Miranda ainda nos primórdios da Deus é Amor, as cruzadas evangelísticas da Igreja do Evangelho Quadrangular e os discursos políticos de Manoel de Mello a frente da Brasil para Cristo.

²⁰ O missionário R. R. Soares apresentador do programa “Show da fé”, inicialmente na Rede Bandeirantes de Televisão. Soares é casado com Maria Magdalena Bezerra, irmã de Macedo.

financeiro as capacita, mais do que as outras, a investir em emissoras de rádio e TV e edificações. A volumosa arrecadação e a competência com que aplicam tais recursos na obra evangelística, com intenso uso da mídia eletrônica, e na abertura de novos locais de culto são cruciais para sua rápida expansão. Não obstante pastores da Universal em Belo Horizonte terem inovado em matéria de dízimo e cobrado 30%, 10% pelo Pai, 10% pelo Filho e 10% pelo Espírito Santo, ele é fixo e não dá margem a manobras, restando aos intermediários de Deus na terra insistir, para o bem do crente e expansão do Evangelho, na importância da fidelidade e de seu pontual pagamento. No caso das ofertas, a coisa é bem diferente. Nesse terreno pode ser observada toda a inventividade dos pastores em criar formas e métodos para arrecadar ofertas (MARIANO, 1999, p. 166).

O cenário evangélico no país foi sendo radicalmente transformado pela safra de novas igrejas que assimilaram as tendências de um mercado promissor em constante expansão. Um exemplo emblemático é a Igreja Apostólica Renascer em Cristo (1986), “uma máquina de arrecadação de dar inveja a qualquer empresa”, ostentando um patrimônio avaliado em cerca de um milhão de dólares somente nos Estados Unidos (DANTAS, MANSUR, 2002b, p. 46).

Atraindo um público essencialmente das classes média e alta, a igreja Apostólica Renascer em Cristo já foi considerada uma das principais denominações neopentecostais brasileiras, ficando atrás da Deus é Amor que disputava o segundo lugar com a Internacional da Graça de Deus, e da Universal do Reino de Deus que até os dias de hoje lidera o ranking²¹.

Sendo uma igreja neopentecostal por excelência, a IURD inaugurou o terceiro e atual estágio do fenômeno pentecostal que abriga várias de suas “crias” e clones. Atualmente outras denominações ascenderam na hierarquia neopentecostal, em especial as igrejas Mundial do Poder de Deus fundada em 1998 pelo apóstolo Valdemiro Santiago e Plenitude Do Trono de Deus do também apóstolo Agenor Duque que ergueu seu primeiro templo na cidade de São Paulo no ano de 2006. Ambos iniciaram suas trajetórias como pastores da IURD, sendo que Duque teve uma breve passagem pela denominação do ex-patrão e atual concorrente Santiago²². Treinados e capacitados pela IURD são o típico exemplo de aprendizes que superaram o mestre engrossando o filão de ex-colaboradores que fundaram suas próprias denominações tornando-se rivais. Por aí se tem uma ideia da influência da IURD inspirando toda uma geração de denominações neopentecostais espelhadas no modelo de sucesso desenvolvido por Edir Macedo.

O surto de crescimento nas três últimas décadas, a valorização e apego aos bens materiais, o caráter empresarial, a projeção midiática e os pesados investimentos em comunicação e propaganda, a ênfase no combate ao demônio, suas representações e

²¹ Mariano (1999) discorre amplamente sobre as origens e características das principais denominações pentecostais.

²² <https://www.recantodasletras.com.br/artigos-de-religiao-e-teologia/6737090>

simbologias associadas, sobretudo, a elementos da religiosidade de matriz africana²³, a perseguição virulenta aos demais credos e o acirramento da concorrência inter-religiosa e inter-denominacional caracterizaram a terceira fase do pentecostalismo.

Segundo Mariano (1999), devido ao fato de algumas denominações possuírem características de mais de uma vertente ou não enquadrarem no perfil das instituições surgidas na mesma época, além de não permanecerem, obviamente, estáticas no tempo, os critérios adotados na classificação das igrejas pentecostais variam de acordo com o modelo organizacional e doutrina religiosa. O quadro abaixo situa as principais igrejas no vasto espectro denominacional do pentecostalismo brasileiro.

Classificação das igrejas pentecostais²⁴

Pentecostalismo Clássico	Deuteropentecostalismo	Neopentecostalismo
Congregação Cristã do Brasil Assembleia de Deus	Evangelho Quadrangular Brasil para Cristo Pentecostal Deus é Amor	Nova Vida Universal do Reino de Deus Internacional da Graça de Deus Renascer em Cristo Sara Nossa Terra Mundial do Poder de Deus Plenitude do Trono de Deus

1.2 A Igreja Universal do Reino de Deus

As origens da IURD remontam a um passado relativamente recente no qual a principal representante do neopentecostalismo ganha força e projeção despontando no cenário religioso do país. Como toda denominação centrada na figura do fundador, sua história se confunde com a trajetória do seu líder máximo.

Edir Macedo Bezerra nasceu no dia 18 de fevereiro de 1945 em uma família de classe média baixa na cidade de Rio das Flores no Estado do Rio de Janeiro. De berço católico

²³ Elementos e símbolos do sincretismo religioso presente na umbanda e candomblé e no catolicismo popular.

²⁴ Mariano (1999) menciona apenas as denominações mais conhecidas com maior número de templos e fiéis. Existe uma infinidade de igrejas pouco expressivas que surgem quase que diariamente, a maioria notadamente neopentecostal.

converteu-se aos 19 anos na Igreja de Nova Vida onde conheceu sua esposa, Ester Eunice Rangel Bezerra com que teve duas filhas, além de um filho adotivo²⁵.

Após abandonar o emprego como funcionário público na Casa de Loterias do Rio de Janeiro, juntamente com seu cunhado Romildo Ribeiro Soares, fundou em 1977 a igreja “Cruzada Caminho Eterno”, posteriormente alterado para “Casa da Bênção” e “Universal do Reino de Deus” ainda no início das atividades. Uma antiga funerária desativada abrigou a primeira sede da denominação no bairro da Abolição na cidade do Rio de Janeiro²⁶. O primeiro programa de rádio data do ano da fundação e foi a mola propulsora da denominação, na época improvisada em um pequeno galpão, em nada lembrando o império religioso da atualidade. (ANTONIAZZI, 1994, p. 133)

Segundo CAMPOS JÚNIOR (1995), a exemplo de outras denominações pentecostais, a IURD utilizava todo tipo de espaço físico para realizar cultos, dando preferência para antigos cinemas e casas de shows transformadas em igrejas. Em 1985 possuía dezenas de templos nas principais capitais do país com forte presença na Bahia e Rio de Janeiro. Em 1992 era proprietária de 14 emissoras de rádio, uma gráfica, uma construtora, dois jornais e templos na Argentina, Colômbia, Peru, Portugal, e Estados Unidos. Em território nacional administrava 700 templos com destaque para as imensas igrejas sedes que ostentam um projeto arquitetônico arrojado em comparação com as demais igrejas evangélicas. Contudo, a aquisição de maior vulto que se tornaria a “menina dos olhos” de Macedo foi a Rede Record.

Era a arrancada inicial, graças às ondas de rádio. Veículo mais acessível à população carente e às comunidades mais afastadas dos grandes centros, especialmente naquela época, o rádio teve papel decisivo na divulgação da Igreja Universal país adentro. Mas uma parte consistente dos brasileiros já começava a dar as costas para o veículo. A virada da década ficaria marcada pela popularização da televisão. O censo nacional de 1980 constatava que 55% dos 26 milhões de residências brasileiras pesquisadas já possuíam televisores. Financeiramente era precipitado avançar sobre a televisão. Mas os números provavam que era necessário arriscar. Edir investiu pesado e levou o mesmo O Despertar da Fé para a madrugada da extinta TV Tupi, no Rio, e, em seguida, para São Paulo. Depois, espalhou-se pelos demais estados. No fim da década de 1980, o bispo Macedo daria o salto empresarial mais arriscado de sua vida. (TAVOLARO, 2007, p. 145)

Antes de adquirir uma emissora de cadeia nacional, Edir Macedo apresentava seu programa²⁷ nas redes Bandeirante, Manchete e na própria Record, incorporada a seu

²⁵ A primeira filha do casal, Cristiane Cardoso, nasceu em 1973, e Viviane Freitas, a segunda filha, nasceu em 1975. Moysés Macedo, filho adotivo, nasceu em 1990.

²⁶ Avenida Suburbana, nº 7.248, bairro da Abolição, Rio de Janeiro. No dia 9 de julho de 1977 realizou-se o primeiro culto. <https://noticias.r7.com/brasil/universal-completa-43-anos-com-10-milhoes-de-fieis-pelo-mundo-09072020>

²⁷ “O Despertar da Fé” apresentado nas madrugadas. (TAVOLARO, 2007, p. 144)

patrimônio pessoal em 1989 após o desembolso de 45 milhões de dólares em uma transação comercial com o grupo Silvio Santos²⁸ e a família Machado de Carvalho considerada suspeita pela Receita Federal²⁹, dando início aos problemas de Macedo com a justiça e à rivalidade histórica com a Rede Globo de Televisão.

Na época a Record estava atolada em dívidas. A negociação finalizada em novembro de 1989 desencadeou disputas empresariais e políticas pela posse definitiva e controle do veículo que se estenderam nos anos seguintes. A renovação da concessão ocorreu em outubro de 1992 em meio à avalanche de denúncias contra o ex-presidente Fernando Collor de Mello que culminariam no impeachment. Um ano antes o governo brasileiro pressionou Macedo a vender a Record. Caso Collor não tivesse sido afastado da presidência da república, muito provavelmente Macedo perderia a Record para algum empresário³⁰ com boas conexões no Planalto. (ANTONIAZZI, 1994, p. 144)

Como veremos nos capítulos seguintes, a IURD transita com desenvoltura no jogo de poder e influência da política nacional. Seu prestígio junto a classe política lhe permitiu gozar até pouco tempo atrás de passaporte diplomático concedido a chefes de estado, assessores e autoridades a serviço do país no exterior³¹.

O bispo é um magnata da comunicação no Brasil, dono da rede Record de televisão e também tem partido político, representantes no Congresso, no Executivo, e à frente da prefeitura do Rio de Janeiro. Seu apoio eleitoral vale ouro e todos os presidentes das últimas décadas desfrutaram dele e em algum momento apertaram sua mão. E o bispo, homem pragmático que é, apoiou todos. Mudou de ideia muitas vezes, sobretudo com relação ao PT, que ora era encarado como inimigo – Lula já foi associado ao próprio Satanás –, ora era convidado a subir ao púlpito ao seu lado. (DIP, 2020)

²⁸ O apresentador mais popular do país a frente do SBT (Sistema Brasileiro de Televisão). Com receio fundamentado das restrições a um pentecostal exorcista sem tradição no ramo das telecomunicações, Edir Macedo utilizou o pastor e deputado federal Odenir Laprovita Viera (23 de abril de 1938 - 24 de julho de 2020) como intermediário. Somente no final da transação se identificou como comprador. (TAVOLARO, 2007, p. 152)

²⁹ O volume de dinheiro levou a Receita Federal a investigar a origem do patrimônio de Edir Macedo e as atividades da IURD. (MARIANO, 1999, p. 84)

³⁰ Na época cogitava-se o empresário José Carlos Martinez, dono da CNT (Central Nacional de Televisão) com sede em Curitiba e abrangência em todo o Estado do Paraná. (ANTONIAZZI, 1994, p. 144)

³¹ Concedido pela ex-presidente Dilma Rousseff em 2011 e renovado pelo atual presidente Jair Bolsonaro. O portador recebe tratamento diferenciado. Dispensa visto de entrada e proíbe revista pessoal e checagem de bagagem. Em fevereiro de 2021 o benefício foi suspenso pelo juiz da 5ª Vara Federal do Rio de Janeiro no julgamento de uma ação popular. <https://www.conjur.com.br/2021-fev-04/juiz-suspende-passaportes-diplomaticos-edir-macedo-esposa>

O estilo de culto segue um padrão definido³², evidenciando que pastores e bispos passam por idêntico processo de formação. Normalmente indivíduos de vida progressa desregrada convertidos na igreja³³.

Segundo Justino (1995), a frequência assídua aos cultos e liderança em grupos de evangelização é o primeiro estágio de um aspirante a pastor. O degrau seguinte é um curso de formação de curta duração. A familiaridade com a instituição e conhecimento do funcionamento interno são essenciais, além da simpatia e indicação de um pastor consagrado. O alto nível de cobrança e a exigência de dedicação exclusiva afasta boa parte dos pretendentes. Os que perseveram abdicam do convívio com esposa e filhos, estudos, profissão, vida social, conjugal e familiar. O pastoreio passa a ser prioridade máxima e centralidade de uma vida devotada à instituição, nem sempre recompensada. Nas palavras de Mário Justino;

Lamento pelas pessoas que se sentirão traídas por essa obra. Mas espero que ela contribua para que se forme uma discussão de âmbito nacional sobre a influência nociva que pseudopastores vêm exercendo sobre as massas, fazendo com que menores abandonem famílias, e estudos, desgraçando assim seu futuro e sua vida... Eu acredito que no Brasil essas vítimas sejam em grande número – ex-pastores, missionários, evangelistas, obreiros, membros. Pessoas de boa fé que deram seus lombos para que sobre eles fosse construído o império de Macedo... Recuso-me a acreditar que a Constituição, quando protege a liberdade de culto, também proteja a lavagem cerebral e a exploração financeira da credulidade alheia (JUSTINO 1995, p. 11-12).

Aumentar substancialmente a receita e arregimentar um rebanho numeroso em igrejas pequenas e pouco produtivas é o teste definitivo, possibilitando subir na hierarquia da instituição e desfrutar de benefícios exclusivos da cúpula local de dirigentes.

Para ser treinado, fui enviado à cidade de Paulo Afonso, como auxiliar do pastor Jailton Vieira. Com ele, eu apresentava o programa O despertar da fé e aprendia a fazer reuniões para um grande número de pessoas. E logo entendi que duas qualidades são essenciais para ser um pastor de sucesso na Igreja Universal. A primeira é ter a capacidade de canalizar ofertas expressivas. A segunda é saber entreter o povo e segurá-lo nas “correntes”... As mordomias eram uma recompensa pela habilidade. Basicamente, essa habilidade consistia em passar uma hora pedindo dinheiro, em valores decrescentes, e ainda fazer com que o saque parecesse uma singela parte dos cultos. Um singelo ritual em que os fiéis ajudam a manter o bom funcionamento da obra de Deus... Esses pastores eram poucos. Eles eram os reis da lábia. Pelos seus esforços, recebiam tratamento diferenciado: ganhavam bons carros, bons salários, boas roupas e boas moradas... O sucesso do meu trabalho (repetindo o que já disse, o sucesso de um pastor na Igreja Universal depende de quanto ele arrecada)”. (JUSTINO 1995, p. 41, 42, 67)

³² “Quem viu uma igreja Universal, viu todas”. (ANTONIAZZI, 1994, p. 145)

³³ “Pastores baratos porque jovens, solteiros ou recém-casados sem filhos, muitas das vezes recém-saídos das drogas ou outra forma de vida desorganizada”. (ANTONIAZZI, 1994, p. 145)

A IURD orbita em torno do seu fundador conhecido por sua capacidade de liderança, obstinação, perseverança e temperamento forte³⁴. Edir Macedo controla pessoalmente a movimentação financeira, atuação de seus subordinados e atividades internas de sua igreja na distribuição dos cargos e funções, normas de conduta e procedimento, treinamento e capacitação de pastores, nomeação e escolha dos bispos auxiliares, elaboração das campanhas e correntes. A denominação não presta contas do valor e emprego do montante arrecadado nem elege entre os fiéis um conselho administrativo composto por secretários e tesoureiros, concentrando todo poder nas mãos de uma única liderança seletiva na indicação da cúpula hierárquica.

O reino da Igreja Universal é grandioso e segue em franco crescimento. O bispo Edir Macedo comanda, de forma totalmente vertical, como líder absoluto, 10 mil templos, 14 mil pastores e milhões de fiéis espalhados por 95 países. Os líderes mais antigos, quando começam a ter mais influência entre os fiéis, são enviados para o exterior. A palavra final é sempre dele. (DIP, 2020)

Um dos traços identitários mais fortes e perseverantes é o exorcismo. A beligerância em relação à religiosidade de matriz africana está presente desde os primórdios. A expansão inicial nos Estados do Rio de Janeiro e Bahia, regiões com forte presença dos terreiros de umbanda e candomblé, acentuaram a rivalidade³⁵.

Um pastor explicou com perspicácia as razões do crescimento lento na sua região: a IURD se expande onde há “macumba” e famílias dilaceradas; no interior paulista, o catolicismo tradicional e a estrutura familiar mais fortes prendem as pessoas à sua atual filiação religiosa. Talvez haja um fator complementar: a relativa força do pentecostalismo mais antigo no interior de São Paulo e a fraqueza do mesmo na cidade do Rio de Janeiro e na Bahia... Uma outra razão, porém, pela maior ênfase no exorcismo é a percepção de que o catolicismo está em declínio e que a grande concorrente é a Umbanda. Com o fortalecimento desta, surge uma forma de protestantismo que a ataca mais diretamente... No pentecostalismo tradicional, os demônios são mantidos à distância mais do que enfrentados. Mas na IURD (e nos movimentos de cura divina, dos quais a IURD copiou algumas práticas), eles são buscados e enfrentados (ANTONIAZZI, 1994, p. 136, 140).

³⁴ Gilberto Nascimento em entrevista a Andrea Dip, 2020. <https://apublica.org/2020/01/o-bispo-edir-macedo-tem-uma-visao-muito-pragmatica-se-ha-poder-eu-to-junto/>

³⁵ O filme nacional “Prova de Fogo”, baseado na trajetória do pai de santo Nívio Ramos Sales, mostra a popularidade da umbanda no Rio de Janeiro no início dos anos 80, período que coincide com o crescimento vertiginoso da IURD. “As atividades de Edir Macedo se iniciaram em julho de 1977, no rio de Janeiro. Seu tipo de discurso, imediatista, logo surtiu efeito e já em 1985 a IURD estava em quase todas as capitais dos estados brasileiros. Tem maior desenvolvimento na Bahia, e no Rio de Janeiro exerce influência significativa sobre o “meio evangélico” (CAMPOS JÚNIOR, 1995, p. 55).

A Igreja de Nova Vida do pastor canadense Robert McAlister³⁶, freqüentada por Edir Macedo e Romildo Ribeiro Soares antes de iniciarem seus ministérios, foi a responsável pela gestação da IURD, definindo os rumos do neopentecostalismo até então incipiente. O “best seller” de Edir Macedo “Orixás, caboclos e guias - deuses ou demônios”³⁷ é uma cópia virtual do livro “Mãe de Santo”³⁸ de Robert McAlister, insuflando a perseguição aos cultos afro-brasileiros.

Segundo Mariano (1999), Edir Macedo e seus pastores ampliaram o conceito de exorcismo na pretensão de se contrapor e combater forças supostamente malignas presentes em símbolos e elementos do sincretismo religioso brasileiro, sendo responsáveis pelo acirramento dos conflitos no campo religioso. Competindo agressivamente com as religiões afro-brasileiras na disputa por uma “clientela religiosa” oriunda dos terreiros e centros espíritas, a denominação incorporou elementos ritualísticos originários da umbanda aos cultos de libertação espiritual como estratégia evangelística para atrair e converter pais, mães e filhos de santo. Não é por mero acaso que a IURD é conhecida como a “umbanda evangélica” ou “neopentecostalismo macumbeiro”³⁹.

Nos exorcismos, os pastores falam aos ouvintes a respeito das “entidades” que “atacam” as pessoas. Tal terminologia é apropriada do kardecismo e da umbanda, embora os dois sejam alvos de constantes ataques por parte dos seguidores de Edir Macedo. Isso explica a evolução do movimento na Bahia, onde a cultura de raízes africanas se desenvolveu com maior intensidade. (CAMPOS JÚNIOR, 1995, p. 58)

A IURD incorpora elementos da religiosidade de matriz africana deslocados do contexto de origem, o que, inevitavelmente, resulta em uma deturpação de personagens e símbolos da umbanda e do candomblé que são reinterpretados de modo a promover uma adequação e ajustamento aos rituais e práticas iurdianas. Deuses e entidades do panteão africano passam a ser considerados demônios ou “encostos” que devem ser combatidos no plano físico e espiritual⁴⁰.

Contudo, a maior rival sempre foi a Igreja Católica⁴¹. Verifica-se a tendência em associar ambas as religiões por meio do sincretismo ao considerar os cultos afro-brasileiros

³⁶ Walter Robert McAlister (13 de agosto de 1931 - 13 de novembro de 1993)

³⁷ Segundo Justino (1995, p. 34); “Orixás, caboclos e guias - deuses ou demônios” é considerado a segunda bíblia da Igreja Universal.

³⁸ Editora Carisma - Rio de Janeiro, 1983.

³⁹ Expressões cunhadas pelo antropólogo Ari Pedro Oro (1996).

⁴⁰ O best seller de Edir Macedo *Orixás, caboclos e guias - deuses ou demônios* é a prova incontestável da repulsa e aversão às experiências religiosas que antecederam sua trajetória na liderança da denominação evangélica mais expressiva, suntuosa e polêmica do país.

⁴¹ “A sina da Universal é barrar a Igreja Católica”, declarou Macedo no livro *Nada a Perder*.

um subproduto do catolicismo. O confronto com as entidades do panteão afro-brasileiro é franco e direto, enquanto o catolicismo romano é visto como um “satanismo adornado com roupagem cristã”⁴² preparando terreno para a vinda do anticristo que, acreditam piamente, será um futuro papa. “Ao contrário da Igreja da Nova Vida, da qual saiu, a Universal é anti-ecumênica ao extremo, especialmente com a Igreja Católica, contra a qual escreve artigos rudes sem a menor piedade” (CÉSAR, 2000, p. 150).

A IURD inveja o poder e a hegemonia simbólica da Igreja Católica, razão pela qual o embate com o catolicismo é mais virulento. As tentativas de estabelecer uma sede mundial em Nova York, cidade vitrine do mundo, foi um vislumbre de Macedo objetivando expandir a denominação para o restante do planeta a partir do seu “vaticano particular”. (JUSTINO, 1995, p. 103)

Mariano (1999) mostra como bispos e pastores, aproveitando-se de elementos da religiosidade popular, impeliam as multidões que compareciam aos cultos a lutarem contra entidades invisíveis e poderosas que causavam desemprego, vícios, doenças e outros problemas comuns à realidade social do país, além de associar os milagres de Deus às ofertas em dinheiro e participação em campanhas e correntes que tinham a finalidade de arrecadar recursos. A partir daí as igrejas apresentaram um crescimento extraordinário contabilizado na receita bruta das instituições, viabilizando a construção de templos nas capitais, cidades interioranas e no exterior, além da aquisição de estações de rádio, emissoras de televisão e outros empreendimentos comerciais que beneficiavam diretamente as lideranças.

O patrimônio da IURD supera em muito o de qualquer outra denominação de destaque no meio evangélico. É sem dúvida a denominação mais expressiva, polêmica e suntuosa do país. Em número de templos e fiéis fica bem atrás da Assembleia de Deus que, diferentemente da IURD, adota uma gestão descentralizada reunindo milhares de ministérios autônomos através das Convenções Geral e Nacional das Assembleias de Deus no Brasil⁴³.

É interessante notar que a primeira igreja pentecostal a se fixar no país, a Congregação Cristã do Brasil, supera a IURD em número de fiéis⁴⁴. Contudo, é uma

⁴² Edir Macedo compara a Igreja Católica à “meretriz da Babilônia assentada na besta escarlate” (cf. Apocalipse 17.1-6) em alusão à sede do Vaticano e às vestes vermelhas dos cardeais (Folha Universal - Ano 5 - número 259 - 27 de dezembro de 1996).

⁴³ Segundo o último censo realizado no ano de 2010, as Assembleias de Deus congregam 12.314.410 fiéis em mais de 100 mil templos, quase um terço do total de evangélicos no país estimado em 42,3 milhões. A IURD possui 1.873.243 membros e 8.773 templos. Embora reivindique 7 milhões de seguidores, sabe-se que o número é superestimado. Em relação ao público da IURD, é importante ressaltar a alta rotatividade e formação de uma membresia flutuante. Já em relação à Assembleia de Deus, é notório o sentimento de pertencimento à denominação que se traduz em fidelidade e baixo índice de abandono.

⁴⁴ Contabiliza 2.289.634 membros segundo o recenseamento de 2010.

denominação “invisível”, avessa à modernidade e hostil ao modo de vida da sociedade que se perpetua por tradição familiar através de um estilo de culto solene que segue inalterado ao longo de décadas⁴⁵. Mesmo tendo um número menor de fiéis, a visibilidade e projeção da IURD são infinitamente maiores graças à assimilação do ethos contemporâneo e modelo de gestão empresarial.

A ruptura com o legalismo religioso é outro traço marcante da IURD, um legado do pastor Robert MacAlister cuja ascendência sobre Macedo é bastante conhecida. Segundo Nascimento (2010, p. 92); “na Nova Vida são encontradas ainda de forma embrionária as principais características do neopentecostalismo: intenso combate ao Diabo, valorização da prosperidade material mediante a contribuição financeira, ausência do legalismo em matéria comportamental.”

Mariano (1999) afirma que o rompimento definitivo com o moralismo ascético do pentecostalismo clássico já vinha sendo esboçado pelas igrejas de segunda onda. No entanto, é nas denominações da geração seguinte que tal tendência se consolida. Neste sentido, Dolghie (2020) enfatiza o papel de vanguarda das igrejas de terceira onda, cujo modelo emblemático é a IURD. Preservando um estilo de culto efusivo que alterna pregações solenes com orações exaltadas e manifestações de êxtase religioso bem ao gosto pentecostal, o dinamismo da IURD reflete a capacidade de inovação e conformidade as demandas e anseios da sociedade contemporânea.

Paul Freston, uma das pessoas que mais conhece a Universal, acredita que ela é a “a combinação da igreja pentecostal com a agência de cura divina, pois une a preocupação com as demandas particulares e com a demanda espiritual de salvação... O deslumbramento da IURD, lembra Freston, é a cura (quase sempre associada ao exorcismo) e a prosperidade. A ênfase demasiada à prosperidade diferencia a Universal das igrejas pentecostais anteriores, com as quais não existe nenhuma comunhão (muito menos com as igrejas históricas) (CÉSAR, 2000, p. 150, 151).

De fato, impressiona a capacidade de adaptação da IURD à modernidade secular marcada pela escalada de avanços tecnológicos, científicos e sociais que modificaram a maneira como vemos e interagimos com o mundo, atraindo um público diversificado. Não é de se estranhar o crescimento evangélico no país, oriundo das camadas pobres e marginalizadas da sociedade cativando as classes mais abastadas. Como mencionado

⁴⁵ Segundo Antoniazzi (1994), o uso obrigatório do véu sobre a cabeça das mulheres e a ausência de pastores dirigindo os cultos são traços distintivos da Congregação Cristã do Brasil. Existe uma hierarquia estabelecida pelos membros mais antigos incumbidos das tarefas que seriam desempenhadas por pastores. Em suma é uma denominação de tradição oral e culto familiar, avessa à modernidade e estagnada em número de templos e fiéis.

anteriormente, a IURD é a antítese de igrejas invisíveis, estáticas no tempo e alheias às mudanças profundas que se processaram ao longo de mais de um século de existência do pentecostalismo brasileiro.

Campos (1996) e Mariano (1999) destacam os pesados investimentos em mídia e adoção de técnicas sofisticadas de publicidade e marketing imprimindo um caráter mercadológico às práticas religiosas e denotando propósitos eminentemente mercantilistas. Seguindo a mesma linha de raciocínio, Dolghie (2020) parte do pressuposto de que a diversidade e concorrência religiosas, decorrentes do processo de secularização, compeliram a instituição a adotar um modelo de gestão eficiente em termos de mercado. A IURD seria a expressão máxima da inserção da religião na sociedade de consumo atendendo as demandas imediatistas do homem moderno.

Nos seus primeiros anos a IURD pouco se diferenciava de uma igreja pentecostal. Talvez devido à desconfiança e objeção das demais lideranças restando a intrepidez de Macedo que somente se tornou líder absoluto após a saída do cunhado⁴⁶. Com o passar do tempo desenvolveu características próprias e inovadoras

Atualmente a IURD caminha para um modelo de administração dinástico familiar. Lideranças de renome que despontaram como homens de confiança de Macedo, a exemplo dos bispos Honorilton Gonçalves, Clodomir Santos e Romualdo Panceiro⁴⁷, foram preteridos em favor dos genros Renato Cardoso e Júlio Freitas⁴⁸, ambos bispos ocupando posições de liderança e destaque na IURD. Renato, marido de sua filha Cristiane com quem escreve livros e assina colunas⁴⁹, apresenta programas⁵⁰, ministra palestras e, por vezes, divide o púlpito, tem sido o braço direito e fiel escudeiro sobre o qual recai a predileção de Edir Macedo que

⁴⁶ O filme autobiográfico “Nada a Perder - Contra tudo - Por todos”, baseado na trilogia homônima escrita por Edir Macedo, deixa claro a reprovação e censura de antigas lideranças em relação a suas aspirações ministeriais. Não são raros os rompantes de entusiasmo e otimismo cuja inspiração e triunfo são atribuídos a fé em Deus.

⁴⁷ Apresentadores dos programas “25ª Hora” e “Fala que eu te escuto” de abertura da programação religiosa das madrugadas na Rede Record, Honorilton e Clodomir eram bispos muito próximas a Edir Macedo figurando na linha sucessória. Romualdo se converteu na IURD em 1981 durante um culto presidido por Edir Macedo na primeira sede da igreja no bairro da Abolição. Foi evangelista, obreiro e pastor, galgando degraus até alcançar o posto de número dois na hierarquia da instituição, abaixo apenas do fundador. “É o homem de confiança de Edir Macedo. Seu sucessor oficial. O herdeiro, nas palavras do próprio bispo. — Se eu morrer hoje, o Romualdo assume tudo. E tenho certeza de que os demais bispos irão respeitá-lo como me respeitam hoje.” (TAVOLARO, 2007, p. 259). Dois outros nomes de peso, o ex-deputado federal bispo Carlos Rodrigues, afastado após suspeita de envolvimento no escândalo do mensalão, e o ex-prefeito do Rio de Janeiro Marcelo Crivella que passa por situação semelhante, perderam credibilidade e respeito.

⁴⁸ Casado com Viviane, segunda filha de Edir Macedo.

⁴⁹ “Casamento Blindado”, “Namoro Blindado” e outros títulos que versam sobre relação conjugal e amorosa lançados pela Editora Thomas Nelson. Coluna “Escola do Amor Responde” publicada semanalmente na Folha Universal.

⁵⁰ “The Love School” - A Escola do Amor transmitido aos sábados pela Rede Record desde 2011.

de forma gradativa vem preparando a sucessão do poder e comando do seu conglomerado religioso e empresarial⁵¹.

Bispos e pastores da IURD controlam 23 emissoras de televisão, 40 estações de rádio e 36 afiliadas⁵². Apenas a Rede Record, o canal Record News e a rádio Copacabana, a primeira adquirida por Macedo, estão em seu nome. O investimento maciço em rádio e televisão catapultou o crescimento da IURD que apostou alto no televangelismo. A IURD é antes de tudo um fenômeno midiático como veremos adiante.

O bem de maior ostentação e imponência da IURD é o templo de Salomão. Trata-se de uma obra faraônica orçada em 685 milhões de reais ocupando um terreno de 74 mil metros no bairro do Brás na capital paulista, ocupando praticante um quarteirão inteiro da Avenida Celso Garcia número 605. Aproximadamente três vezes maior que o Santuário de Aparecida, outrora o maior templo religioso do país, foi minuciosamente projetado para ser uma fiel reprodução do famoso templo construído pelo rei Salomão durante o apogeu do reino de Israel⁵³. Na realidade é um parque temático com várias atrações e capacidade para receber 10 mil pessoas confortavelmente sentadas no salão destinado aos cultos.

A construção, que tem altura equivalente a 18 andares, apresenta detalhes impressionantes. A iluminação da fachada, no valor de 22 milhões de reais, promete imitar o entardecer em Jerusalém. Cerca de 40 mil metros quadrados de pedras foram importados de Hebron, em Israel, por 30 milhões de reais, para revestir as paredes do megatemplo. Dois telões trazidos da Bélgica, próximos ao altar, facilitarão a visão dos fiéis. O acabamento inclui cadeiras importadas da Espanha, com o custo, cada uma, de 2,2 mil reais; mármore rosa italiano; e um jardim de oliveiras importadas do Uruguai para relembrar o Monte das Oliveiras, onde Jesus passou a sua última noite na Terra antes de ser crucificado. Uma esteira rolante vai receber o dízimo dos fiéis e levará o dinheiro do altar para uma sala-cofre (CAULYT, 2014).

O local ainda abriga sete estúdios de televisão e rádio, um museu que remonta ao contexto de época do Antigo Testamento, tabernáculo, cenáculo, heliporto e cinquenta alojamentos para pastores e convidados ilustres. Edir Macedo, esposa, filhas e genros residem na cobertura de mais de 1000 metros com vista panorâmica.

Na inauguração do templo de Salomão⁵⁴, sede mundial da IURD, estiveram presentes a presidente Dilma Rousseff e o vice Michel Temer, o antecessor Luis Inácio Lula da Silva, o governador de São Paulo Geraldo Alckmin, o prefeito Fernando Haddad e o ex-prefeito

⁵¹ Gilberto Nascimento em entrevista a Andrea Dip, 2020. <https://apublica.org/2020/01/o-bispo-edir-macedo-tem-uma-visao-muito-pragmatica-se-ha-poder-eu-to-junto/>

⁵² <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1512200731.htm>

⁵³ 1 Reis capítulo 6 descreve a construção do templo símbolo do esplendor de Israel que vivia tempos de paz e prosperidade após longo período de batalhas e conquistas.

⁵⁴ Dia 31 de julho de 2014.

Gilberto Kassab, os ministros da Secretaria Geral da Presidência da República, Gilberto Carvalho, e da Casa Civil, Aloizio Mercadante e o ministro Marco Aurélio Mello do Supremo Tribunal Federal, além de outras autoridades e políticos⁵⁵.

O contexto histórico e social que propiciou condições favoráveis para o surgimento e sucesso da IURD será abordado adiante.

1.3 Declínio católico e expansão pentecostal

O Brasil já foi considerado a maior nação católica do mundo. Noventa e quatro por cento da população se declarava católica na década de 60, número que mesmo caindo para 64,6%, segundo o censo realizado em 2010⁵⁶, ainda continua bastante expressivo. Segundo Kloppenburg (1960), a maioria daqueles que se declaram católicos é composta pelo que convencionou-se chamar de “católico não praticante”⁵⁷.

Existem, obviamente, católicos praticantes e fervorosos. No entanto, é comum declarar-se católico por tradição familiar e não por convicção religiosa. Em outras palavras, ser católico não implica a vivência autêntica e compromissada da fé católica apostólica romana.

Presente desde o descobrimento do Brasil, o catolicismo está profundamente enraizado na formação cultural do nosso povo e nas tradições da sociedade, desfrutando da condição hegemônica de religião oficial do Estado durante quatro séculos⁵⁸. A identidade católica está tão arraigada a ponto de ser normal professar outra religião e continuar sendo católico. Surgem então categorias religiosas híbridas. Católico espírita, católico umbandista, católico astrólogo, católico esotérico e até mesmo católico ateu⁵⁹. Católico evangélico jamais.

É relativamente comum o indivíduo se declarar católico ao mesmo tempo em que acredita em reencarnação ou cultua os orixás. “Santo Forte”⁶⁰, documentário produzido por Eduardo Coutinho durante a visita do papa João Paulo II ao Brasil em 1997, retrata a cultura

⁵⁵ <https://noticias.r7.com/brasil/com-a-presenca-de-dilma-templo-de-salomo-e-inaugurado-em-sao-paulo-13102016>. O diretor do filme “Nada a Perder” baseado na autobiografia de Edir Macedo utilizou cenas reais do culto de inauguração do templo de Salomão onde é possível ver as autoridades mencionadas.

⁵⁶ Realizado a cada início de década, o censo de 2020 foi adiado em função da atual pandemia. <https://www.gov.br/pt-br/noticias/financas-impostos-e-gestao-publica/2020/03/censo-demografico-e-adiado-para-2021-coleta-do-ipca-e-da-pnad-continua-e-suspensa>

⁵⁷ MAIA (2020) utiliza o termo católico nominal.

⁵⁸ A constituição de 1891 no início do período republicano determinou a separação entre Estado e religião retirando do catolicismo a condição de religião oficial.

⁵⁹ Conheço um filósofo católico ateu. Segundo o mesmo era a religião dos seus avós e pais e será dos seus filhos.

⁶⁰ Santo Forte - 1999 - Brasil. Direção Eduardo Coutinho. Documentário disponibilizado em: <https://www.youtube.com/watch?v=bF9-GiJfwog>

religiosa através de relatos de moradores da Vila Parque da Cidade localizada na Gávea, zona sul da capital do Rio de Janeiro. De um total de nove umbandistas entrevistados, seis também se declararam católicos apesar da religiosidade centrada na figura dos orixás, pretos velhos, caboclos, exus e pombas-gira, evidenciando o grande número de adeptos e praticantes da umbanda que se consideram católicos.

A umbanda incorpora elementos do catolicismo romano deslocados do contexto de origem, o que, inevitavelmente resulta em uma ressignificação de personagens e símbolos do cristianismo de modo a promover uma adequação e ajustamento aos rituais e práticas umbandistas. Os santos católicos, exemplo mais visível, passam a ser considerados orixás e são cultuados como divindades agraciadas com sacrifícios e oferendas.

Embora o sincretismo religioso tenha introduzido elementos originários do catolicismo na umbanda, criando uma “ponte invisível” entre as duas religiões, e o kardecismo⁶¹ julgue ser a terceira revelação reinterpretando o evangelho à luz dos ensinamentos espíritas⁶², é nítida a influência católica na constituição das religiões em solo brasileiro. A umbanda genuinamente brasileira⁶³ e o kardecismo praticado no Brasil, maior exportador de literatura espírita do mundo e considerado um “centro irradiador” da doutrina devido à contribuição exponencial da vida e obra de Chico Xavier⁶⁴, se apropriaram de orações, rezas, liturgias, devoções, imagens sacras e costumes provenientes do repertório católico.

A vivência da dimensão espírita católica, frequentemente observada tanto no kardecismo quanto na umbanda, emerge da formação católica que muitos adeptos receberam quando crianças e adolescentes. Analisando a massa flutuante de católicos que frequentam os centros e terreiros, Paleari (1990) concluiu que o vínculo e a empatia com as religiões mediúnicas são mais fortes, predominando sobre o catolicismo, o que remete à ideia inicial do peso da tradição católica na sociedade brasileira.

⁶¹ O francês Hippolyte Léon Denizard Rivail (3 de outubro de 1804 - 31 de março de 1969) sob o pseudônimo de Allan Kardec foi o codificador da doutrina espírita conhecida por kardecismo.

⁶² Os espíritas acreditam que a primeira revelação veio através de Moisés (velho testamento). A segunda através de Jesus Cristo (novo testamento). A terceira através de Kardec (doutrina espírita). O Evangelho Segundo o Espiritismo de Allan Kardec propõe uma releitura da vida e dos ensinamentos de Cristo sob a ótica espírita.

⁶³ Fundada em 1908 pelo médium Zélio Fernandino de Moraes (10 de abril de 1891 - 3 de outubro de 1975) na cidade do Rio de Janeiro, a umbanda é uma religião brasileira e sincrética em suas origens e essência.

⁶⁴ Francisco Cândido Xavier, mais conhecido como Chico Xavier, (2 de abril de 1910 - 30 de junho de 2002) foi um médium brasileiro, filantropo e expoente do espiritismo mundialmente reconhecido pela vasta literatura psicografada. A dedicação às obras de caridade e divulgação do espiritismo fez de Chico Xavier o médium de maior popularidade dentro e fora do país.

Mesmo o candomblé que buscou preservar sua origem ioruba⁶⁵ mantém laços sincréticos com o catolicismo. A procissão de Nossa Senhora da Boa Morte na Bahia é celebrada conjuntamente por padres e babalorixás reunindo grande número de católicos e candomblecistas na matriz de Salvador⁶⁶.

A religião evangélica, diferentemente do espiritismo e da umbanda, manteve um distanciamento do catolicismo, condenando o sincretismo e, conseqüentemente, rivalizando com todas as demais crenças. Em território altamente sincrético como o brasileiro, protestantes, evangélicos e pentecostais⁶⁷ formam uma espécie de religião alienígena introduzida por colonos europeus e missionários norte-americanos.

A diversidade e concorrência em solo católico sincrético insuflaram o fervor proselitista das comunidades pentecostais na defesa e afirmação da fé evangélica. O pentecostalismo desenvolveu-se à margem da cultura religiosa predominante no Brasil, colidindo frontalmente com o catolicismo dominante e as manifestações religiosas adjacentes⁶⁸.

Nisso reside a motivação fundante para o fervor e a “guerra santa”, contra todas as demais religiões, notadamente aquelas que manipulam poderes sobrenaturais através da magia. Identificado o inimigo, não falta motivação para essa “luta” contra a malignidade invisível e suas pretensas expressões religiosas... A ênfase exacerbada no exorcismo alimenta a “guerra santa”, conquanto a identificação dos demônios com os orixás e divindades do candomblé e da umbanda representa um mecanismo de desmoralização dessas religiões, constituindo-se também num passo importante para obtenção da hegemonia religiosa no meio popular, um dos grandes objetivos do PA (protestantismo autônomo). (ANTONIAZZI, 1994, p. 26)

Os dados do IBGE apontam para um crescimento extraordinário dos evangélicos a partir da década de 80 em contraste com o declínio do catolicismo, sugerindo que o rebanho católico trocou a missa pelo culto, o padre pelo pastor. O fluxo migratório do catolicismo para

⁶⁵ “Torubá é o nome de uma das maiores etnias do continente africano em termos populacionais. A maior parte dos iorubás vive na Nigéria, mais precisamente na região sudoeste do país. Há também importantes comunidades presentes em Benim, Gana, Togo e Costa do Marfim. Devido ao tráfico de escravos, bastante ativo na área entre os séculos XV e XIX, muitos traços da cultura, língua, música e demais costumes foram disseminados por extensas regiões do continente americano, com destaque para Brasil, Cuba, Trinidad e Tobago e Haiti. Boa parte da população negra no Brasil veio de terras iorubas”. (SANTIAGO, 2021)

⁶⁶ Corresponde ao feriado nacional de Assunção de Nossa Senhora celebrado em 15 de agosto. No sincretismo religioso, principalmente entre adeptos do candomblé na Bahia, as comemorações iniciam-se em 13 de agosto na cidade de Cachoeira, recôncavo baiano, e encerram no dia 15 juntamente com os festivais católicos.

⁶⁷ Autores como Oro (1996) e Mariano (1999) denunciam o uso de símbolos e elementos ritualísticos da umbanda por pastores da IURD que se vestem de branco em alusão aos pais de santo e realizam sessões de descarregado. Não se trata de sincretismo e sim de apropriação com a finalidade de atrair e converter adeptos e simpatizantes das religiões de matriz africana. A intenção é alijar a concorrência ofertando uma magia do bem capaz de neutralizar e desfazer a magia do mal associada aos cultos e entidades do panteão afro-brasileiro.

⁶⁸ Conforme mencionado no capítulo anterior, a IURD considera o espiritismo e a umbanda extensões e apêndices do catolicismo romano.

o pentecostalismo é admitido pela Igreja que não consegue estancar a sangria de fiéis e acusa as “seitas pentecostais” de utilizar meios escusos na exploração da fé cristã e da credulidade alheia. Pela primeira vez na história do país o monopólio simbólico do catolicismo é ameaçado.

As atitudes católicas face ao pentecostalismo se manifestam na segunda metade dos anos 80, quando perde força a polêmica contra o regime autoritário, e a Igreja Católica, agora menos preocupada com suas responsabilidades políticas, descobre a difusão de uma religiosidade e o crescimento daqueles que impropriamente chama de “seitas”... Considerando-se que, nos últimos anos, o pentecostalismo é a face mais evidente e agressiva da expansão dos cultos não católicos, não há dúvida que os temores de um proselitismo anticatólico se voltam para o pentecostalismo... O pentecostalismo não traz para a Igreja Católica uma contribuição teológica. Serve, porém, para sacudir os católicos e a hierarquia da Igreja, demasiadamente acomodados a uma situação em que o catolicismo detinha o quase monopólio da religião”. (ANTONIAZZI, 1994, p. 17, 18, 20)

A secularização no Brasil originou um pluralismo religioso que orbitou em torno do catolicismo. A separação entre Estado e Igreja resultou em uma diversidade religiosa não emancipada do catolicismo em termos culturais, observada na religiosidade popular brasileira miscigenada entre o catolicismo romano, os cultos afro-brasileiros e rituais ameríndios. Lima (1979) e Paleari (1990) falam em “bricolagem” ou “colcha de retalhos” referindo-se à miscelânea de conceitos religiosos oriundos de doutrinas distintas amontoados na consciência religiosa do brasileiro, tendo o catolicismo como base ou fonte maior de inspiração.

Na visão de Peter Berger (1985), ao perder o vínculo com o Estado, o monopólio religioso do catolicismo começa a ruir diante de um mundo secularizado que não mais comporta a hegemonia de uma religião dominante e sua intromissão na vida social e política sem, no entanto, perder o sentido religioso e apego à visão transcendental da existência humana que somente a religião é capaz de oferecer.

Refutando a relação denexo e causa entre secularização e modernidade na busca por respostas para a revitalização da religião em mundo aparentemente secularizado, Berger (2001) analisa o impacto do fenômeno que vai muito além da separação entre Estado e igreja que resultou em um Estado laico sem interferência religiosa. A quebra do monopólio religioso do catolicismo romano abriu um leque de opções religiosas inferiorizadas e reprimidas pela hegemonia católica. Todas as religiões passaram a gozar dos mesmos direitos sem privilégios e concessões por parte de um Estado paternalista abrigando confortavelmente o alto clero católico. A diversidade de crenças propiciou uma liberdade de manifestação religiosa nunca antes experimentada, questionando padrões e convicções até então assimilados de forma mecânica dada a naturalidade com que o catolicismo infiltrava nas tradições das sociedades da

Europa católica e países de colonização ibérica. A necessidade imperativa de legitimação e plausibilidade social tornou-se o único meio de sobrevivência e ascensão das religiões.

É por demais óbvio que as religiões minoritárias foram as principais beneficiárias da secularização ao passo que o catolicismo, inconformado e fragilizado pelo rompimento das relações oficiais com o Estado, assistia atônito a dispersão do rebanho seduzido por outras crenças. Conter a sangria de fiéis passou a ser o maior desafio da Igreja Católica, o que, certamente, implicou na adoção de um novo paradigma evangelístico na defesa e afirmação da fé católica em uma sociedade plural e secularizada.

A situação pluralista, ao acabar com o monopólio religioso, faz com que fique cada vez mais difícil manter ou construir novamente estruturas de plausibilidade viáveis para a religião. As estruturas de plausibilidade perdem solidez porque não podem mais apresentar a sociedade como um todo para servir ao propósito da confirmação social. Em termos simples, sempre há 'todos os outros' que se recusam a confirmar o mundo religioso em questão. Torna-se cada vez mais difícil para os 'habitantes' de um dado religioso permanecer entre nous (sic) na sociedade contemporânea (BERGER, 1985, p. 162).

Posteriormente, Peter Berger (2001) contesta a própria tese de que a modernidade trouxe consigo a secularização, partindo do pressuposto de que o mundo não fora de fato totalmente secularizado. O recrudescimento do fundamentalismo religioso instigou o autor a analisar a influência da religião e sua capacidade de introjetar nos indivíduos valores e perspectivas que se contrapunham ao estilo de vida e pensamento secular, revitalizando a religião e reinsertando o sagrado no processo civilizatório do mundo moderno.

Argumento ser falsa a suposição de que vivemos em um mundo secularizado. O mundo de hoje, com algumas exceções que logo mencionarei, é tão ferozmente religioso quanto antes, e até mais em certos lugares. Isso quer dizer que toda uma literatura escrita por historiadores e cientistas sociais vagamente chamada de "teoria da secularização" está essencialmente equivocada. Em trabalhos anteriores contribuí para essa literatura (BERGER, 2001, p. 10).

O Estado laico brasileiro reduziu a religião à consciência individual de quem a professa, abrindo caminho para a liberdade religiosa e a diversidade de crenças. Contudo, o domínio religioso e cultural do catolicismo sobreviveu incólume à separação do Estado. A Constituição Federal promulgada sob a proteção de Deus, a bíblia aberta nos lares, o crucifixo nas repartições públicas, as datas festivas e feriados nacionais como a Páscoa e o Natal demonstram o quanto o catolicismo está entranhado no corpo social. Somente a partir da década de 80, as estruturas católicas são abaladas pela ascensão vertiginosa do pentecostalismo evangélico.

Segundo Mariano (1999), a ascensão vertiginosa do neopentecostalismo nas décadas seguintes provocou um surto de crescimento no número de evangélicos no país e estimulou o surgimento de uma infinidade de igrejas que se projetaram no sucesso das primeiras denominações neopentecostais.

De acordo com Berger (1985), em contextos não secularizados a diversidade e competição religiosas são suprimidas, monopolizando o sistema religioso vigente a exemplo do catolicismo no Brasil até 1891⁶⁹. Os laços com o Estado inibiram a existência e vigor da pluralidade religiosa no Brasil, bem como a consolidação de um mercado religioso próspero e plural, garantindo a “boa vida” do catolicismo.

A característica-chave de todas as situações pluralistas, quaisquer que sejam os detalhes de seu pano de fundo histórico, é que os ex-monopólios religiosos não podem mais contar com a submissão de suas populações. A submissão é voluntária e, assim, por definição, não é segura. Resulta daí que a tradição religiosa, que antigamente podia ser imposta pela autoridade, agora tem que ser colocada no mercado. Ela tem que ser 'vendida' para uma clientela que não está mais obrigada a 'comprar'. A situação pluralista é, acima de tudo, uma situação de mercado. Nela, as instituições religiosas tornam-se agências de mercado e as tradições religiosas tornam-se commodities de consumo. E, de qualquer forma, grande parte da atividade religiosa nessa situação vem a ser dominada pela lógica da economia de mercado. (BERGER, 1985, p. 149).

Casanova (2007) destaca como a imigração fomentou a pluralidade religiosa modificando os padrões religiosos e culturais nos Estados Unidos e Europa. A ausência de diversidade de crenças resulta na acomodação religiosa. Em sentido oposto, obriga as instituições religiões a buscar inserção no espaço público como meio de sobrevivência e legitimação.

Segundo Mariano (1999), as lideranças evangélicas aprimoraram o modelo no qual os indivíduos manipulam o sobrenatural objetivando recompensas através de trocas simbólicas com os deuses sob a mediação das instituições religiosas. O manejo do sistema de recompensas permite às instituições religiosas cativar e fidelizar os fiéis, direcionando seus serviços a determinado público-alvo. As igrejas evangélicas souberam como ninguém direcionar seus serviços para as necessidades espirituais e demandas de um público potencialmente receptivo, reestruturando expectativas, esperanças e desejos a novos referenciais religiosos que conciliem os anseios da coletividade com os interesses da própria instituição.

⁶⁹ Início do período republicano que resultou na separação entre Igreja e Estado.

Segundo Paleari (1990), a crise das ideologias somada à desilusão em relação à mudança da realidade pela via das transformações políticas e sociais, sentimento generalizado típico da modernidade, propiciaram uma renovação religiosa no Brasil que favoreceu, sobretudo, o pentecostalismo evangélico e os católicos carismáticos. O engajamento político católico que nos anos 70 mobilizou a Igreja na luta contra as injustiças sociais perde força na década seguinte quando o neopentecostalismo ganha corpo com a proliferação de igrejas nas periferias e bairros populares.

É importante esclarecer que o neopentecostalismo penetrou nas classes abastadas construindo templos luxuosos nas áreas nobres das grandes cidades, não sendo os empobrecidos e menos endinheirados seu único público. Mas o ponto de partida e o alvo inicial foram os extratos pobres da sociedade⁷⁰. Renascer em Cristo, Sara Nossa Terra, Bola de Neve, Associação Vitória em Cristo e Igreja da Cidade atingem um público essencialmente de classe média e alta, no caso das duas últimas majoritariamente abastado.

A IURD ergue templos faraônicos ou aluga arenas e galpões imensos para receber milhares de fiéis⁷¹. O povo almeja a bonança divina e anseia por presenciar e experimentar o miraculoso. As mensagens garantem que Deus provém o sustento e a fartura, cura o físico, restaura o emocional, devolve a paz interior e renova as forças para prosseguir na caminhada terrena. Promessas de bem-estar físico e emocional, êxito profissional e financeiro animam e confortam ricos, emergentes e pobres.

No plano, porém, dos problemas imediatos que a população sofre na carne – fome, falta de saúde, desorientação espiritual, desavenças familiares... – a Igreja Católica parece menos ágil e menos atenta, tendo inclusive renunciado às práticas terapêuticas tão procuradas por parte da população... A função “terapêutica” do PA (pentecostalismo autônomo) residiria, antes de mais nada e acima de tudo, na atenção que destina à população sofrida, que sente fruir o alento de ter sido lembrada por alguém. Não importa muito se os males de fato desaparecem, mas vale o fato de pessoas terem sido acolhidas e dignificadas. Mais do que nunca a massa necessita de cura para sua alma... Entretanto, o crescimento numérico do PA e sua extraordinária capacidade de mobilização demonstra que a proposta oferecida está em sintonia com

⁷⁰ “A despeito de serem majoritariamente pobres, os pentecostais nunca fizeram elogios nem atribuíram significado redentor à pobreza”. (MARIANO, 1999, p. 158). “Não obstante o expressivo contingente de fiéis de classe média em suas fileiras, a maioria de seus membros é composta por pessoas de baixa renda”. (MARIANO, 1999, p. 103). Embora o pentecostalismo atinja parcela significativa dos segmentos mais pobres da população brasileira... O pentecostalismo dirige-se a uma clientela pobre, massacrada pela exclusão e marginalização do capitalismo e que vê no discurso negador do mundo sua alternativa para integrar-se pelo menos aos grupos comunitários (CAMPOS JÚNIOR, 1995, p. 78).

⁷¹ Campas Júnior (1995) destaca as concentrações de fé realizadas pela IURD que lotavam os estádios de futebol no final da década de 80 e início dos anos 90. Documento Especial exibido pela extinta TV Manchete no ano de 1989 registrou uma concentração no estádio do Maracanã com sessões de exorcismo, supostas curas coletivas e manifestações de êxtase. Edir Macedo preside o culto, expulsa demônios, coloca Lúcifer de joelhos, canta, ora e conclama a multidão a jogar os óculos no gramado como demonstração de fé e cura das deficiências visuais. <https://www.youtube.com/watch?v=wDjg01OC55s> (Trecho 34:50 a 43:20)

as demandas espirituais da população brasileira de todas as camadas sociais. (ANTONIAZZI, 1994, p. 21, 25, 33)

O sucesso do neopentecostalismo iurdiano no Brasil comprova que uma religião voltada para as conquistas materiais e realizações pessoais é mais atraente aos olhos da população carente do que o engajamento na luta política pela melhoria das condições de vida e combate aos fatores responsáveis pela geração e perpetuação da pobreza. Conforme CAMPOS JÚNIOR,

Outra característica marcante deste ramo pentecostal é a maneira com que os líderes transmitem suas mensagens. O movimento adota uma linguagem “mais popular” quando trata dos problemas cotidianos... Torna-se necessário considerar que a pior das crises econômicas no Brasil tem contribuído decisivamente para o aumento dos segmentos pentecostais. Com um projeto imediatista, a IURD consegue atrair as pessoas para seus templos. A recessão, o desemprego, a falta de perspectivas se transformaram em catalisadores do pentecostalismo no Brasil. Tais fatores contribuem para o já desenfreado desenvolvimento de religiões que, com uma linguagem mais simples, atingem amplamente os setores marginalizados sem lhes dar uma solução material... O movimento pentecostal surge como alternativa para os setores marginalizados e pobres que procuram sobreviver em meio às contradições violentas do sistema capitalismo. Devido aos precários serviços de saúde, e assistência de uma maneira geral, as populações pobres vão encontrar, mesmo que em parte, um amparo em religiões de caráter sectário e espiritualizante, mas que possuem uma linguagem que lhes é acessível (CAMPOS JÚNIOR, 1995, p. 58, 115).

É nos setores pobres e marginalizados da sociedade que o neopentecostalismo encontrou “terras férteis” para os seus empreendimentos. Estima-se que a cada dia vinte e cinco novas organizações religiosas sejam abertas no país, uma por hora, a imensa maioria evangélica⁷². São tantas igrejas dissidentes de outras dissidências que torna-se impossível saber o número exato de denominações existentes em território nacional.

Apesar de possuir templos em diversos países europeus⁷³ e até mesmo no Japão⁷⁴, a atuação da IURD no primeiro mundo é discreta quando comparada ao seu esplendor no Brasil, sem esquecer das nações da América do Sul e África onde a igreja se estabeleceu com relativo sucesso, além da comunidade latina nos Estados Unidos⁷⁵.

⁷²<https://oglobo.globo.com/brasil/desde-2010-uma-nova-organizacao-religiosa-surge-por-hora-21114799>

⁷³ A IURD está presente em mais de cem países, atingindo principalmente as camadas mais pobres e menos escolarizadas da população. A denominação possui templos em 28 países da Europa, 5 da América do Norte, 11 da América Central, 10 da América do Sul, 24 da África, 16 da Ásia e 3 da Oceania. <https://noticias.r7.com/brasil/universal-completa-43-anos-com-10-milhoes-de-fieis-pelo-mundo-09072020>

⁷⁴ Na cidade de Hamamatsu, província de Shizuoka, região que concentra um número expressivo de brasileiros. <https://noticias.r7.com/brasil/universal-completa-43-anos-com-10-milhoes-de-fieis-pelo-mundo-09072020>

⁷⁵ Atualmente a IURD possui 250 templos nos Estados Unidos onde aportou em 1987 marcando o ponto de partida da expansão mundial da igreja. <https://www.universal.org/noticias/post/universal-nos-estados-unidos-o-inicio-da-expansao-pelo-mundo/>. Segundo Justino (1995), Macedo planejava comandar seu império religioso a partir de uma sede localizada em Nova York. Contudo, suas ambições e metas não foram alcançadas devido ao baixo desempenho da denominação em solo americano.

Quando aportou em Nova York, em 1987, Macedo dizia que em dois anos a sua Igreja repetiria nesse país o mesmo sucesso ocorrido nos países latinos por onde ele havia passado... Aos poucos o bispo foi descobrindo que a sua chamada “missão” norte-americana seria mais espinhosa do que ele havia imaginado... Rejeitado pela classe média e branca dos americanos, o bispo, após quatro anos de murros em ponta de faca, repensou o papel da Igreja Universal no país e voltou às origens jogando sua rede na direção do único peixe que engole sua isca – o sofrido peixe latino. O inglês, como um demônio, foi expulso dos cultos, que passaram a ser realizados num único idioma: o portunhol... Nesta sua volta às raízes, a Igreja passou a distribuir seus templos entre as comunidades latinas do país: a do Brooklyn passou a ser dos porto-riquenhos da área e a de Manhattan ficou para os brasileiros e poucos americanos que restaram. Também foram inaugurados novos templos na portuguesa New Belford, na brasileiríssima Newark e em Miami, a Canaã cubana. Os bons ventos voltaram a soprar e já havia até quem falasse em concentração na Madison Square Garden, a maior casa de shows da cidade. (Justino, 1995, p. 103, 104, 105)

Segundo CAMPOS JÚNIOR (1995), nos problemas sociais oriundos da pobreza em que vive a maioria dos brasileiros se encontra a razão do sucesso e opulência do neopentecostalismo iurdiano. Um povo carente do minimamente básico para viver com dignidade, sem saúde, educação e à mercê da ganância e corrupção que norteiam as ações no campo político tem sido um “fermento” para o crescimento de igrejas cujo imperativo de ascensão repousa na ignorância e sofrimento de grande parte da população brasileira. “O pentecostalismo dirige-se a uma clientela pobre, massacrada pela exclusão e marginalização do capitalismo e que vê no discurso negador do mundo sua alternativa para integrar-se pelo menos aos grupos comunitários (CAMPOS JÚNIOR, 1995, p. 87).

O amparo espiritual seria de grande valia diante da incapacidade do poder público em suprir as necessidades básicas e da sociedade em oferecer alento para um contingente cada vez maior de pessoas que sofrem dos mais diversos males.

Desde o estudo pioneiro de Beatriz Muniz de Souza, em 1969, que atribuía o avanço do pentecostalismo à contribuição que este dava ao ajustamento dos crentes à sociedade urbana, até os recentes estudos de Rolim, muito caminho foi percorrido. Podemos hoje, resumir as múltiplas explicações. Todas têm uma certa verdade, como por exemplo: o povo pobre do interior que vem para as grandes cidades encontra na religião pentecostal laços de afinidade e possibilidade de auxílio mútuo. A situação de anomia (ausência de pontos de referência e massificação) é preenchida por essas comunidades fraternas. A situação social miserável empurra para os grupos de cura divina, que permitem encontrar explicações e remédios a partir do próprio mundo (PALEARI, 1990, p. 93).

Para além das redes de apoio e solidariedade e do ajustamento social decorrente do abandono da criminalidade, prostituição, vícios e hábitos nocivos, existe uma relação simbólica, um intercâmbio entre produtor e receptor que interagem em um mesmo espaço social. A conquista da hegemonia no campo religioso requer a inserção na cultura,

pensamento e modo de vida do público-alvo. A mensagem religiosa utiliza uma linguagem própria de grande impacto e fascinação. O aparato simbólico traz consigo o domínio da ideologia construtora da identidade social dos indivíduos.

As igrejas neopentecostais de um modo geral, e a IURD em particular, se adaptaram com desenvoltura à modernidade. A modernidade confere aos indivíduos autonomia e independência em relação aos ditames religiosos do passado, racionalizando a escolha da religião de acordo com a conveniência particular e consciência íntima em versões bem menos exigentes em termos de abnegação e sacrifício, privilegiando os grupos neopentecostais em detrimento do catolicismo romano e do protestantismo histórico. Conforme Nascimento,

O exame das características e das doutrinas da Igreja Universal do Reino de Deus demonstrou que ela representa uma adaptação do pentecostalismo à geração pós-moderna, ávida pelo bem-estar físico e pelo consumo de bens seculares. Uma religiosidade que não exige mudanças substanciais no estilo de vida. (Nascimento, 2010, p. 33)

O catolicismo preconiza um padrão de santidade baseado na recusa das ambições materiais e prazeres carnis⁷⁶. As igrejas neopentecostais, uma vez mais, trilham caminho inverso atendendo as necessidades sofisticadas e demandas imediatistas do homem moderno e, por conseguinte, refutando o modelo de espiritualidade católica alicerçado na pobreza, castidade e obediência à Igreja⁷⁷. Não é de se estranhar o crescimento evangélico oriundo dos extratos pobres da sociedade cativando as classes abastadas ao disseminar um sistema sagrado eminentemente mercantilista que oferece solução imediata para todos os males prometendo o paraíso na terra em tempo real. Na concepção das lideranças e fiéis todo mal emana do diabo e forças auxiliares personificadas em entidades do panteão africano. Na linha de frente do combate está a Igreja Universal do Reino de Deus em sua eterna cruzada contra as hostes malignas do inferno, como veremos adiante.

⁷⁶ Seminaristas, noviços e religiosos católicos em formação fazem três votos: pobreza, castidade e obediência à Santa Madre Igreja.

⁷⁷ É por demais notório o contraste entre a rigidez moral do catolicismo romano e a liberalidade iurdiana. O exemplo mais visível é a condenação do uso de métodos contraceptivos pela Igreja Católica. Já Edir Macedo defende o planejamento familiar, o uso do preservativo para prevenir doenças sexualmente transmissíveis e acha o aborto mais humano do que o abandono de uma criança (TAVOLARO, 2007, p. 223).

2. Todo mal é espiritual

O segundo capítulo aborda o universo iurdiano com ênfase na centralidade da figura do demônio e pretende suplantar a inviabilidade de uma pesquisa de campo diante da pandemia global por corona vírus que causou numerosa perda de vidas, resultando na adoção de medidas sanitárias que restringiram a aglomeração em cultos e celebrações religiosas. O material foi selecionado de modo a propiciar um conhecimento acerca do modelo e dinâmica dos cultos alicerçados na tríade cura, libertação e prosperidade. A análise é descritiva concentrando-se em documentários, reportagens, vídeos e páginas na internet, objetivando uma imersão no universo do grupo religioso pesquisado e familiaridade com seu arcabouço simbólico e linguístico.

A descrição do objeto de análise atua ao mesmo tempo como delimitador do próprio objeto e construtor empírico da realidade que se pretenda pesquisar. Este recurso propicia um contato do pesquisador com a realidade que está sendo analisada, facilitando a compreensão das suas particularidades e lógica interna. A intenção é enriquecer o trabalho conferindo singularidade e relevância à pesquisa, autonomia e desenvoltura ao pesquisador, muitas das vezes limitado a fundamentar-se nos trabalhos de outros autores, compilando dados e reproduzindo informações que já estão disponibilizadas.

Este capítulo tem por finalidade analisar as estratégias de sedução e convencimento inseridas na mensagem religiosa com o propósito de arrebanhar novos seguidores e angariar volumosas contribuições em dinheiro, além de comprovar o domínio exercido sobre os fiéis através de um mundo simbólico, imaterial, que assume um sentido real na vida diária daqueles que recorrem às numerosas práticas e rituais da IURD.

2.1 O demoniocentrismo iurdiano

De acordo com Mariano (1999), a pregação da IURD está centralizada na figura do demônio. A palavra *diabo* e seus respectivos sinônimos são as mais pronunciadas. Tem-se a impressão de que Deus está relegado a segundo plano diante do “demoniocentrismo” iurdiano.

Não compete ao pesquisador desvendar se tal fenômeno é fruto do psiquismo humano ou de uma experiência sobrenatural comprovada através da observação empírica, apenas verificar a dimensão que tais eventos assumem na vida cotidiana de pastores e fiéis que participam ativamente das sessões de exorcismo, tecendo considerações acerca da centralidade e conotação da figura do diabo na religiosidade iurdiana.

“É um mundo espiritual que nós não podemos ver com os nossos olhos, mas que é real”, adverte o bispo da IURD, Honorilton Gonçalves, referindo-se à constelação de forças malignas presentes em nosso meio. Seja qual for o problema, a resposta é sempre a mesma. “O mal é espiritual”. “É obra de macumbaria”. “Há demônios trabalhando para a destruição da sua vida”. A solução para o problema é apresentada logo em seguida. “Você precisa de libertação espiritual”⁷⁸.

O conceito de libertação espiritual da IURD insiste na crença nos demônios como causadores de todos os males e na necessidade de recorrer aos rituais de exorcismo para extirpá-los. Segundo as lideranças religiosas, todos aqueles que sofrem de algum problema físico, emocional ou financeiro estão sob domínio e ação de demônios. A participação nos rituais é exigida sob ameaça da ação destrutiva dos demônios que causam doenças, falência, desemprego e brigas conjugais.

Na concepção de pastores e fiéis não existe análise sociopolítica ou da conjuntura econômica do país. Miséria, falência e desemprego têm como causa direta a atuação de forças espirituais malignas que precisam ser exorcizadas. Doenças, acidentes, problemas conjugais, vícios, depressão e desarmonia familiar são consequências de maldições e trabalhos de macumba⁷⁹. “Como tudo é tratado sob uma perspectiva espiritual, quaisquer males (doenças, conflitos familiares, dificuldades no trabalho, vícios) são considerados resultado da ação de espíritos malignos” (CAMPOS JÚNIOR, 1995, p. 71).

Ao passo que a pobreza, a doença, o infortúnio e a desgraça são decorrentes da atuação e envolvimento com os demônios, a prosperidade, a felicidade e o bem-estar são colocados como algo individualmente realizável mediante a participação em campanhas e correntes que fazem parte da profusão de rituais pretensamente milagrosos ofertados pela IURD.

Atribuindo a existência dos males humanos à atuação dos demônios, as lideranças iurdianas obtêm respostas prontas e uma solução única para os questionamentos e aflições do povo. Para Assmann (1993), as explicações dos líderes neopentecostais em relação à precariedade da existência humana têm finalidade doutrinária. Uma vez convencidos do poder maligno dos demônios e da eficácia dos rituais no combate a estas entidades invisíveis e poderosas, a multidão de desesperados em busca de solução para suas aflições torna-se adepta

⁷⁸ Durante uma sessão de exorcismo gravado pela equipe jornalística do Documento Especial no ano de 1989. <https://www.youtube.com/watch?v=8QBg5TWWCws>

⁷⁹ Na concepção da IURD, macumba engloba toda manifestação religiosa afro-brasileira. Lapasse e Luz (1972, p. 3) esclarecem que embora incorreto, o termo é bastante popular e possui sentido pejorativo remetendo à ideia de despacho espiritual, geralmente voltado para a prática do mal. Tecnicamente refere-se a um instrumento sonoro semelhante ao reco reco.

em potencial do movimento religioso propagandeado. O baixo nível de instrução e escolaridade não permite aos mesmos compreenderem as reais causas dos problemas sociais, a origem das doenças e a complexidade dos transtornos afetivos e emocionais.

Esclarecendo quanto ao fato da IURD estar assentada nas camadas pobres da sociedade, além do sucesso e boa aceitação por parte da população carente, estes fatores mostram claramente que as respostas dos líderes religiosos atendem magistralmente ao perfil da gente simples e sofrida do nosso país.

Outro aspecto importante do discurso iurdiano, destacado por Mariano (1999), são as referências a elementos do misticismo popular e superstições que estão entranhados na cultura religiosa do brasileiro. As lideranças da IURD exploram estas credices no intuito de atrair uma parcela significativa da população que acredita piamente em seres do além, bruxaria, ocultismo, mal olhado, inveja, maldições, mandingas e simpatias. A esse respeito, Mariano (1999) esclarece que desprendidos do contexto religioso de origem, os elementos de outras crenças que foram incorporados aos cultos da IURD fazem parte das estratégias de conversão dos praticantes das religiões mediúnicas.

As semelhanças entre a IURD e a umbanda surgem a partir da imitação das práticas do concorrente. Os rituais da IURD que prometem solucionar todos os tipos de problemas, curar as doenças, desfazer as maldições e os trabalhos de magia negra, abrir os caminhos da prosperidade, são originários da umbanda. Mariano (1999) descreve os cultos de exorcismo onde os fiéis trazem retratos e peças de roupas dos entes problemáticos, andam sobre o sal grosso, assinam documentos empresariais com a caneta ungida, levam para casa a rosa vermelha que purifica o ambiente e o sabonete abençoado que limpa a “sujeira espiritual”. Na “sessão do descarrego”, pastores vestidos de branco em alusão aos pais e mães de santo exorcizam os “encostos”.

Atualmente em desuso, o termo “encosto”, originário da umbanda, era a principal referência na década passada. Segundo Valeriu (2009), as mudanças sutis que se processam nos cultos de libertação espiritual, a especialidade da IURD e “marca registrada” da denominação, demonstram que o formato vilipendiador e o tom beligerante em relação à religiosidade de matriz africana seguem inalterados. Uma vez que deixaram de ser televisionados em virtude de processos na justiça movidos por pais e mães de santo, tem-se a falsa impressão de que houve um esmorecimento no combate aos guias, orixás e caboclos.

Assim como nos filmes, desenhos e literatura infanto juvenil em geral, na IURD os papéis de mocinho e vilão estão muito bem definidos, reproduzindo a eterna luta entre o bem e o mal. É impossível não reconhecer um traço humorístico nas sessões de exorcismo da

IURD. Os embates entre pastores e supostos endemoniados beiram o grotesco, atingindo o clímax no atracamento físico entre pastores e obreiras e os que se encontram aparentemente possessos. As lutas corporais nos púlpitos iurdianos são comuns e não raro protagonizam cenas hilárias⁸⁰.

A batalha espiritual empreendida pela IURD é levada ao extremo pelas lideranças e fiéis. Segundo Mariano (1999), tudo se inicia com as obreiras incumbidas de identificar os “possessos” e conduzi-los à presença dos pastores. Diante da multidão que lota o templo, o pastor ordena que o “mal” saia da vida dos presentes. Alguns fiéis se debatem como se estivessem tendo um ataque epilético. Outros dão um grito estridente curvando-se com as mãos para trás em forma de garra, postura clássica e sinal mais evidente da manifestação demoníaca. Com forte presença feminina, a função de obreiro na IURD emprega grande número de mulheres que trabalham arduamente durante a ministração dos cultos de libertação espiritual.

Vencida a resistência dos relutantes em comparecer ao púlpito, o que pode demandar o esforço conjunto de vários pastores e obreiras, perfilados os “endemoniados” aguardam em silêncio a vez de ser interrogados. Quem é você, há quanto tempo habita este corpo, se por obra de macumbaria ou a mando de algum desafeto do possuído são as perguntas de praxe. Daí emergem as principais diferenças com o diabo do imaginário popular. Via de regra o diabo iurdiano é equiparado a uma entidade do panteão afro-brasileiro, normalmente um exu ou pomba-gira. Exu caveira, tranca rua, zé pelintra, pomba-gira maria padilha, maria mulambo e maria navalha⁸¹ são presenças cativas nas sessões de exorcismo, embora nomes convencionais como satanás e Lúcifer façam parte do vocabulário de pastores e fiéis.

Neste sentido, a figura do diabo inspirada no catolicismo popular se difere substancialmente da representação do diabo personificado em símbolos e elementos do

⁸⁰ Em duas ocasiões distintas, a equipe jornalística do Documento Especial, exibido pela extinta TV Manchete, registrou sessões de exorcismo. Presidindo um culto no Maracanã, Edir Macedo humilha Lúcifer e Omolu diante do estádio lotado. Supostos endemoniados gritam e se debatem freneticamente. Uma mulher corre pelo púlpito derrubando um pastor antes de cair da arquibancada. Outra aparentemente possui esmurra o bispo Honorilton Gonçalves. <https://www.youtube.com/watch?v=wDjg01OC55s> (Trecho 34:50 a 36:47). Em outra incursão a uma igreja da IURD, a equipe filmou o bispo Honorilton Gonçalves desafiando e debochando de entidades do panteão africano após subjugar-las aos gritos de “queima” dos fiéis e cantos improvisados como “exu caveira é um bobão, olha a cara dele”. “Queima tranca rua, queima demônio escondido em algum lugar. Manifesta agora em o nome de Jesus”. “A umbanda não é uma porcaria” pergunta o bispo. A plateia responde positivamente. “E olha, nos vamos lutar contra essa porcaria até o fim. Pode escrever o que nós estamos falando aqui. Quem estiver ouvindo. Pai de santo, mãe de santo. Nós vamos lutar contra essa porcaria e vamos pisar nela” finaliza dirigindo-se à câmera de reportagem. <https://www.youtube.com/watch?v=8QBg5TWWCws> (Trecho 0:00 a 4:53).

⁸¹ Entidades da umbanda e, principalmente, da quimbanda e umbanda de esquerda. No imaginário popular associadas ao mal e aos “trabalhos pesados” contra desafetos e pessoas que se queria prejudicar. <https://www.youtube.com/watch?v=8QBg5TWWCws> / <https://www.youtube.com/watch?v=wDjg01OC55s>

sincretismo religioso presentes na umbanda e no candomblé sem, no entanto, perder a conotação maligna como arquirrival de Deus e inimigo da humanidade seguindo a tradição judaico-cristã. Segundo Martino (2003), significa dizer que os espíritos, as entidades desencarnadas e os orixás, denominados de “encostos”, invocados pelos sacerdotes, sacerdotisas e praticantes das religiões afro-brasileiras, são os responsáveis por todos os problemas do mundo moderno.

As manifestações do mal sempre começam ou passam por um centro espírita, na visão da Universal. É dos “pais dos santos”, “guias” e “exus” a culpa de todas as dificuldades enfrentadas pelas pessoas que chegam à IURD. A vantagem de haver um grande inimigo a ser combatido é no tocante à unidade do grupo. Como é observável em qualquer situação de guerra, facções contrárias unem-se na luta contra um inimigo comum. Mesmo os alemães, na Segunda Guerra, escolheram os judeus como fonte de todo o mal do planeta. Em ambos os casos, culpe-se os judeus ou os “espíritos”, há a identificação de todo mal com um único grupo, sem se avaliar por momento algum quaisquer outras causas da infelicidade humana. O inimigo está lá, pronto para ser combatido, para a erradicação do mal. Não se trata, como no caso de outras religiões, de mostrar que determinada interpretação bíblica ou conjunto de práticas dogmáticas de uma religião é mais correta que a outra. Os “espíritos” são culpados pelo mal, são a fonte e manifestação do mal. (MARTINO, 2003, p. 149)

Vencido por meio da coragem dos pastores revestidos com a proteção e autoridade divinas, prevalece a imagem de uma criatura desprezível e instigadora da maldade humana. Pertencente ao plano metafísico, ancorado em uma realidade transcendente, o diabo nos cultos iurdianos deve ser enfrentado, subjugado e humilhado. Prova do poder que Deus confere aos pastores na vitória sobre o mal.

Nas sessões de exorcismo ainda é possível perceber outro componente: a manipulação dos sentimentos. O culto iurdiano entroniza a figura do pastor que consegue prender a atenção dos fiéis do início ao fim, nivelando o ofício religioso à condição de dramatização. O tom de voz estridente, a gesticulação demasiada, o andar de um lado para o outro, a alternância entre a fala mansa e nervosa, a expressão facial de quem está pasmo ou perplexo, o olhar voltado para o céu durante os momentos de contemplação fazem parte dos recursos comunicativos dos pastores.

Nas entrevistas com os demônios, o discurso dos animadores pretende criar uma identificação da plateia com as situações e acontecimentos narrados. Casos e mais casos de pessoas que tiveram suas vidas arruinadas e foram “libertas” pelo “poder de Jesus” na “Igreja Universal do Reino de Deus” são mostrados⁸². Segundo Martino (2003), os cultos de exorcismo ou libertação espiritual assumem uma postura agressiva nas admoestações

⁸² <https://www.youtube.com/watch?v=8QBg5TWWCws>

dirigidas àqueles que se envolveram com a feitiçaria e encontram-se sob o domínio dos demônios.

O ato heroico e sempre exitoso de expelir o demônio dos corpos possuídos de pessoas castigadas pela ação do maligno atinge o lado sentimental dos fiéis em um frenesi coletivo de gritos de “queima”⁸³. O perfil das lideranças é provavelmente a principal causa do processo de projeção e empatia, sendo apresentados como homens iluminados e capacitados por Deus para realizar prodígios e milagres em seu nome. Os pastores agem e falam com autoridade demonstrando determinação, otimismo, rigidez moral, disciplina e auto sacrifício, qualidades que emergem de características profundamente enraizadas na tradição cultural do cristianismo. Conforme o já citado Mário Justino;

Os cultos eram feitos com gritos frenéticos dos apresentadores e a participação ativa da platéia. Esse espetáculo espiritual é dividido em duas partes e chega ao clímax quando são realizados os exorcismos. Neste momento, pessoas aos gritos começam a rolar pelo chão e jogar para cima os bancos da igreja. Algumas chegam a entrar em luta corporal com os pastores e obreiros. Aos que vinham pela primeira vez, explicávamos que aquelas pessoas estavam possuídas por demônios e ensinávamos que eram esses espíritos malignos a fonte de mazelas como desemprego, problemas financeiros e amorosos. Dizíamos também que as doenças eram sinais físicos dessa possessão demoníaca e, uma vez que esses espíritos eram expulsos, as pessoas ficavam curadas de toda a sorte de enfermidades. Geralmente entrevistávamos os endemoniados e, para mostrar ao respeitável público que tínhamos poder sobre eles, fazíamos com que essas pessoas andassem de joelhos ao redor da igreja, ou batessem a cabeça nos nossos pés, ou latissem ou ainda que imitassem galinhas, porcos e outros animais. Isso dependia da imaginação de cada pastor. Depois dos exorcismos, enquanto o povo explodia em aplausos e gritos de júbilos, do alto do púlpito nós agradecíamos os louvores. Mesmo sabendo que aqueles “demônios” nada mais eram do que pessoas em busca de alguma atenção ou sofrendo de seriíssimas crises emocionais, nossa atitude era indefectível (JUSTINO 1995. p. 41).

Segundo Campos (1996), as lideranças iurdianas são sacerdotes, “gurus espirituais” que ocupam uma posição de destaque nas instituições religiosas. O culto religioso é dirigido pelos pastores que interpretam os acontecimentos narrados pelos fiéis, fazem aconselhamentos espirituais, oram fervorosamente, expelem demônios dos corpos possuídos, conclamam as multidões a orar, cantar, adorar, aplaudir e participar de determinado ritual sob o comando e atuação performática dos mesmos.

A sintonia e coesão dos fenômenos sociais na IURD ocorrem porque pastores e fiéis enxergam as ações divina e demoníaca em todos os acontecimentos de suas vidas. Segundo Mariano (1999), os neopentecostais ignoram que o ser humano possa agir e pensar por si

⁸³ <https://www.youtube.com/watch?v=8QBg5TWWCws>

próprio, como se o mesmo fosse um instrumento na mão de Deus ou do diabo, um brinquedo dos espíritos e entidades.

Como exposto inicialmente, o demônio é um símbolo penetrante imprescindível para doutrina iurdiana, ao redor do qual orbitam as práticas religiosas deste grupo. O demônio não é uma figura tangível, com presença física detectável. Por isto ele é um símbolo, uma figura imaterial, mas que é real e atuante na vida cotidiana dos mortais do ponto de vista das lideranças e fiéis. A mesma lógica se aplica à figura da divindade. Se a divindade e os demônios são símbolos, quanto mais as bênçãos e maldições que se traduzem no agir benéfico de Deus e na atuação maligna do diabo.

A produção e circulação das formas simbólicas possibilitam às instituições deter a posse e o controle do universo simbólico, uma vez que exercem a mediação entre Deus e os fiéis. O poder simbólico contido nas práticas religiosas iurdianas evidencia-se na apropriação dos nomes e bens sagrados que vinculam a instituição ao próprio Deus Criador. Assim sendo, a vontade dos líderes religiosos expressa a vontade de Deus que deve ser acatada por aqueles que recorrem à instituição. A obediência acarreta bênção, a desobediência, maldição.

Os objetos sacramentados descritos por Mariano (1999), a exemplo de rosas, canetas e sabonetes, são símbolos por excelência, uma vez que são atribuídos a tais objetos poderes sobrenaturais oriundos diretamente da divindade. As campanhas e correntes incorporam a simbologia referente à quebra das maldições e “libertação” da atuação dos “encostos”. A concorrência religiosa é toda centrada em símbolos que têm a pretensão de se contrapor aos menos eficazes dos cultos afro-brasileiros.

Percebe-se por aí, o modo pelo qual este universo simbólico é articulado de forma a atender aos interesses e propósitos dos líderes religiosos. O ajustamento desses grupos à cultura brasileira pode ser explicado, em parte, pelo repertório de práticas simbólicas. Eles crescem e se multiplicam porque conseguem cativar uma parcela significativa da população. Isso quer dizer que a linguagem, a visão de mundo e muitas de suas expressões revestem-se de aspectos comuns à realidade social do país.

O processo de criação do universo simbólico, coadjuvante do processo de criação da linguagem, visão de mundo e expressões utilizadas por estes grupos, se encarrega de assegurar a socialização do indivíduo e sua paulatina adequação ao modo de vida da comunidade religiosa. Desta forma, as instituições religiosas conseguem captar a empatia daqueles que professam suas crenças ou se identificam com a sua mensagem, conferindo a cada recém convertido um conhecimento a ser adquirido, praticado e transmitido.

Portanto, o poder de sugestão e convencimento da mensagem religiosa reside na criação e manuseio do universo simbólico que, por sua vez, permite conquistar novos adeptos e introjetar uma mentalidade e conduta condizentes com a doutrina professada pelo grupo religioso.

É através dessas “mediações simbólicas”, que a IURD consegue criar o seu “campo de interação” e desencadear o que Thompson (1998) denomina de “fenômenos sociais”, ou seja, ações desencadeadas no nível da consciência coletiva de um determinado agrupamento social, a exemplo de uma comunidade religiosa.

As ações responsáveis pelos “fenômenos sociais” implicam na posição que um indivíduo ocupa dentro de uma instituição e, conseqüentemente, no poder que ele exerce sobre os demais indivíduos agrupados em um “campo de interação”. Este poder seria, de acordo com a classificação de Thompson (1998), o “poder simbólico”, aquele exercido pelas instituições produtoras e distribuidoras de bens simbólicos. Na definição do autor, o “poder simbólico” reflete a “capacidade de intervir no curso dos acontecimentos, de influenciar as ações e crenças dos outros e de criar acontecimentos, através da produção e transmissão de formas simbólicas” (cf. THOMPSON, 1995, p. 24).

Desde os longínquos testemunhos de prática religiosa até os acontecimentos mais recentes que interferem na geopolítica mundial⁸⁴, a religião sempre esteve atrelada à sociabilização do indivíduo, primeiramente na partilha da experiência sobrenatural e em segundo plano na disseminação das crenças. Segundo o sociólogo francês Émile Durkheim (1996), a religião é subsidiada por um conjunto de símbolos que, além de serem elementos fundamentais na relação do homem com o incognoscível, expressam a condição humana de insatisfação e angústia diante da realidade.

Mas, debaixo do símbolo, é preciso saber atingir a realidade que ele figura e lhe dá sua significação verdadeira. Os ritos mais bárbaros ou os mais extravagantes, os mitos mais estranhos traduzem alguma necessidade humana, algum aspecto da vida, seja individual ou social (DURKHEIM, 1996, p. 7).

Ainda segundo o sociólogo, todas as religiões constroem um universo mítico onde povoam seres sobrenaturais, deuses, espíritos, demônios e outros seres do além que interferem diretamente na vida cotidiana dos humanos. Este universo mítico assume um sentido real para aqueles que recorrem às práticas e rituais religiosos.

⁸⁴ A crescente expansão do islamismo na Europa e sua aversão à cultura e modo de vida ocidentais, em especial aos Estados Unidos da América.

A outra (realidade transcendental) tem por objeto os seres espirituais, os espíritos, almas, gênios, demônios, divindades propriamente ditas, agentes animados e conscientes como o homem, mas que se distinguem dele pela natureza dos poderes que são atribuídos e, sobretudo, pela característica particular de não afetarem os sentidos do mesmo modo: normalmente não são perceptíveis a olhos humanos. (DURKEIM, 1996, p.34).

Assumindo um sentido real, a religião se traduz no referencial e na visão de mundo dos seus adeptos e simpatizantes. Os adeptos e praticantes de determinada religião julgam conhecer a verdade, a razão e o sentido desta vida. Para eles, todos os indivíduos, crendo ou não, irão sofrer um destino condizente com o que apregoa sua religião. Daí a necessidade de conscientizar os descrentes sobre a verdade, a razão e o sentido desta vida, disseminando a religião juntamente com suas explicações acerca da vida, da morte, das ações, virtudes, males, problemas e dilemas do ser humano.

É interessante notarmos como o universo simbólico religioso responde pelas dimensões física e espiritual. Desta forma, confere sentido aos fenômenos cotidianos da realidade através da transposição dos símbolos religiosos para as experiências e acontecimentos reais. O símbolo cria uma ponte que liga uma realidade abstrata a um acontecimento concreto, utilizando seu poder de significação para interpretar uma experiência transcendente comum ao grupo religioso e que somente torna-se compreensível por intermédio do mesmo.

De acordo com Durkheim (1996), a difusão dos conceitos e valores religiosos nas sociedades primitiva e moderna seria uma das formas elementares da vida religiosa. Neste sentido, Meslin (1992) discorre sobre a dimensão cultural que envolve os símbolos no sistema religioso das sociedades pós-modernas.

Esta função simbólica é pois a capacidade que o homem possui de ir além da aparência material das coisas impregnando-a de uma significação especial, sobredeterminando-a, graças à elaboração de uma linguagem que o liga ao mesmo tempo a uma comunidade, cívica, social ou religiosa. O símbolo exerce pois não um papel matricial que o situa na origem de toda linguagem, mas ele intervém também como elemento mediador em todas as relações que o homem entretém com o mundo que o cerca e com o outro, bem como naquelas relações que ele estabelece com o divino (MESLIN, 1992, p. 166).

De acordo com Meslin (1992), o símbolo conecta o universo transcendente com a realidade sensível. Isto explicaria também, a necessidade do homem em expressar sua

experiência religiosa dentro do seu sistema cultural, pois fora dele os símbolos perdem o seu poder de significação.

Os símbolos caracterizam e exprimem significados à experiência humana de busca e contato com o sagrado. A religião, por sua vez, permite compreender o significado da realidade em um contexto pré-existente comum a todos os indivíduos, crentes e descrentes, porém, condicionada por manipulações de todo gênero e pelos novos ídolos e tabus da sociedade de consumo. A esse respeito, Thompson (1995) afirma que a religião sofre influência profunda do modelo de sociedade no qual está inserida, não sendo possível analisá-la isolada do contexto sociocultural de origem ou implantação.

Ao afirmar que a religião na modernidade substituiu o papel da ideologia, Thompson (1995) refere-se ao “poder simbólico” das instituições religiosas que expressam e universalizam suas crenças em um meio privilegiado no qual determinada realidade é legitimada.

Campos (1996) analisa o fenômeno neopentecostal utilizando termos como monopólio, concorrência, oferta e procura, caracterizando a IURD como uma organização empresarial de alta rentabilidade e propósitos eminentemente mercantis. Um indicativo de que o poder econômico torna-se legitimador das práticas religiosas na medida em que a propagação das crenças está vinculada a posse dos meios de comunicação, ostentação de templos suntuosos e recomendações fervorosas de êxito profissional e prosperidade financeira como provas e sinais de que Deus está operando milagres e bênçãos por intermédio das instituições.

Nos cultos da Universal, além de exortados a pagar o dízimo, a dar ofertas com desprendimento e a participar da corrente da prosperidade, os fiéis, ansiosos por enriquecer, são aconselhados a deixar de ser meros empregados. Recebem incentivos para abrir negócios e se tornar patrões, desejo da maioria dos que vendem sua força de trabalho no mercado. Para enriquecer, portanto, não adianta apenas confessar a fé correta e exigir seus direitos. Devem trabalhar, ser astutos e aproveitar as oportunidades. (MARIANO, 1999, p. 163)

Outro fator que interfere diretamente na produção e circulação das formas simbólicas diz respeito à realidade social do país. Assmann (1993) afirma que a precariedade das condições de vida e falta de esperança da população carente em relação às mudanças sociais e políticas transformaram-se em catalisadores do movimento pentecostal no Brasil. É nos setores mais pobres e marginalizados da sociedade que a IURD encontrou um “trampolim” para o sucesso dos seus empreendimentos:

Fala de miséria objetiva mas, ao discursar com ela, a magia religiosa tem a pretensão de exorcizá-la e invalidá-la. A conversão tem a pretensão de invalidar a realidade horrível da exploração... Não há análise sócio-política, mas a razão pela qual a miséria existe é a recusa a converter-se. (ASSMANN, 1993, p. 56)

Para Bourdier (2001), o poder simbólico induz e camufla uma relação de dominação que não é percebida como intrusiva e arbitrária devido à frequência e intensidade com que ocorre em ambientes institucionais. As relações subalternas são repletas de símbolos que exprimem poder sem, no entanto, explicitar dominação. A sensação de pertencer a uma ordem natural ou até mesmo celeste, no caso específico das religiões, mascara práticas de exploração adornadas em invólucros metafísicos que as tornam imperceptíveis às mentes incautas entretidas por esquemas simplórios de interpretação extramundana da realidade sensível.

A onipresença oculta do poder simbólico permeando estruturas hierarquizadas através de uma dominação sutilmente diluída em relações de mando e poder, aparentemente inofensivas, possibilitaria exercer uma exploração silenciosa sem demandar emprego de métodos sofisticados e recursos onerosos. Legitimado socialmente, “o poder simbólico, é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhes estão sujeitos ou mesmo que o exercem.” (BOURDIEU, 1998, p. 7, 8)

Ainda segundo Bourdier (2001), as instituições e agentes detentores de poder simbólico travam acirrado confronto na universalização das ideologias e ampliação do poder simbólico. O êxito na imposição de visões de mundo, normas e padrões de comportamento é determinado pelo capital simbólico das instituições envolvidas na disputa pela hegemonia no campo social, político, econômico e religioso.

O poder simbólico, poder subordinado, é uma forma transformada, quer dizer, irreconhecível, transfigurada e legitimada, das outras formas de poder: só se pode passar para além das alternativas dos modelos energéticos que descrevem as relações sociais como relações de força e dos modelos cibernéticos que fazem delas relações de comunicação, na condição de se descreverem as leis de transformação que regem a transmutação das diferentes espécies de capital em capital simbólico e, em especial, o trabalho de dissimulação e de transfiguração (numa palavra de eufemização) que garante uma verdadeira transubstanciação das relações de força fazendo ignorar-reconhecer a violência que elas encerram objetivamente e transformando-as assim em poder simbólico, capaz de produzir efeitos reais sem dispêndio aparente de energia. (BOURDIER, 2001, p. 15)

É neste contexto que a IURD e demais denominações neopentecostais competem agressivamente entre si mesmas e com outros segmentos religiosos na tentativa de monopolizar o capital simbólico por trás das práticas religiosas, alardeando milagres e

promessas sobrenaturais, ofertando serviços diferenciados ou imitando práticas rivais com pequenas inovações e incrementos que pretendem provar sua maior eficácia diante da concorrência.

De acordo com Mariano (1999), as denominações neopentecostais, em especial a IURD, adequaram a religiosidade cristã aos propósitos e interesses de seus fundadores. Interpretando o cristianismo de acordo com a conveniência pessoal dos líderes religiosos, exigiam-se ofertas em dinheiro como meio de agradar a Deus e obter graças e favores divinos, além da venda de objetos supostamente santificados contendo poderes sobrenaturais.

As bênçãos prometidas, desejadas e reivindicadas são sempre atreladas à oferta. Os pastores, contudo, alegam que a oferta é voluntária e refutam as críticas, em geral oriundas da imprensa, de outros segmentos evangélicos e de católicos, de que vendem bênçãos e suas igrejas não passam de “supermercados da fé”. Cumpre frisar que, no âmbito da Teologia da Prosperidade, pagar o dízimo e dar ofertas constituem duas das principais formas pelas quais o crente prova a sua fé. Posta incessantemente à prova, a fé existe apenas e quando se manifesta concretamente em ação, quando é exercida, no caso, pelo pagamento do dízimo e da oferenda... O crente que almeja receber grandes bênçãos precisa ser radical na demonstração de fé. Deve fazer coisas que do ponto de vista do “homem natural” e do cálculo racional seriam loucura. Precisa dispor de muita coragem. Deve assumir riscos, doando à igreja algo valioso como salário, poupança, herança, jóias, carro, casa, com a certeza de que reaverá, centuplicado, o que ofertou. Não pode guardar qualquer resquício de dúvida quanto ao retorno de sua fé, já que, advertem os pastores, a “dúvida é do diabo”. Muito estimulada, tal demonstração de fé é denominada de “provar” ou “desafiar” a Deus. Ela tem a mesma lógica das outras ofertas, com a diferença de que Deus é “desafiado”, ou fica “obrigado” a conceder bênçãos ainda mais generosas de acordo com o grau do sacrifício feito pelo fiel e do risco por ele assumido ao ofertar determinada quantia. (MARIANO 1999, p.169)

Assumindo objetivos mercantilistas, estas igrejas ergueram verdadeiros impérios econômicos, elegendo representantes nas instâncias políticas e adquirindo emissoras e concessões de canais de televisão através dos quais massificaram a versão do cristianismo de seus líderes:

Além de pastor, Edir Macedo é administrador e empresário, o que explica a natureza *sui generis* da Universal. Como tanto, não hesita em morar em palacete e ter carro do ano. Isso explica também por que a sua igreja possui, além de templos, televisão, emissoras de rádio, jornais, gráficas, construtora, banco e, por último, um time de futebol (CÉSAR, 2000, p. 150).

Devido aos métodos empregados na captação e gestão dos recursos financeiros, autores como Mariano (1999) e de forma ainda mais contundente Campos (1996), sustentam que a IURD torna-se passível de ser analisada em termos de comércio e propaganda. Comércio, porque a IURD adquiriu notável poderio econômico através da gestão empresarial

das instituições e comercialização dos “bens simbólicos”. Propaganda, porque é através da mesma que um número cada vez maior de seguidores é arrebanhado para servir aos propósitos destas instituições, fazendo valer o ditado “a propaganda é a alma do negócio”.

Segundo Campos (1996), o caráter comercial e empreendedor das igrejas neopentecostais é algo tão nítido que já se tem falado em abertura de novos templos por meio de franquias. O autor faz uma abordagem do fenômeno utilizando uma terminologia específica do mundo empresarial e admitindo a existência de um mercado de “bens simbólicos” ou “bens espirituais”.

Na visão do autor, se existe um comércio de determinado bem ou produto é porque existe um público interessado em adquirir este bem ou produto. Em outras palavras, as instituições religiosas ofertam seus serviços espirituais porque existe um público interessado na prestação destes serviços.

Para atender às demandas espirituais de um público crescente que forma um contingente expressivo de pessoas oriundas de diversos meios sociais, cada qual com problemas e necessidades específicas, as igrejas tiveram que adotar um modelo empresarial na gestão dos “bens simbólicos”, diversificando seus serviços e os adequando ao gosto e conveniência da clientela religiosa.

Os pesados investimentos em publicidade e espaços na mídia⁸⁵, quando não a posse dos meios de comunicação⁸⁶, e a necessidade de compor redes de influência em setores estratégicos da sociedade, reforçam a ideia do autor de que a sobrevivência de instituições religiosas, que na realidade são “gigantes econômicos”, somente se faz possível mediante uma estrutura de organização empresarial sintonizada com as tendências da globalização e do neoliberalismo vigente no mundo moderno.

Esta lógica empresarial é um traço marcante da religiosidade iurdiana que estrutura e dimensiona suas práticas e doutrinas dentro de um contexto comercial e mercadológico.

2.2 Manipulação e exploração

De acordo com Bernard Fillaire (1997), autor do livro *As seitas*, o sectarismo é consequência da manipulação religiosa que causa danos psíquicos e materiais devastadores às vítimas deste crime pouco conhecido e combatido por governos e sociedades. Embora a obra

⁸⁵ O reinado absoluto na mídia eletrônica e a intensa utilização dos meios de comunicação de massa, consequências do poder econômico advindo da angariação de recursos financeiros, conferem à IURD a condição de “igreja eletrônica” por excelência.

⁸⁶ A Rede Record, com mais de 60 emissoras afiliadas, é o principal exemplo.

em questão seja um estudo denunciativo das seitas sob a perspectiva dos Direitos Humanos e à luz da constituição francesa, com referências a grupos pseudoprotestantes, o uso do termo *seita* não é interpretado como um grupo fechado caracterizado pelo isolamento e aversão ao modo de vida da sociedade. No prefácio do livro, o autor define o significado do termo *seita* utilizado na designação das instituições religiosas.

Chamaremos seita um grupo qualquer, sem levar em conta sua ideologia, sua doutrina, sua crença, no qual se pratique a manipulação mental que conduza à destruição da pessoa no plano psíquico (algumas vezes físico, muitas vezes financeiro), de sua família, das pessoas que a cercam e da sociedade, com o objetivo de levá-la a aderir sem restrições e a participar de uma obra que fere os direitos do homem e do cidadão... À luz dessa definição, o leitor compreenderá que não podemos pretender a “neutralidade benevolente” de alguns intelectuais ou membros de Igrejas instituídas, que colocam o interesse científico ou a idéia de “tolerância” acima de qualquer julgamento de valor. (FILLAIRE, 1997, p. 6)

Muitos dos conceitos desenvolvidos por Fillaire (1997) se aplicam às igrejas neopentecostais de um modo geral, em especial à IURD, uma vez que a manipulação religiosa não está restrita às seitas propriamente ditas, abrangendo também as demais religiões, cristãs e não cristãs, e diversos movimentos religiosos que proliferam mundo afora sem uma definição clara de suas crenças. Segundo o autor; “o terreno protestante produz também uma vegetação sectária muito abundante. Ao contrário dos católicos, os protestantes não são submetidos a uma hierarquia. Dessa forma, qualquer um pode fundar sua Igreja.”

Segundo Fillaire (1997), a maioria das pessoas que chegam a estas igrejas, atraída pelas promessas milagrosas de uma vida nova, feliz e próspera, está insatisfeita e amargurada com a vida que leva. Tristeza, baixa autoestima, sentimentos de inutilidade e desprezo por si mesmas, carência afetiva e necessidade de serem aceitas e compreendidas, tornam estas pessoas suscetíveis à manipulações. Qualquer indivíduo em um estado emocional de transtorno e carência se entrega com mais facilidade, confiando sua vida e confidenciando sua intimidade a alguém que simulando mansidão e benevolência se disponha a ajudar. Agem muitas das vezes como uma criança pura e ingênua.

A imagem acolhedora e fraternal que os líderes religiosos e a congregação de fiéis transmitem aqueles que pela primeira vez compareceram à igreja é o primeiro passo para a manipulação, o que Fillaire (1997) chama de “bombardeamento de amor”.

Tudo se apoia na afetividade. Os centros, limpos e perfumados, ressoam com risos, árias assobiadas devagar, sorrisos cúmplices, atenções, delicadezas, lisonjas. Todos os manuais de proselitismo ou de disseminação da informação insistem no “bombardeamento de amor”, ou love bombing. Sob os efeitos da sedução, o adepto vai de estágio a estágio. Não enxerga mais nada. Nunca se sentiu tão seguro, tão

amado. Sai de si mesmo. Faz com que o interesse do grupo preceda seu interesse particular. (FILLAIRE, 1997, p. 34)

Porém, o “bombardeamento de amor” não dura para sempre, sendo apenas um estágio preparatório para a manipulação. O passo seguinte é a exigência de mudanças e aceitação aos preceitos morais e normas de conduta condizentes com a doutrina professada pelo grupo religioso. A imposição de preceitos e normas logo nos primeiros contatos e tentativas de evangelização poderia assustar e afugentar os recém-chegados que não estão familiarizados com aquele ambiente e desconhecem o modo de vida da comunidade religiosa.

Primeiro é preciso atrair e conquistar a confiança do visitante com amor e afetuosidade para depois moldar seu comportamento de acordo com a doutrina religiosa e visão de mundo da instituição.

Num primeiro momento, a propaganda da maioria das seitas se empenha em oferecer ao novo adepto uma imagem acolhedora, não perturbando em nada seu conforto intelectual e afetivo, e em não deixar transparecer que ele será levado a “mudar sua vida”. Os verdadeiros objetivos da seita, ele os descobrirá mais tarde e progressivamente... A propaganda desempenha seu papel sedutor e tranquilizante. (FILLAIRE, 1997, p. 35)

Diante da pressão exercida pelas lideranças e demais fiéis sobre o novato para que este se adapte ao pensamento e modo de vida da comunidade religiosa, surgem dúvidas e desconfiças que podem levar ao abandono da instituição. Para que isto não ocorra, a instituição se utiliza da coação moral. A ausência nos cultos é atribuída ao demônio que manipula e oprime o pensamento do novo convertido na intenção de desviá-lo dos “caminhos do Senhor”.

Segundo Valeriu (2009), é comum ouvir das lideranças religiosas que o fiel depende da proteção espiritual dos pastores e da congregação para não “cair nas garras de satanás” ou que abandonando a instituição outros sete demônios ainda mais poderosos do que aqueles que anteriormente agiam sobre sua vida se apossarão do seu corpo⁸⁷.

Sem perceber que a opressão não é proveniente do demônio, mas sim das próprias lideranças, o novo convertido sente-se temeroso em sofrer castigos divinos e ficar à mercê das forças diabólicas, vivendo o dilema de voltar para a igreja e adotar o estilo de vida da maioria ou continuar desprotegido e enfrentar a ira divina. Fillaire (1997, p. 63) cita a fala de um líder

⁸⁷ Tal crença baseia-se na parábola “o espírito imundo volta à casa” dos evangelhos de Mateus (capítulo 12 - versículo 43-45) e Lucas (capítulo 11 - versículo 24-26): “Quando um espírito imundo sai de um homem, passa por lugares áridos procurando descanso, e, não o encontrando, diz: ‘Voltarei para a casa de onde saí’. Quando chega, encontra a casa varrida e em ordem. Então vai e traz outros sete espíritos piores do que ele, e entrando passam a viver ali. E o estado final daquele homem torna-se pior do que o primeiro”.

religioso que exemplifica a situação narrada acima: “Ou tu és Pedro e te arrependes, ou tu és Judas e te enforcas, disse o guru de uma seita pseudoprotestante a um adepto que estava a ponto de partir”.

A desordem mental e dependência causadas pela manipulação são tão perturbadoras que o ex-fiel, mesmo tendo abandonado fisicamente a congregação após perceber o mal que lhe fizeram, não consegue “desligar-se” da instituição. É o que Fillaire (1997) chama de “síndrome pós-sectária”.

Mas, sobretudo, o ex-adepto apresenta os “sintomas pós-sectários”: ansiedade, culpa, vergonha e medo. Vive a liberdade reencontrada de forma atroz: “Pior que a morte do corpo”, dizem alguns. É como se sentisse a inutilidade de sua alma. Como destruir tudo que foi inculcado em seu cérebro? Uma coisa é sair da seita, outra é fazer a seita sair de si mesmo. O ex-adepto tem de reaprender a pensar por si mesmo, a exprimir seus sentimentos, a ouvir as vozes muitas vezes discordantes do mundo... Embora o ex-adepto esteja fora dos muros da prisão, seu comportamento foi programado pela seita. Conhecemos o caso de um casal que fugiu do centro europeu de uma seita. Mergulhados no medo e na culpa, aquele homem e aquela mulher continuavam a percorrer vidas anteriores, só liam livros do guru (e nenhum jornal, com medo de más notícias), não viam televisão nem ouviam rádio, não viam ninguém, recusavam qualquer ajuda de um psicólogo, e entre eles só usavam o jargão da seita. (FILLAIRE, 1997, p. 65-67)

Recentemente testemunhei um caso de “síndrome pós-sectária”. Conversando com um colega de trabalho que frequentou durante muitos anos a IURD, o mesmo criticou duramente a instituição e relatou que havia abandonado a denominação porque percebeu, ainda que tardiamente, que “o negócio deles era arrancar dinheiro do povo”. Apesar de tudo, sempre que passava pelo seu setor percebia que ele escutava os programas de rádio da igreja que tanto criticara. Este ex-fiel discordava das práticas da igreja, sabia que havia algo de errado na instituição, não mais frequenta os cultos, porém não conseguia se libertar totalmente das amarras da doutrinação exercida durante anos. A doutrina religiosa estava de tal forma inculcada em sua mente, que mesmo abandonando a instituição ele ainda pensava e agia como se permanecesse nela. No processo de doutrinação, o comportamento do fiel é moldado pela instituição que dita novos valores e regras a serem seguidas e impõe uma mentalidade que permita aos líderes religiosos agir sobre a consciência moral dos seguidores.

A coação moral é um método eficaz de manipulação e difícil de ser detectado justamente porque ocorre no nível da consciência moral do indivíduo, como veremos adiante na contestação da falsa voluntariedade na entrega dos dízimos. Contudo, para que a coação moral tenha eficácia é necessário que haja uma doutrinação sobre o indivíduo de modo que seus referenciais de vida estejam baseados na visão de mundo que a religião fornece.

Imaginem um destes líderes religiosos exortando uma multidão não familiarizada com a doutrina neopentecostal a contribuir mensalmente com o dízimo sob alegação de estarem “roubando o que a Deus pertence” ou a ofertar volumosas quantias em dinheiro para alcançar um milagre⁸⁸. Certamente a pregação provocaria risos e zombaria ou xingamentos e agressões decorrentes da indignação dos presentes. Do modo contrário, caso a multidão fosse constituída por fiéis e frequentadores, a pregação se converteria em polpudas ofertas em dinheiro⁸⁹.

A eficácia da manipulação é proporcional ao nível de doutrinação em que o indivíduo se encontra. Segundo Valeriu (2009), para doutrinar os fiéis nos conceitos religiosos desenvolvidos pela própria liderança, a IURD interpreta os textos sagrados conforme convêm aos seus propósitos escusos, notadamente de enriquecimento pessoal, deturpando o sentido original e ignorando o contexto da narrativa bíblica que se pretenda extrair uma mensagem.

Grigore Avram Valeriu doou nada mais nada menos do que nove imóveis, seis apartamentos e três lojas comerciais, à IURD convencido pelos pastores de que “a benção estava acumulada” e a interrupção das ofertas seria uma demonstração de fraqueza da fé, pondo tudo a perder. De oferta em oferta na esperança de ser recompensado com uma “bolada divina” perdeu praticamente todo o patrimônio. Desfeita a “lavagem cerebral”, ingressou na justiça com uma ação de reparação de danos recuperando parte dos bens doados e abrindo um precedente importante no julgamento de outras ações

O advogado Grigore Avram Valeriu, 50, tenta na Justiça reaver os bens que vendeu para doar à Igreja Universal. Ele foi membro da igreja entre 1988 e 1992 e frequentava o templo do Recreio dos Bandeirantes (zona oeste do Rio). Durante um ano, o advogado transformou em doações seis apartamentos, três lojas, ações, automóveis e joias de família trazidas da Romênia. Ele não sabe estipular o valor do patrimônio perdido. Valeriu disse que as joias doadas pelos fiéis eram derretidas em uma oficina no Rio, de um parente do pastor Honorilton Gonçalves, transformadas em barras de ouro e contrabandeadas para os EUA. O advogado integrou o departamento jurídico da igreja. Ele acredita que sua vitória na Justiça será um modo

⁸⁸ A exigência da entrega de dízimos e ofertas é justificada com base no oitavo versículo do terceiro capítulo do livro de Malaquias: “Roubará o homem a Deus? Todavia, vós me roubais e dizeis: Em que te roubamos? Nos dízimos e nas ofertas”.

⁸⁹ A equipe de Documento Especial registrou os pedidos de ofertas, prontamente atendidos, que em poucos minutos encheram uma mesa de cédulas de cruzado (moeda da época), dólares, cheques, joias e relógios. “A cura dentro da Igreja Universal tem seu preço. O pagamento começa pelo dízimo. Uma doação que corresponde a dez por cento do rendimento de cada fiel..., Mas nem só do dízimo vive o Reino de Deus. Com a mesma energia que usa para expulsar demônios, o pastor também pede dinheiro... Com uma das mãos na bíblia e a outra no dinheiro, a igreja Universal do Reino de Deus comemora 12 anos de muita prosperidade. Ela é mais uma personagem numa guerra santa onde nada é proibido na busca do dinheiro”.

<https://www.youtube.com/watch?v=jv10N86J4AY> (Trecho 3:59 a 8:09).

de mostrar a milhares de fiéis "que estão na igreja enganados". (Folha de São Paulo, 1995)

De acordo com Valeriu (2009), as sessões de exorcismo há muito deixaram de ser veiculadas em meio eletrônico diminuindo significativamente os processos movidos pelo “povo de santo” ofendido com o vilipêndio à religiosidade afro-brasileira. O mesmo ocorrendo em relação às causas trabalhistas após a denominação assinar a carteira dos pastores garantindo direitos comuns a todo trabalhador. Atualmente a maioria das ações ajuizadas refere-se a fiéis que saíram de mãos e bolsos vazios e exigem de volta os valores e bens doados à igreja. A justiça entende que ao condicionar o agir sobrenatural de Deus às ofertas, como se fossem condição *sine qua non* para obtenção do milagre desejado, os fiéis são induzidos a contribuir mediante propaganda enganosa. A voluntariedade das doações é questionada.

A igreja instiga pessoas sofridas e desesperadas a crer no suposto poder de mover o sobrenatural por meio do ato de ofertar com desprendimento e generosidade. Mariano (1999) fala em barganhas cósmicas tendo a igreja como caixa registradora da transação com o Altíssimo e ressalta; “na Universal, cada culto parece ter como objetivo principal a oferta, estimular o fiel a dar para receber” (Mariano, 1999, p. 171). Nas palavras de Cesar,

Assisti a duas reuniões da IURD onde ela começou em São Paulo, na Avenida Celso Garcia, no último fim de semana de outubro de 1998, para ver se as coisas eram mesmo assim. Em sua prédica (seria a rigor uma prédica?), o pastor associou cura com dinheiro. Depois de ler a história do cego de Jericó que voltou a ver por obra de Jesus, o pregador perguntou: “Quem não pagaria 10 reais por uma bênção especial? Quem não for capaz de dar é porque não crê”. A cura seria pela fé, mas essa fé é comprovada pela capacidade de dar mais do que é possível. Na manhã seguinte o pastor convidou 1000 pessoas para ir à frente e doar o mesmo dízimo duas vezes, em dois envelopes diferentes e encorajou: “Quanto mais você dá, mais você recebe. Você vai dar mais mas não ficará com menos, vai ficar com muito mais. Vou lhe dar o azeite abençoado. Você derrama uma gota em sua cabeça e terá o dom da prosperidade”. Depois deste apelo tremendamente estranho, houve mais dois ou três escandalosos pedidos de dinheiro. No último, o dirigente declarou que não aceitaria oferta inferior a 200 reais e prometeu orar nominalmente até o dia 15 de novembro em favor de todos “os filhos de Abrão “ – o patriarca que deu o próprio filho a Deus. Quase tudo girou em torno de dinheiro e houve pouca ou quase nenhuma mensagem bíblica que não fosse relacionada com o vil metal (CÉSAR, 2000, p. 151, 152).

Ainda segundo Valeriu (2009) que pertenceu ao departamento jurídico da IURD, o Ministério Público do Rio de Janeiro, Estado que concentra boa parte das ações, recomenda guardar comprovantes das ofertas sanando o principal entrave ao êxito das ações. Existe uma jurisprudência formada nos tribunais no sentido de condenar a instituição a restituir as ofertas

não convertidas em milagres, obrigando a denominação a adotar métodos mais sutis e menos denunciativos, sobretudo nos cultos televisionados que assumem um tom solene e reflexivo.

De acordo com Lima (2001), a pressão psicológica exercida sobre os fiéis funciona como uma espécie de coação moral. Os insistentes e intimidativos apelos de contribuições financeiras tornam-se ainda mais absurdos diante da condição econômica da imensa maioria dos frequentadores. Contudo, o equívoco maior está em ignorar os interesses de bem-estar e enriquecimento pessoal dissimulados na proposta religiosa dos grupos neopentecostais.

Nos cultos neopentecostais, a voz dos pastores chega a ser estridente, com gestos teatrais em abundância, com insinuações as vezes de mau gosto, que curiosamente parece agradar uma parcela inculta da população propensa ao “êxtase” (a ficar fora de si), e, também, elevar o narcisismo do pastor a showman da fé”. “Tudo é programado segundo o princípio do “vale tudo”, desde que se consiga a encenação de uma pseudo-cura, uma fala que agrada quem está ouvindo. O “vale tudo” neopentecostal vive a dimensão terrena, se interessa pela expansão da igreja não importa se transformada em empresas e franquias; mais importante de tudo é a prosperidade, sinal que Deus está gratificando também quem é esperto em função de uma causa divina. (LIMA, 2001, p.3)

Tais “religiosos” sofrem forte pressão e são incentivados pela alta hierarquia da igreja a cumprir metas de arrecadação e elevar a quantidade e valor das ofertas. Dinheiro e lucro são palavras de ordem, conforme revela o ex-pastor Mário Justino (1995) que narra suas experiências nos bastidores da IURD ao longo de onze anos de pastorado. “Dinheiro, o sangue da obra de Deus, segundo pastor Magno, havia se tornado no câncer que ia aos poucos comendo as vísceras da Universal. Era como se tudo ali dentro fosse feito em função de se fazer mais e mais dinheiro” (JUSTINO, 1995, p. 75).

Os métodos da Igreja são questionados. Aproveita-se da fé para extorquir milhões? Poderíamos concluir que a religião vira um negócio, e uma técnica é desenvolvida para confundir a “vítima”, relendo a bíblia e deturpando o pensamento cristão. Nos bastidores premiam-se pastores que conseguem arrecadar mais dinheiro. As fofocas giram em torno do sucesso ou fracasso financeiro de tal filial. O poder sobe à cabeça, e um estilo de vida nada religioso passa a ser norma entre os líderes da Igreja. (JUSTINO, 1995, p. 9. Prefácio in: Marcelo Rubens Paiva)

Justino (1995) não foi o único a revelar publicamente as estratégias de arrecadação de ofertas ensinadas e praticadas por bispos e pastores da IURD. Apesar da rivalidade entre Rede Globo e Igreja Universal, é inquestionável a veracidade das imagens gravadas e cedidas pelo

bispo dissidente Carlos Magno de Miranda⁹⁰. É desnecessário comentar o vídeo⁹¹ exibido no dia 22 de dezembro de 1995 pela Rede Globo de Televisão, em especial a cena em que Edir Macedo ensina seus subordinados a captar recursos dos fiéis. As imagens falam por si e não deixam dúvidas em relação aos propósitos de Macedo e companhia. Conforme Mariano;

O bispo Macedo, por exemplo, aparecia, ajoelhado, rindo para a câmera enquanto contava dinheiro de coleta num templo em Nova York, divertindo-se num iate na paradisíaca Angra dos Reis (RJ), dançando numa vigília em Copacabana e, no trecho mais devastador, durante intervalo de um jogo de futebol com a cúpula da igreja, ensinando, de modo debochado e em meio a termos chulos, pastores e bispos a serem mais agressivos, persuasivos e eficazes na arrecadação de recursos dos fiéis. (MARIANO, 1999, p. 86)

A aula ministrada pelo bispo revela outros aspectos da atuação dos líderes religiosos da IURD. Algumas frases proferidas; “você tem que ser o super-herói do povo”, “o povo quer ver o pastor com coragem”, “o povo quer ver o pastor brigando com o demônio”, “botar pra quebrar e tal, vira cambalhota, então o povo fica louco”, demonstram que a performance dos líderes religiosos é uma encenação, um “teatrinho” que pretende impressionar a plateia.

Logo em seguida um dos presentes se levanta e explica seu próprio método que consiste em entregar envelopes com o nome das pessoas, a quantia a ser doada e o mês correspondente à oferta. Desta forma os fiéis sentem-se compromissados em doar todos os meses a quantia estipulada no envelope. O pastor atesta a eficácia do método. “Peguei trezentas pessoas com mil cruzados. É outubro, novembro e dezembro. Todo dia aparece dois, três mil na oferta”. Macedo brinca dizendo: “tá vendo, esse aí na igreja você não dá nada por ele, mas olha o que ele faz”⁹². Percebam a conotação da expressão “peguei trezentas pessoas com mil cruzados” que no jargão popular significa enganar, “passar para trás”.

A exploração financeira da atividade religiosa é flagrante, como revela a reportagem “O Tesouro do Bispo” da Revista *Isto É* de 27 de dezembro de 1995, baseada nas imagens comprometedoras divulgadas dias antes pela Rede Globo. Durante a campanha das “muralhas de Jericó” (alusão à narrativa bíblica de Josué 6 em que os israelitas liderados por Josué derrubaram as muralhas de Jericó após o soar das trombetas) foram vendidas milhares de trombetas de plástico ao preço de R\$ 30, sendo que as mesmas eram comercializadas nas adjacências dos estádios de futebol por R\$ 3. Concentrados nas sedes estaduais da igreja,

⁹⁰ Em 1991 acusou Edir Macedo e correligionários de receber recursos do narcotráfico colombiano e utilizar a igreja para lavar dinheiro ilícito. No final do ano de 1995 divulgou um vídeo comprometedor gravado cinco anos antes cuja íntegra consta no endereço eletrônico abaixo.

⁹¹ Acesso: <https://www.youtube.com/watch?v=4cx-ikX2JM0>

⁹² A reportagem na íntegra contendo os diálogos está disponibilizada em: <https://www.youtube.com/watch?v=4cx-ikX2JM0>

milhares de fiéis soaram suas barulhentas trombetas em um ato que simbolizava a queda dos problemas e adversidades da vida.

Em outro trecho são mencionadas as “apostas” que os fiéis fazem com Deus. “Sacrifício de fé”, “desafiar a Deus”, “provar a fé a Deus” ou qualquer outra expressão do gênero trata-se na verdade de comercialização das bênçãos e milagres divinos. Ofertas em dinheiro ou bens de valor são primordiais para se alcançar graças e milagres. Quanto maior o milagre desejado maior deve ser a disposição em ofertar com desprendimento e generosidade. Na concepção iurdiano, a oferta é um ato de fé sem o qual é impossível mover o sobrenatural.

No neopentecostalismo, primeiro é o homem que dá e coloca Deus na posição de devedor. E como, segundo a teologia desses pastores, Deus criou tudo para o homem e tudo está à sua disposição, o que o homem precisa para ter essas coisas? Apenas mostrar a sua fé, e ele a mostra dando tudo o que tem. Essa moeda de troca no plano simbólico, a fé, se traduz numa moeda de troca efetiva de mercado. É por isso que o pastor diz: "coloque a mão no bolso, tire tudo o que você tem e mostre o tamanho da sua fé". Ele não diz: "coloque a mão no coração e mostre a sua fé". A fé não se expressa mais em termos de atos, mas sim em termos do dinheiro que você dá para a igreja. E não é a quantidade em si que importa, mas sim a relação do que você dá em relação ao que tem. Se você tem mil e dá cem, e outra pessoa que tem cem dá cinquenta, ela tem uma fé maior. Esse mecanismo foi um achado bastante grande na Teologia da Prosperidade: as igrejas enriquecem e ao mesmo tempo os fiéis colocam o divino na posição de ter que retribuir o que foi dado. É uma inversão bastante significativa nos fluxos de dar, receber e retribuir (SILVA, 2009).

A indução dos fiéis ao que Fillaire (1997) chama de “ruptura com o mundo exterior” proporciona de forma gradual e cada vez mais intensa a perda de contato e relações com o mundo exterior, visto como uma ameaça ao poder que as instituições exercem sobre os adeptos.

Justino (1995) afirma que quando alguém entra para a IURD, as lideranças e demais fiéis advertem que o mundo conspira contra sua decisão de converter-se. Sua família, seus amigos não crentes, todos, influenciados por satanás, tentarão convencê-lo a voltar atrás e não levar a nova religião a sério para que não se torne fanático. E de fato isto ocorre, não porque a família e os amigos estejam influenciados por satanás, como insistem as lideranças e os “amigos” do lado crente, mas porque percebem que o ente querido está sendo manipulado e assume um comportamento típico do grupo religioso que o seduziu. A tendência é que o novo convertido se aprofunde cada vez mais na vida religiosa e deseje converter a família e os antigos amigos.

Não demorou muito para que minha família se desse conta da mudança de meu comportamento. Em vez de andar triste pelos cantos, como fazia usualmente, agora eu cantava hinos e lia a Bíblia. Meus pais, que a princípio gostavam da mudança,

logo mudaram de opinião, quando perceberam que eu estava indo longe demais: já não me interessava pelos estudos e faltava às aulas para ir à igreja... Meu pai chegou a me proibir de ir à igreja durante a semana, como uma maneira de me prender aos estudos. Mas isso não funcionou. Eu precisava ir todos os dias. As brigas com meus pais por causa de meu fanatismo religioso começaram a ser constantes. Mas o pastor Luiz, que naquela época ainda não tinha rompido com a Igreja Universal para se tornar um adventista do Sétimo Dia, alertou-me para as palavras de Cristo quando Ele disse que, por causa do Evangelho, haveria dissensões entre pais e filhos, e que os maiores inimigos da nossa fé seriam os de nossa própria casa... Meus pais continuaram, sem sucesso, tentando fazer com que eu desistisse da Igreja Universal. Várias vezes, durante nossas discussões, dizia-lhes que não deixaria de maneira alguma a Igreja em que Deus me havia curado de câncer. E que me mataria se eles tentassem me impedir de ser obreiro. (JUSTINO, 1995, p. 20-21)

Tanto Mário Justino como Grigore Valeriu julgaram encontrar na IURD a solução para seus problemas pessoais e preenchimento do vazio existencial. A grande diferença era que Valeriu vinha de uma abastada família romena e Justino nasceu em meio à pobreza desoladora da periferia de Boa Vista, interior do Rio de Janeiro. Enquanto um, afastado da família, tendo abandonado os estudos e perdido boa parte da juventude, sofreu danos psicológicos, outro foi explorado financeiramente. Como enfatiza Fillaire (1997), ambos caíram em uma teia habilmente armada da qual dificilmente consegue-se sair e somente percebe-se estar aprisionado tarde demais quando os danos infligidos contabilizam prejuízos devastadores. A libertação definitiva veio em forma de dois livros narrando a trajetória como pastor e a batalha judicial travada na esperança de recuperar parte do patrimônio doado. “É somente quando deixa o grupo, tendo tomado consciência de ter sido lesado no plano financeiro, espiritual e intelectual, que o adepto compreende que estava numa seita”, conclui.

Cercado de questionamentos e incertezas, sentimentos de medo, insegurança e desamparo em virtude da dependência emocional, o abandono da instituição é sempre traumático.

As pessoas que conseguem se libertar desse crack religioso se vêem no meio de um profundo vazio. Como se o tapete mágico tivesse sido puxado repentinamente de sob seus pés. Em muitas vezes as sequelas são irreparáveis. Nos Estados Unidos existem várias organizações, algumas governamentais, que dão apoio psicológico e legal a essas pessoas vitimadas por grupos como a “igreja” de Edir Macedo. (JUSTINO, 1995, p. 11)

Fillaire (1997) esclarece que a alienação, fruto do sectarismo religioso, possibilita a manipulação e exploração dos adeptos sem qualquer pudor e escrúpulos por parte das lideranças: “A manipulação religiosa faz aderir ao inaceitável” (FILLAIRE, 1997, p. 44). O indivíduo sectário não admite em hipótese alguma que suas convicções religiosas possam ser instrumentos de erro, improbidade e devassidão. Aquilo em que acredita piamente, no caso a

religião, é professada como uma verdade absoluta, irrefutável, sinônimo de pureza e integridade moral. Com receio de não mais acreditar nas instituições, muitos fiéis ignoram as denúncias contra as igrejas, evitando até mesmo ler ou assistir à reportagens investigativas que revelam as falcatruas e imoralidade dos líderes religiosos. Contudo, o autor pondera que:

Seria um erro caricaturar as seitas. Se não dessem ao homem um sentido, uma compreensão global do mundo, se seus métodos “revolucionários” (ainda que não comprovados cientificamente) não tocassem sutilmente a afetividade, se não obtivessem respostas apaziguadoras às suas angústias, se não vissem crescer em si uma esperança imensa, esses movimentos não sobreviveriam, deixariam de crescer e de se multiplicar. (FILLAIRE, 1997, p. 13)

O reinado absoluto na mídia eletrônica e a intensa utilização dos meios de comunicação de massa, conseqüências do poder econômico advindo da angariação de recursos financeiros, conferem à IURD a condição de “igreja eletrônica” por excelência. Nesta perspectiva, a comunicação passou a ser uma poderosa aliada, auxiliando na conquista de um número cada vez maior de fiéis através da propaganda religiosa. Associado ao alcance dos meios de comunicação de massa estão as estratégias de sedução e convencimento inseridas na mensagem religiosa com o propósito de arrebanhar novos seguidores e angariar volumosas contribuições em dinheiro. Nas palavras de Mariano,

Para estimular a oferenda, prometem bênçãos sem medida. Mas isso não é tudo... Sofrem ameaças de ser amaldiçoados e são induzidos a crer que colaboram com o diabo e têm parte do coração por ele dominado, tornando-se imerecedores das graças divinas... Os métodos de arrecadação baseados no “é dando que se recebe” são polêmicos e motivo de descrédito. Seus pastores, reagindo às perseguições de que se dizem vítimas, mencionam freqüentemente que são rotulados de ladrões pelo povo, pela imprensa e até por familiares e adeptos. Para vencer as próprias barreiras internas, repostas continuamente pela intensa rotatividade de pessoas em busca de soluções rituais para seus problemas, pela presença de novos adeptos e pela constante freqüência de convidados, a pregação sobre dízimos e ofertas bem como os métodos empregados para arrecadá-los, cada vez mais esmerados, demandam extenso tempo dos cultos e elevada disposição e aptidão retórica dos pastores (MARIANO, 1999, p. 172).

2.3 Cura, libertação e prosperidade

Iniciarei este tópico fazendo uma exposição dos modelos de cultos divididos em três linhas distintas e complementares da religiosidade iurdiana alicerçada na tríade cura, libertação e prosperidade. Devido à dificuldade de realização de pesquisa de campo em virtude da magnitude da pandemia de corona vírus e das restrições sanitárias impostas, tomei como referência cultos e programas disponíveis na internet. A descrição dos cultos propicia

uma imersão no universo religioso pesquisado, auxiliando na compreensão da lógica interna de funcionamento da IURD.

Seja qual for o modelo de culto, pastores se oferecem para esclarecer dúvidas e dar orientações. A IURD disponibiliza no site oficial da igreja⁹³ um canal chamado “pastor on-line” que atende pessoas interessadas em receber aconselhamento espiritual⁹⁴. Os participantes expõem seus problemas e dramas, pedem orações, marcam horários com os pastores que fazem aconselhamento antes dos cultos, choram e desabafam. Vícios, problemas conjugais, financeiros e de saúde são apresentados aos pastores na esperança de solução ou alívio momentâneo. De acordo com o problema, emocional, financeiro ou saúde, os participantes são orientados a frequentarem cultos específicos no combate a determinado mal. A agenda de atividades da igreja sede é divulgada repetidamente. Os pastores enfatizam a importância do comparecimento às igrejas e participação nas correntes e campanhas. Na tela está escrito: “Você não precisa continuar sofrendo assim. Clique agora no botão vermelho abaixo e fale com quem pode te ajudar”. O botão abre uma aba para o preenchimento de dados, nome, e-mail, frequenta a Universal, já frequentou ou nunca foi à igreja. O contato pode ser feito pelo telefone: (011) 3573-3535. Uma espécie de disque oração, assim como o pastor on-line, funcionando 24 horas. A IURD possui um serviço tipo *call center* com pastores atendendo as ligações. Abaixo aparecem trechos de depoimentos de pessoas gratas que foram ajudadas pelos pastores on-line. A localização dos templos nas principais capitais e o horário dos cultos nas igrejas sedes aparece em outro canto da tela.

Na linha da prosperidade, o culto principal é chamado de “Congresso Empresarial” e “Congresso para o Sucesso”⁹⁵. Empresários, empreendedores e comerciantes se reúnem todas as segundas-feiras nas igrejas sedes às 11h30min, 15h00min e 19h30min. Na abertura do congresso, aparece um executivo impecavelmente vestido, sempre sorridente, trabalhando em um escritório, falando ao telefone, supervisionando as instalações de uma empresa, presidindo uma reunião de negócios, dirigindo um carro luxuoso e ao final da simulação entrando triunfante na Igreja Universal do Reino de Deus.

No púlpito da igreja é montado um cenário pomposo composto por dezessete portas e um tapete vermelho. As dezessete portas, confeccionadas em metal dourado reluzente,

⁹³ <https://www.universal.org/> . Acesso em 15 de junho. Os cultos estão disponibilizados na internet em especial no canal You Tube que contém centenas, talvez milhares de vídeos sobre a IURD. Impressiona o volume de postagens e visualizações.

⁹⁴ <https://www.universal.org/pastor-online/> “O Pastor online realiza um trabalho de atendimento voluntário totalmente gratuito de apoio emocional e espiritual. Não se preocupe, é gratuito e totalmente sigiloso. Estamos aqui para ouvir você”.

⁹⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=8TLUrHogzPg> . Acesso em 17 de junho de 2021.
<https://www.youtube.com/watch?v=Tw2uuX0oAoE> . Acesso em 17 de junho de 2021.

correspondem às dezessete segundas-feiras que perfazem a campanha das “portas abertas”. Os participantes devem comparecer às reuniões e seguir as orientações dos pastores para que as “portas” da prosperidade se abram. Um vídeo da campanha anterior mostra centenas de homens engravatados passando pelas dezessete portas em meio a orações e gestos de vitória com os braços erguidos e os punhos fechados.

O pastor convida as pessoas que estão enfrentando problemas financeiros a participar da campanha. “A sociedade ideal é a sociedade que você faz com Deus. Unindo-se a Deus, não há crise econômica que leve sua empresa à falência”. Testemunhos de empresários que alcançaram notável crescimento econômico ou estavam à beira da falência e conseguiram reverter a situação participando da campanha são exibidos no quadro “empresários em foco”. Dicas empresariais e análises econômicas orientam os telespectadores quanto aos procedimentos para abertura de empresas, significado de termos específicos do meio empresarial e tendências do mercado.

Entre as atividades anunciadas, a “reunião dos empresários com os 318 homens de Deus” é a mais aguardada. “São 318 pastores e bispos orando para que Deus restitua em dobro o que você perdeu”, afirma o pastor. Na animação produzida para a divulgação da reunião, um tanque de guerra com o emblema “318 homens de Deus” dispara contra um muro de tijolos contendo os escritos “falência, dívidas, problemas financeiros” que praticamente explode. Por fim, o pastor ora em favor dos endividados.

Há programas, a exemplo do “ponto de luz”⁹⁶, que mesclam ou alternam cura, libertação e prosperidade. A princípio não existe uma linha definida. O pastor dá o tom do culto. Inicialmente o apresentador cumprimenta os católicos, espíritas, evangélicos, místicos, budistas, ateus e aqueles que não professam nenhuma religião. Virando-se para o telão posicionado ao fundo, convida todos a assistir uma simulação baseada em eventos reais.

A simulação retrata a vida de um jovem casal bem sucedido em todos os aspectos de suas vidas. O amor e carinho que um sente pelo outro são demonstrados durante o café da manhã em família, na despedida da ida do marido ao trabalho, no passeio em companhia dos filhos e aconchego do lar. Sem qualquer motivo aparente, o marido torna-se agressivo e intransigente. Chega embriagado altas horas da madrugada, trata a mulher e os filhos com desprezo, ameaça pedir divórcio, promove “quebradeiras” na casa. Desesperada, a esposa chora sem compreender a mudança brusca no comportamento do marido que sempre foi uma pessoa doce e amável com a família. Uma peça de roupa íntima enterrada no jardim com uma

⁹⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=JAzrk93Vpa9> . Acesso em 17 de junho.

foto do marido é descoberta pelo jardineiro. Imediatamente, ele se dirige à dona da casa e explica o significado do despacho encontrado. A mulher confirma o efeito maléfico da simpatia, desconfiando de uma vizinha que paquerava insistentemente o seu marido. Antes de terminar o serviço, o jardineiro entrega à esposa um folheto da Igreja Universal do Reino de Deus.

Sem saber o que fazer para salvar o seu casamento, ela comparece à igreja e participa de uma corrente pela libertação do marido. Logo os resultados aparecem, o marido volta a ser a pessoa tranquila e carinhosa de antes, proporcionando momentos de paz e alegria à esposa e filhos. Na última cena, a família anda de mãos dadas em um dos templos da IURD identificado pelo logotipo “Jesus Cristo é o Senhor”.

“Tá vendo. Quantas brigas, alcoolismo, separações e destruição de lares não foram provocados por trabalhos de macumba. Uma vez invocado, o encosto não deixa a pessoa enquanto não destruir a vida dela. É preciso tomar a atitude de vir a igreja e lutar pela libertação de sua família”, afirma o pastor.

No quadro “eu era um caso perdido”, pessoas que chegaram ao “fundo do poço”, relatam a decadência de suas vidas antes de entrar para a igreja. Um locutor introduz a fala do depoente ao som de um fundo musical melodramático. Entrevistas com fiéis na saída dos templos confirmam o bem estar e a paz interior sentidas após os cultos. A oração em favor das pessoas que ligaram e deixaram seus nomes encerra o programa.

Outro programa diversificado que incorpora mais de uma linha, outrora o “carro chefe” da programação das madrugadas, é o “O Despertar da fé”⁹⁷, dedicado especialmente às pregações do bispo Edir Macedo.

Numa entrevista com um casal recém convertido a Jesus é constatada a “libertação” da prostituição e do vício da bebida. Cessaram-se as brigas, a infidelidade e a desarmonia no lar. Quitaram as dívidas, adquiriram a casa própria e um automóvel. Relatos de uma vida nova, feliz e próspera graças a Igreja Universal do Reino de Deus. “E você, amiga e amigo telespectador, vai continuar sofrendo ou vai tomar a decisão de vir à igreja e ser abençoado”, pergunta Macedo.

Um culto é transmitido diretamente de uma das sedes da igreja, localizada na Avenida Dom Helder Câmara, número 4242, cidade do Rio de Janeiro. É impossível ver uma cadeira desocupada ou um espaço vago na multidão que lota os três andares do templo. Edir Macedo inicia com uma pregação solene o culto da manhã. Logo se altera, aumenta o tom da voz,

⁹⁷ <https://www.youtube.com/watch?v=2QvIWaIcSqE> . Acesso em 17 de junho.

anda de um lado para o outro, gesticula com certa agressividade. Prende a atenção dos fiéis do começo ao fim.

Na plateia as emoções se afloram, alguns fiéis oram em voz alta com as mãos estendidas aos céus ou abertas sob o peito na altura do coração. De repente, um princípio de tumulto, algumas pessoas se debatem em seus lugares como se estivessem tendo convulsões. Uma histeria coletiva toma conta do local. Edir Macedo se dirige a um dos supostos endemoniados e pergunta: “Quem é você? O que você tem feito na vida desta pessoa?”. Em meio a grunhidos vem a resposta: “Eu sou o sete encruzilhadas, a alma dele é minha”. “Era, porque em nome de Jesus você vai se retirar deste corpo”. O mesmo procedimento é tomado junto aos demais. As pessoas recobram a consciência dizendo não se lembrarem de nada.

O culto prossegue, admoestações são feitas àqueles que não entregaram suas vidas a Jesus e que por isso estão sob o domínio dos demônios. “Quem quer aceitar Jesus como seu salvador?”. Várias pessoas atendem ao apelo e fazem a confissão de fé no púlpito da igreja. A multidão aplaude e saúda os novos membros. Por fim, o culto termina com a congregação cantando e batendo palmas sob o comando do pastor.

No último bloco do programa, o bispo Macedo faz a sua pregação, intitulada “O segredo da vitória”. Trata-se de uma “receita de fé” para alcançar as bênçãos divinas. Afirma: “Se você não está sendo abençoado, é porque não está sabendo usar a sua fé. Saiba como conquistar o que Deus lhe prometeu”.

Como exposto anteriormente, dentre os aspectos doutrinários inovadores e controversos, a libertação espiritual é um traço distintivo da IURD. Inicialmente realizada todas as sextas-feiras à meia noite, dia e horário em que ocorrem os trabalhos de magia negra, a “sessão do descarrego”⁹⁸ é o principal culto na linha da libertação espiritual, alcançando notoriedade dentro e fora da igreja ao desafiar as entidades que causam doenças físicas e psicológicas, vícios, separações conjugais, desarmonia nos lares, desemprego e falência financeira, desfazendo as maldições e obras de feitiçaria.

Atraindo um contingente expressivo às igrejas e templos sedes, a “sessão do descarrego” é também realizada todas as terças-feiras nas sedes e nos principais templos da igreja às 8, 10, 12, 15 e 19 horas. Na legenda aparecem os dias, os horários das sessões e a localização dos templos.

Uma voz de fundo típica dos filmes de terror anuncia os dez sintomas da possessão demoníaca:

⁹⁸ <https://www.youtube.com/watch?v=FnjFRkxAl4o> . Acesso em 18 de junho.

- 1- Vícios
- 2- Medo
- 3- Depressão
- 4- Insônia
- 5- Visões de vultos e audições de vozes
- 6- Desmaios ou ataques
- 7- Nervosismo
- 8- Doenças que os médicos não descobrem as causas
- 9- Dores de cabeça constantes
- 10- Desejo de suicídio

Um vídeo com atores encenando os sintomas é exibido.

Em seguida o pastor entrevista uma “ex-mãe de encosto”, outrora proprietária de um terreiro de macumba frequentado por pessoas influentes da alta sociedade. Posicionada atrás de uma cortina branca que deixa transparecer o contorno do corpo, a ex-mãe de santo descreve os trabalhos encomendados, os alimentos, presentes e locais preferidos desta ou daquela entidade, além das experiências vividas ao longo dos quase vinte anos de subserviência aos “encostos” e da “libertação” na Igreja Universal do Reino de Deus.

O apresentador explora os detalhes do depoimento e adverte os telespectadores que subestimam ou não acreditam no poder maléfico dos “encostos”. “Você pode estar com um dos sintomas e não acredita que há um encosto agindo. As coisas só vão piorando e o encosto não sai da sua vida”.

Pessoas que se dizem vítimas de trabalhos de macumba participam por telefone. A “ex-mãe de encosto” auxilia o pastor no esclarecimento dos fatos narrados. Segundo ele, os “encostos” atuam também na vida das pessoas que têm contato com praticantes de feitiçaria ou transitam em locais onde são colocados os despachos. Os trabalhos de macumba nas beiras das estradas seriam responsáveis por acidentes envolvendo veículos.

A transmissão dos rituais de exorcismo é a principal atração. Supostos endemoniados são identificados pelas obreiras e levados a presença dos pastores. Perfilados no púlpito com as mãos para trás em forma de garra, sinais clássicos da manifestação de espíritos malignos, são humilhados e entrevistados antes de expulsos dos corpos. Após ordenar que se ajoelhem, o pastor responsável dialoga com os “encostos” perguntando o que lhes foi dado em troca da destruição daquelas vidas. Aos gritos da multidão que permanece todo o tempo com os braços

estendidos, os demônios são expelidos. O pastor afirma que todos aqueles que não creem no evangelho do Senhor Jesus e obedecem aos mandamentos divinos, estão sujeitos à condenação eterna. A conversão é exigida sob ameaça da ação destrutiva dos demônios que causam doenças, desemprego e brigas conjugais.

Na sequência o pastor anuncia o momento mais aguardado pelos fiéis, a realização da oração de poder. “É preciso identificar o mal pelo nome e repreender. Na autoridade do nome de Jesus eu irei determinar que o mal saia”. A oração pretende exorcizar os mais diversos males: “Doença crônica, hereditária, posta por trabalho de bruxaria, úlcera, caroço, câncer, artrite, reumatismo, diabetes, dor no peito, dor na coluna, sequela de derrame, paralisia que afeta o membro, saia do corpo desta pessoa em o nome de Jesus. Sai enfermidade, depressão, desejo de suicídio, vício das drogas, eu ordeno em nome de Jesus, saia demônio que está atuando na vida destas pessoas”.

Após a oração de poder, são ouvidos os testemunhos. Obreiros com microfones colhem os depoimentos das pessoas que levantaram as mãos. Alguns fiéis mostram exames médicos para comprovarem a cura de doenças graves. Desaparecimento de caroços e alívio de dores de cabeça, na coluna, estômago, articulações, mal-estar e pequenas indisposições de saúde são relatados com frequência.

Pedidos de contribuições em dinheiro são feitos constantemente. “Contribuam com os dízimos e ofertas, não sejam infiéis para com o Senhor teu Deus. Ele derramará chuvas de bênçãos sobre as suas vidas.”

Ao fim da programação é mostrado um carnê. O apelo é feito a todos que o assistem. “Ouçam o chamado de Deus. Não sejam omissos. O programa poderá sair do ar.” Na legenda aparece o número da conta, a agência bancária e os dados para depósito do dinheiro.

Por último temos a linha sentimental e amorosa que é relativamente recente e vem conquistando cada vez mais espaço na grade da programação, atraindo um público bastante eclético. Realizada aos sábados nas sedes da igreja às 15, 18 e 20 horas. Logo na abertura, os participantes são convidados a assistir a gravação de trechos da “terapia do amor”, chamada também de “terapia espiritual” e considerada “a maior terapia sentimental do país”⁹⁹.

Pessoas de diferentes idades comparecem à igreja em busca de um novo relacionamento e da cura interior para os sentimentos de mágoa decorrentes das traições e frustrações amorosas. No púlpito, pastores entrevistam casais que se conheceram na igreja antes de constituírem matrimônio. Orações e aconselhamentos espirituais são oferecidos aos

⁹⁹ <https://www.youtube.com/watch?v=NfoR5W9NebM> . Acesso em 18 de junho de 2021.

solteiros, desquitados e casais que desejam reatar o relacionamento ou enfrentam dificuldades na vida a dois.

Cenas de casais apaixonados passeando em jardins e parques floridos ao som de músicas românticas de Air Supply, Barbra Streisand e Jimmy Cliff são exibidas antes do retorno da programação. “Faça o seu pedido de oração e deixe no corredor do amor. Nós estaremos orando (sic) pelo seu relacionamento e pela restauração da vida sentimental”, afirma o pastor.

Fichas contendo dados pessoais, tipo físico, características da personalidade, profissão e grau de escolaridade, qualidades idealizadas em um parceiro, além dos dias, horários e reuniões frequentadas, são afixadas em um mural. Os pretendentes devem entrar em contato com a produção do programa que se incumbem de marcar um encontro na igreja.

Destaque para a participação do bispo Renato Cardoso e sua esposa Cristiane respondendo perguntas e dando conselhos para pretendentes, namorados, noivos e casados. A moral evangélica dita as normas de etiqueta e comportamento. Sexo somente é admitido após o casamento. Nada de roupas sensuais, visuais extravagantes, excesso de maquiagem, bebida alcoólica, cigarro, boates e motéis. Contudo, a “Terapia do Amor” tende mais para a psicologia do que para religião funcionando como uma agência de namoro e escola para casais que enfrentam as agruras da vida a dois.

Nos programas descritos, em especial o “Espaço Empresarial”, as recomendações de êxito financeiro e o descomedimento nos depoimentos dos fiéis que alcançaram notável crescimento econômico e atribuem a façanha a Deus, demonstram a avidez de lucro de alguns fiéis da IURD, bem como a ostentação e atração pelo capital.

Nos cultos de libertação espiritual, prevalece a crença na figura do demônio como responsável pela existência da miséria, doenças, acidentes, etc, uma característica marcante da religiosidade iurdiana. Para Valeriu (2009), o fato de sermos um povo crente e supersticioso não legitima a atuação de grupos aparentemente religiosos que exploram o sofrimento e a credulidade alheia visando enriquecimento ilícito.

Segundo Silva (2009), as lideranças iurdianas contestam a ideia da exploração partindo do princípio de que o fiel é, de alguma forma, beneficiado pela igreja. A relação de reciprocidade entre a massa religiosa e os líderes das igrejas se sustentaria nas experiências de cura física e emocional, êxito financeiro, recuperação de viciados, prostitutas e criminosos, vividas e relatadas pelos próprios fiéis.

É através da igreja que os fiéis encontram soluções para os seus problemas e ânimo para enfrentar as dificuldades do dia a dia. O amparo espiritual prestado às pessoas que

sofrem se mostra de grande valia em um país onde o poder público não consegue suprir as necessidades básicas de um contingente cada vez maior de miseráveis e desvalidos. Pressupondo que todos os fiéis são curados, prosperam, se livram dos vícios, abandonam a criminalidade ou sentem-se confortados e mais dispostos a superar os dramas cotidianos, tal argumento parte de um princípio equivocado.

De acordo com Valeriu (2009), uma parcela muito pequena das pessoas que são atraídas para a IURD com promessas sobrenaturais de cura, prosperidade e solução para todos os males, obtém resultados concretos. A instituição seleciona os depoimentos de acordo com a lógica publicitária. A multidão de desesperados e aflitos que compareceu às igrejas, participou das campanhas e ao final de todo o trâmite ritualístico saiu de mãos e bolsos vazios é simplesmente descartada, enquanto os poucos que foram agraciados com algum “milagre” são entrevistados nos programas televisivos.

Contudo, o equívoco maior está em ignorar os interesses que estão escondidos na proposta religiosa da IURD. Se os fiéis são de alguma forma beneficiados, isto é questionável. Não existe reciprocidade entre a cúpula e a base das igrejas, mas sim uma relação de dominação e exploração. Conforme revela Justino (1995):

Qual era o temor do bispo Edir Macedo e de seus seguidores? Eles eram revelados em sua constrangedora humanidade num momento decisivo para o negócio deles, investigado pela imprensa e pela Polícia Federal. Pessoas comuns, gananciosas, vendendo ilusões para pobres e se divertindo com a ingenuidade de seus “fiéis”. Mas eles venceram e continuam vencendo. Em 25 anos, o império só cresceu. A “Igreja” prosperou não só no negócio: criou braços no Congresso, na economia, nos meios de comunicação... Não eram a fé e o amor cristão que moviam a “igreja”, que “nada mais era do que uma empresa com fins lucrativos (JUSTINO, 2021, p.11).

Quanto às tentativas do bispo Edir Macedo de se explicar diante da exploração financeira da atividade religiosa, o conceito de “moral cínica” mencionado por Lima (2001) traduz as ações e pensamentos do fundador da IURD:

“Nesse último sentido, ainda há aqueles que distinguem-se pela “moral cínica”, segundo S. Sirek, são pessoas imorais que sabem que estão roubando, mas mesmo assim, ainda vem a público tentar argumentar com frases de efeito hipnotizador ao seu público fanático, que na maioria das vezes, parece acreditar na sua mentira cínica”... Novamente, é a “moral cínica” dirigindo o destino da instituição e de seus agentes: eles sabem que exploram, mesmo assim continuam explorando e justificando o quanto seu gesto é moral!” (LIMA, 2001, p. 4)

Não se pode deixar de observar o fato que a IURD não apenas tem sobrevivido, como tem crescido em número de igrejas e fiéis, ampliando seu poder e influência nas esferas econômica e política. É o que será visto no próximo capítulo da dissertação.

3. Economia e mercado religioso sob a perspectiva da Teoria da Escolha Racional da Religião

Este capítulo adentra ao cerne da proposta inicial analisando a mentalidade mercantilista e beligerante da IURD forjada em um cenário de feroz concorrência. O fenômeno torna-se passível de ser analisada em termos de comércio e propaganda diante do poderio econômico e opulência de lideranças religiosas que administram templos suntuosos e movimentam cifras milionárias originando um atrativo e disputado nicho de mercado. A Teoria da Escolha Racional da Religião formulada pelos sociólogos Rodney Stark e Roger Finke e pelo economista Laurence Iannaccone é o fio condutor esclarecendo como os indivíduos manipulam o sobrenatural objetivando recompensas através de trocas simbólicas com os deuses sob a mediação de instituições religiosas.

3.1 A Teoria da Escolha Racional da Religião

Polêmica e controversa, a Teoria da Escolha Racional da Religião analisa a pluralidade religiosa dentro de uma perspectiva econômica e mercadológica, provocando debates acalorados entre sociólogos americanos e europeus. Proposta em 1980 pelos sociólogos Rodney Stark e Roger Finke e pelo economista Laurence Iannacconi conquistou o status de novo paradigma teórico dez anos mais tarde. No final da década de 90, Stark e Finke deram novas contribuições à teoria em resposta a críticos e apoiadores¹⁰⁰.

A Teoria da Escolha Racional da Religião parte do pressuposto de que a religião é um produto como outro qualquer. Porém é um produto *sui generis*, único no seu gênero, abrangendo e monopolizando todo o capital simbólico que possibilita a relação do homem com o sagrado. Para o qual, nas palavras de Stark (apud Mariano, 2008), existe uma “demanda geral e inesgotável” que faz da religião um produto altamente requisitado e indispensável para o ser humano que é um ser essencialmente religioso. A necessidade do transcendente é inerente à natureza humana, tornando o ser humano dependente da religião e, sob o prisma da teoria em tela, um consumidor ávido pelas benesses que somente a religião pode oferecer (recompensas segundo os autores), com poder de escolha racionalizada dentro de um contexto mercadológico baseado na lógica do custo versus benefício.

¹⁰⁰ Segundo Mariano (2008), no meio acadêmico há os que consideram a teoria dotada de grande cientificidade e inovação. Outros criticam sua ótica econômica que limita a compreensão histórica, cultural e social do fenômeno religioso.

Buscar recompensas com o menor custo possível seria a premissa básica da teoria. Nas palavras de Stark (apud Mariano, 2008, p. 4); “os seres humanos buscam o que percebem ser recompensas e evitam o que percebem ser custos”. Em outras palavras, os indivíduos escolhem determinada religião da mesma forma que escolhem um produto qualquer, equacionando custos e benefícios. Segundo Stark (apud Mariano, 2008), “dentro de seus limites de informação e compreensão, restringidos pelas opções disponíveis, guiados por suas preferências e gostos, os seres humanos tentam fazer escolhas racionais. “Fazer uma escolha racional significa sempre tentar maximizar”.

Ainda segundo Stark (apud Mariano, 2008), a maximização da escolha é baseada no conceito de racionalização subjetiva. Independente da capacidade intelectual e conhecimento disponível, a escolha será sempre racional, o que o autor denomina “percepção maximizadora do auto interesse”.

A simplicidade inovadora com que Stark, Finke e Iannaccone (apud Mariano, 2008) analisam um fenômeno tão complexo como a religião sob um prisma estritamente econômico, supervalorizando a autonomia humana no tocante à escolha da religião, possui a vantagem de “desfazer um cem número de concepções preconceituosas, que os consideram, de saída, opíacos, irracionais, patológicos, produtos da ignorância, de lavagem cerebral e de crises sociais” (Mariano, 2008, p. 34).

Em contrapartida, a tendência de considerar a racionalidade instrumental ou maximizadora do indivíduo fator preponderante na escolha da religião, definindo como racionais as ações que tentam maximizar benefícios com o menor custo ou que estão a serviço do auto interesse dos agentes, passa a ser questionada no tocante ao limite e alcance da racionalidade instrumental ou maximizadora no estudo sociológico dos fenômenos religiosos.

As críticas à teoria da escolha racional da religião como novo paradigma derivam do fato de que a equiparação da religião a mero produto condicionado aos anseios e satisfação de um público consumidor, desconsidera a complexidade dos processos históricos e sociais que culturalmente delimitam o papel da religião, influenciando o modelo de sociedade, seja a nível do sagrado ou do mercado.

São freqüentes as críticas ao novo paradigma para que incorpore efetivamente a análise da demanda e pondere as razões históricas e macrossociais de sua variação ao longo do tempo e do espaço, em vez de considerá-la relativamente estável... No entanto, são evidentes suas limitações na pesquisa da demanda ou dos constrangimentos culturais, sociais e políticos sobre as escolhas religiosas individuais... A adesão à fé, afirma Maria Lucia Montes “pressupõe um trabalho mais amplo do social, que, anterior aos indivíduos, molda para ele suas ‘opções’ no campo religioso. Daí sua crítica à teoria do mercado de bens de salvação, dominada

pela lógica do interesse, por encarar a escolha religiosa, fundamentalmente, como uma questão de ordem individual... Torna-se incontornável, portanto, a pesquisa do contexto de tomada de decisão para além dos fatores estritamente internos às economias e firmas religiosas, uma vez que a escolha não se processa num vácuo social, nem é limitada tão-somente pelas opções e ofertas de mercado, nem pela regulação estatal. São várias as mediações sociais que influenciam, moldam e limitam as preferências e as escolhas religiosas individuais e coletivas. (MARIANO, 2008, p. 31)

Segundo Mariano (2008); “à medida que a noção de racionalidade religiosa do novo paradigma define como racionais apenas as ações que tentam maximizar benefícios com o menor custo ou que estão a serviço do auto interesse dos agentes, qualquer ação que não se encaixe nessa definição estrita se torna automaticamente não racional e, portanto, excluída de sua abordagem”.

O lado problemático está no tipo estrito de racionalidade que supostamente anima as escolhas e os comportamentos religiosos. Constitui sério limite da teoria da escolha racional da religião sua ferrenha disposição de trabalhar apenas com uma forma restrita de racionalidade, a instrumental ou maximizadora, por meio da qual procura enfeixar crenças, práticas e compromissos religiosos, tratando-os invariavelmente como ações auto interessadas. (MARIANO, 2008, p. 29)

A Teoria da Escolha Racional da Religião pôs fim ao reinado quase absoluto da secularização como paradigma teórico da sociologia no estudo dos fenômenos religiosos. É necessário primeiramente retornar à secularização, justamente para entender o acirramento com a Teoria Racional da Religião na condição de novo paradigma, as origens do novo paradigma no contexto da dessecularização e contraposição ao paradigma da secularização.

A Teoria da Escolha Racional da Religião figura como novo paradigma frente à secularização, referência obrigatória entre sociólogos no estudo do fenômeno religioso, buscando compreender o reencantamento do mundo pela religião em sociedades aparentemente secularizadas. Mesmo diante do processo irreversível de laicidade consolidando o modo de vida secular, a religião não exibiu sinais de enfraquecimento, instigando pesquisadores norte-americanos, entre eles os sociólogos Rodney Stark e Roger Fingé e o economista Laurence Iannaccone (apud Mariano, 2008), que partiram da premissa de que a força e vitalidade da religião residiam na existência de um mercado religioso diversificado disponibilizando opções de escolha racionalizadas pelo público consumidor.

Anteriormente à secularização, a Igreja Católica atrelada ao Estado usufruía de um poder institucional que tornavam ambas as esferas, social e religiosa, indistinguíveis. O advento do Estado laico reduziu a religião à consciência individual de quem a professa, abrindo caminho para a liberdade religiosa e diversidade de crenças. Contudo, o domínio religioso e cultural do catolicismo sobreviveu incólume à separação do Estado. No Brasil, por

exemplo, a Constituição Federal promulgada sob a proteção de Deus, a bíblia aberta nos lares, o crucifixo nas repartições públicas, as datas festivas e feriados nacionais como Páscoa e Natal demonstram o quanto o catolicismo está entranhado no corpo social. Somente a partir da década de 80, as estruturas católicas são abaladas pela ascensão vertiginosa do pentecostalismo evangélico.

Na concepção de Casanova (2006), o declínio da religião ocorreu a nível institucional, permanecendo a ideia do sagrado indelével na consciência coletiva. A secularização no Ocidente atingiu de forma acentuada e progressiva o aparato estatal responsável pela ordem jurídica e condução política e econômica do país, porém com pouca penetração no cotidiano dos lares que perpetuaram a religião de forma espontânea, conferindo um caráter privado à vivência da fé no âmbito familiar que é, por excelência, o núcleo de socialização do indivíduo.

Para Mariano (2008), a Teoria da Escolha Racional da Religião “propõe que os sociólogos investiguem a economia religiosa tal como os economistas pesquisam a economia empresarial, realçando que ambas são compostas de firmas, linhas de produtos, serviços e consumidores”. Influenciados por Adam Smith¹⁰¹, Stark, Finke e Iannaccone (apud Mariano, 2008) iniciaram a análise no campo econômico para verificar seus efeitos no campo religioso. Enquanto Weber (1993) analisou a influencia da religião sobre a economia, Stark e companhia (apud Mariano, 2008) inverteram a ordem dos fatores investigando como a economia influencia a religião.

A Teoria da Escolha Racional da Religião propiciou uma incursão da sociologia no campo teórico da economia, buscando uma melhor compreensão do processo de dessecularização que, segundo Berger (2001), colocava em xeque os pressupostos da secularização, desafiando os sociólogos a buscar respostas para a revitalização da religião em um mundo aparentemente secularizado. Seus pressupostos teóricos derivam do fato de que a religião não se retraiu, assumindo novas formas e funções e adquirindo vigor nas sociedades secularizadas, instigando sociólogos americanos que enxergaram nas teorias econômicas um meio de compreender o reencantamento do mundo pela religião.

A partir de meados da década de 1980, Stark, Finke e Iannaccone passam a empregar insights básicos da teoria econômica para explicar os fenômenos religiosos em nível macrossocial, destacando duas noções: a de economia religiosa - que se refere à totalidade das atividades religiosas numa dada sociedade - e a de mercado religioso (cf. Stark, 1997, p.16). Esses autores propõem que os sociólogos

¹⁰¹ Adam Smith (5 de junho de 1723 - 17 de julho de 1790). Filósofo e economista britânico considerado o principal teórico do liberalismo econômico defendido na obra “A riqueza das nações” de 1776.

investiguem a economia religiosa tal como os economistas pesquisam a economia empresarial, realçando que ambas são compostas de firmas, linhas de produtos e serviços e consumidores. Eles não incorporam a noção de mercado à sua teoria apenas como uma boa e simples metáfora para auxiliar a compreensão do que ocorre nas economias religiosas. Tentam levar às últimas conseqüências sua adoção e aplicação, equiparando o máximo possível mercado econômico e mercado religioso e inferindo, desse cotejo, várias proposições sobre o funcionamento das economias e firmas religiosas. (MARIANO, 2008, p. 47).

Anteriormente a Stark “Max Weber, Peter Berger e Pierre Bourdieu aplicaram, de formas distintas e sem a mesma radicalidade economicista, diversas noções de extração econômica à análise da religião, como as de bens de salvação, interesse, monopólio, concorrência, oferta, demanda, capital, ganho, investimento” (MARIANO, 2008, p. 26). Na visão de Adam Smith; “o auto interesse motiva tanto o clero como as empresas seculares, e os benefícios da competição, o peso do monopólio e o risco de regulação do Estado são tão reais na religião como em qualquer outro setor da economia” (MARIANO, 2008, p. 27).

O grande trunfo da Teoria da Escolha Racional da Religião em relação às análises anteriores foi justamente deslocar o foco da demanda adotado na secularização para a oferta. A demanda religiosa geral, estável, insaciável e inexaurível justificaria a opção teórica pela oferta religiosa. Nesse sentido, Finke (apud Mariano, 2008) atesta a concepção inovadora e o prisma economicista do novo paradigma afirmando que;

As explicações da mudança religiosa têm focado quase exclusivamente as mudanças na demanda por religião. O modelo de secularização, há longo tempo a teoria dominante na sociologia da religião, é baseado na premissa de que a religião declinará conforme a modernidade erode a demanda por crenças religiosas tradicionais. A maioria das explicações oferecidas por historiadores e cientistas sociais supõe que as flutuações na atividade religiosa se devem a mudanças na demanda por religião. A fonte desta nova demanda é, com freqüência, atribuída vagamente a realinhamentos culturais, a mudanças na psique nacional, a ciclos econômicos, ou a uma fuga escapista da modernidade, dando-se pouca atenção à mudança nas ofertas. Uma abordagem baseada na oferta vira esta suposição de cabeça para baixo e afirma que as mudanças mais significativas na religião derivam da mudança na oferta, não da mudança na demanda. (MARIANO, 2008, p. 27)

A abertura e liberdade de mercado em consonância com a desregulação estatal determinam as economias religiosas. A regulação estatal favorece o monopólio, restringindo a diversidade e a concorrência. A desregulação, ao contrário, fomenta a diversidade e a concorrência. De acordo com o Stark (apud Mariano, 2008); “os mercados religiosos livres ou o grau de regulação estatal da religião constituem o principal fator que determina ou afeta as economias religiosas”.

Em um capitalismo pulsante e vigoroso alicerçado nas liberdades individuais e econômicas, como é o caso dos Estados Unidos da América, a teoria racional da escolha da

religião encontrou sentido e boa acolhida. Inclinada ao modelo de economia liberal americana, justificando a receptividade entre sociólogos e economistas liberais estadunidenses e a rivalidade com os cientistas sociais europeus de viés analítico marxista¹⁰², a não intromissão do Estado seria essencial para existência e vigor da economia religiosa, bem como consolidação de um mercado religioso próspero e plural. Em sentido oposto, a interferência e o controle estatais seriam fatores preponderantes na estagnação e empobrecimento do fenômeno religioso, impedindo o livre e pleno desenvolvimento da religião em termos de riqueza cultural (diversidade) e econômica (mercado), suprimindo a diversidade e competição religiosas, monopolizando determinado sistema religioso ou oficializando o ateísmo de acordo com a conveniência do Estado sob o pretexto da defesa do interesse coletivo.

Yang (2007) e Froese (2004) estudaram o monopólio e a estatização religiosa, esclarecendo que a regulação estatal na China não impediu a formação de um mercado religioso competitivo, denominado pelo autor de oligopólio, enquanto que na extinta União Soviética o controle do Estado causou estagnação e empobrecimento do fenômeno religioso, impedindo o livre e pleno desenvolvimento da religião em termos de riqueza cultural e diversidade religiosa.

Casanova (2007) destaca como a imigração fomentou a pluralidade religiosa modificando os padrões culturais nos Estados Unidos e na Europa. A ausência de diversidade de crenças resulta na acomodação religiosa. Em sentido oposto, obriga as instituições religiosas a buscar inserção no espaço público como meio de sobrevivência e legitimação. Há ainda a questão econômica e da representatividade política. As instituições religiosas também se legitimam através do poder econômico e político. O que seria do catolicismo romano, religião altamente institucionalizada e dominante no Ocidente, sem o reconhecimento mundial de governos e sociedades?

Por outro lado, o hinduísmo na Índia, o budismo no Tibete, os rituais ameríndios e os cultos tribais africanos no estilo totêmico durkeimiano são religiões dominantes e quase exclusivas em seus territórios que não possuem organização e estrutura formais, dispensam qualquer aparato burocrático institucional e não carecem de plausibilidade social para se legitimarem, expondo a complexidade de fatores que influem no estudo das religiões e sua relação com o modelo de sociedade existente.

¹⁰² Ideologia referente à Karl Marx. Karl Heinrich Marx (5 de maio de 1818 - 14 de março de 1883). Filósofo alemão que previa a autodestruição do capitalismo e inevitabilidade do socialismo seguindo uma escala evolutiva rumo à sociedade comunista a partir da luta de classes.

Na teoria de Stark e companhia a economia capitalista retribuiu a generosidade reacendendo a chama da religião apagada pela secularização, evidenciando que religião e economia mantêm laços fraternos de solidariedade.

Segundo Mariano (2008), embora alguns estudiosos limitem a Teoria da Escolha Racional da Religião à economia religiosa dos Estados Unidos, Stark, Finke e Iannaccone sustentam a universalidade do novo paradigma. O autor cita a realidade religiosa escandinava altamente homogênea e regulada que não produz diversidade e concorrência imprescindíveis para a existência do mercado religioso. Contudo, não é algo verificável em todos os cenários religiosos, existindo evidências históricas tanto contrárias como favoráveis à tese da diminuição da oferta religiosa em decorrência da ação reguladora do Estado.

A Teoria da Escolha Racional da Religião não é uma fórmula matemática aplicada com exatidão na análise de determinada realidade histórica e social. Nesse sentido, Mariano (2008) menciona países, Estados, cidades e períodos da história nos quais não se observa a relação direta de causa e efeito entre desregulação estatal, pluralidade e concorrência religiosas.

No plano histórico, Chaves e Gorski reconhecem exemplos que reiteram a teoria de Stark, como no caso dos baixos níveis de vitalidade nas economias religiosas escandinavas confessionalmente homogêneas (luteranas) e reguladas pelo Estado, comparados aos das mais pluralistas e desreguladas da Grã-Bretanha, da Holanda e da Alemanha. Por outro lado, Steve Bruce mostra que a diminuição da regulação estatal das economias religiosas da Finlândia, da Dinamarca, da Suécia e da Noruega foi acompanhada pelo declínio de sua vitalidade. Nesse mesmo sentido, Bruce e Chaves e Gorski apontam a concomitância da diminuição da regulação estatal, do aumento do pluralismo e do declínio da participação religiosa na Europa pós-guerra e no Canadá, tendências históricas incompatíveis com as ambiciosas proposições universalistas da teoria da escolha racional da religião. (MARIANO, 2008, p. 47)

A despeito do embate sociológico entre estudiosos europeus e americanos, Mariano (2008) cita Peter Berger para o qual; “durante a maior parte da história humana, os estabelecimentos religiosos têm sido monopólios dentro da sociedade, isto é, monopólios da legitimação suprema da vida, individual e coletiva”. Para Berger a situação natural da religião é o monopólio. Para Stark, Finke e Iannaccone a situação natural da religião é o mercado. Berger acolhe a tese da demanda. Stark e companhia a da oferta. Concepções opostas e inconciliáveis.

Na realidade a Teoria da Escolha Racional da Religião privilegia a cultura religiosa monoteísta pós-moderna ocidental. Impressiona o enquadramento do neopentecostalismo na ótica analítica da Teoria da Escolha Racional da Religião. Tem-se a impressão que o neopentecostalismo é um produto genuíno da economia religiosa. O neopentecostalismo no

contexto latino americano por si só já valida a Teoria da Escolha Racional da Religião. Segundo Mariano (2008), “a teoria da escolha racional da religião reúne, portanto, maior aptidão para analisar economias religiosas desreguladas, pluralistas, competitivas, dotadas de mercados livres e de grupos religiosos que demandam compromissos exclusivos de seus adeptos”.

3.2 - *Strictness* na IURD

Conceito acessório da Teoria da Escolha Racional da Religião, *strictness* significa “rigor”, e se traduz no fervor religioso e grau de adesão à instituição religiosa, determinando o sucesso ou fracasso dos grupos religiosos na economia religiosa. Tende a crescer o grupo religioso sectário que adota “um estilo de vida distintivo e separado na moralidade pessoal e na vida familiar, em áreas como vestimenta, alimentação, bebida, entretenimento, uso do tempo, sexo, criação dos filhos”. (MARIANO, 2008, p. 58)

Excetuando os laços sanguíneos e tribais, seres humanos se unem por afinidades e convergências. A religião é fator de coesão social, centralidade da análise de Durkheim (1996). A *strictness* responde pela marca identitária do grupo religioso e imposição de normas comportamentais barrando aqueles que querem compartilhar dos benefícios sem arcar com os custos de uma vida social e moralmente regrada.

Segundo Mariano (2008), uma pesquisa realizada nos Estados Unidos comparando grupos religiosos liberais, moderados e sectários mostrou que os sectários contribuem mais financeiramente com as instituições, além da maior frequência nos cultos, participação ativa na comunidade religiosa e distanciamento dos hábitos seculares. Submetidos a maiores exigências, tornam-se via de regra mais fervorosos e comprometidos com a religião professada.

Laços de afinidade e redes de apoio conferem coesão e disciplina ao grupo religioso, auxiliando na vivência autêntica e compromissada da religião. Os membros se policiam, fiscalizando uns aos outros de modo a coibir desvios de conduta e comportamentos que ferem os preceitos morais e ditames legais da religião. “Compromissos religiosos sólidos e redes de sociabilidade fortes parecem nutrir-se mutuamente”, afirma Mariano (2008). Em contrapartida, fiéis compromissados são mais exigentes em relação à qualidade dos bens religiosos ofertados e consumidos.

Para ser bem-sucedido, um grupo religioso precisa oferecer mais recompensas do que exigir sacrifícios. Para tanto, tem duas opções: aumentar os bens e serviços ofertados ou diminuir os custos para os membros. Mais fácil e tentadora, esta opção tende a precipitar o processo de transformação de seitas em igrejas, definidas (em oposição às primeiras) pelo baixo grau de tensão com a cultura ambiente. A redução dos custos e da tensão, contudo, resulta no relaxamento do comportamento e do compromisso dos adeptos e, com isso, na queda da produção e do consumo coletivos de bens religiosos”. Daí o declínio dos grupos que reduzem suas exigências, medida geralmente acompanhada pela irrupção de dissidências para formar novas seitas. Uma das principais pressões para reduzir o rigor sectário costuma partir das novas gerações de membros, que, por terem nascido na religião e não terem efetuado uma adesão voluntária ao grupo religioso rigoroso, tendem a demandar a diminuição dos sacrifícios comportamentais. Se ceder a tal pressão resulta na perda de vigor coletivo, a opção por manter elevados custos de pertença e participação também enfrenta dificuldades, pois depende da eficácia da socialização religiosa para gerar obediência à strictness e evitar elevado número de defecções. (MARIANO, 2008, p. 59)

Para Martino (2003), união e coesão internas sem isolamento do mundo exterior seria a receita do sucesso no mercado religioso. A IURD, no entanto, possui suas particularidades. A maioria dos frequentadores é composta por uma clientela rotativa, e a exigência moral é pequena. Em contrapartida, muita pressão por ofertas em dinheiro ou bens pessoais como apartamentos, automóveis, joias e objetos de valor¹⁰³. Por um lado, cobra-se muito em termos de desprendimento e generosidade no ato de ofertar. Por outro as bênçãos e milagres prometidos invariavelmente são inalcançáveis pelos esforços humanos. Algo somente possível de ocorrer no plano metafísico, o que exige fé incondicional, adesão à instituição religiosa e subordinação às lideranças.

Certamente, aqueles que recorrem a IURD atraídos pelas promessas sobrenaturais de cura física e emocional, êxito profissional e financeiro, solução definitiva ou alívio momentâneo para seus tormentos, possuem expectativa alta em relação à reversão do estado caótico em que se encontram. Sabem sopesar os custos, benefícios e riscos de ingressar em uma instituição religiosa para a qual Deus é um “gênio da lâmpada mágica” disposto a realizar seus desejos mediante polpudas ofertas em dinheiro e bens à igreja.

Mesmo que o indivíduo não tenha se submetido a uma educação escolar e religiosa paralela, ao buscar a instituição religiosa, o candidato já tem um conjunto de expectativas, mais ou menos pertinentes, das regras de comportamento às quais deverá se submeter. A instituição religiosa forja, depois de alguns anos de inculcação e aprendizado, o nascimento de um “agente social” que interiorizou de tal forma a ordem coletiva, que sua atuação dispensará comandos para ajustar-se à expectativa que dele tem a instituição.” (MARTINO, 2003, p.82)

¹⁰³ Segundo Valeriu (2009), a IURD é pioneira no uso das maquininhas de cartão de crédito para cobrança dos dízimos e ofertas.

Nas palavras de Stark (apud Mariano, 2008), “os seres humanos buscam o que percebem ser recompensas e evitam o que percebem ser custos”. Em outras palavras, os indivíduos escolhem determinada religião da mesma forma que escolhem um produto qualquer, equacionando os custos e os benefícios.

Dito de forma simples, os indivíduos manipulam o sobrenatural objetivando recompensas através de trocas simbólicas com os deuses sob a mediação de instituições religiosas. O manejo do sistema de recompensas permite às instituições religiosas cativar e fidelizar os consumidores direcionando seus serviços a determinado público-alvo.

As instituições que oferecem “recompensas extramundanas de longo prazo” formam uma membresia fixa e cativa, como parece ser o caso do catolicismo romano e do protestantismo histórico, mas voltados para o preenchimento das necessidades espirituais dos fiéis e pastoreio do rebanho.

Já as instituições que oferecem “recompensas mundanas imediatistas e pontuais” formam uma clientela flutuante que busca solução de problemas e realização de desejos pessoais, a exemplo da IURD e demais igrejas neopentecostais voltadas para a prosperidade econômica, libertação espiritual, cura física e sentimental de pessoas sofridas que buscam alívio para os seus tormentos na profusão de rituais. A saturação espiritual constitui um entrave à racionalização, uma vez que o sobrenatural se sobrepõe ao racional. A religiosidade iurdiana atribui os acontecimentos cotidianos, ainda que banais, a forças poderosas e invisíveis que atuam no plano espiritual influenciando negativamente o mundo em que vivemos. Tais entidades precisam ser combatidas e vencidas no plano espiritual para que haja cura e prosperidade no plano físico.

O comprometimento com a comunidade religiosa implica riscos às instituições religiosas. O zelo pela imagem, constante manutenção da confiança e credibilidade são essenciais diante de uma visão transcendental que não pertence à realidade sensível e, portanto, não pode ser efetivamente demonstrada.

Na visão de Renders (2015), existe um descompasso entre um Deus que é imutável e uma criação divina em constante processo de mutação. Deus na condição de Ser Supremo e Criador permanece inalterado ao longo do tempo. Contudo, as formas e sentidos de experimentação religiosa alteram de acordo com as mudanças que se processam na sociedade. Em outras palavras, sob uma perspectiva religiosa, mesmo tendo sido criado por Deus, o mundo vem sendo constantemente moldado pela ação humana no contexto histórico e social.

As instituições religiosas não conseguem acompanhar o ritmo das mudanças que se processam no mundo moderno, tornando-se obsoletas e entrando em crise devido à

dificuldade de adaptação aos novos tempos. As alterações que ocorrem de uma geração para outra não são processadas a tempo pelas instituições religiosas, resultando em um modelo arcaico e retrógrado de transmissão da tradição religiosa que não encontra receptividade e penetração nas novas gerações. Se antes a experiência mística estava reservada a um grupo seleto de profetas, santos e ascetas, separados do restante da humanidade alheia a Deus e absorta no caminho da perdição, atualmente é plenamente acessível em versões bem menos exigentes em termos de abnegação e sacrifício.

Na pós-modernidade não existe um longo e árduo caminho a ser percorrido rumo ao aperfeiçoamento espiritual, um processo gradual de amadurecimento cujo ápice é atingido no final da vida. A espiritualidade iurdiana é facilmente acessada sem provações e ritos de passagem que demandam tempo, dedicação e compromisso. A experiência religiosa torna-se dinâmica, flexível, efêmera e descartável, culminando na generalização e banalização do miraculoso e sobrenatural sobrepondo-se à vivência autêntica e profunda da fé. Conforme Renders,

Na modernidade, a satisfação do desejo religioso era ainda vista como resultado de um caminhar longo, com a expectativa de se aproximar à perfeição somente no final da sua vida. Na pós-modernidade, mudou-se a ênfase na experiência religiosa da plenitude, não só para o início da caminhada religiosa, mas para uma nova densidade, com uma abrangência nunca antes vista. Isso explica, por sua vez, a proximidade estrutural e a diferença social entre a ênfase medieval na união mística e a ênfase na modernidade tardia no batismo no Espírito Santo, como experiências altamente prestigiadas. Ambas as ênfases do encontro com Deus no interior do ser humano – ou de Deus – ocorrem em um momento de transição de épocas nas quais as instituições – que normalmente cuidam da transferência de experiências antigas para as próximas gerações geralmente não são mais preferencialmente procuradas em busca de respostas às perguntas essenciais. Pelo contrário, fala-se da ampla crise de todas as instituições que compuseram a sociedade moderna. A diferença entre a experiência mística medieval e pós-moderna esta na inversão temporal: na época medieval esperava-se a união mística no final de um longo caminho de esvaziamento, seguida pela iluminação; na modernidade tardia a experiência do batismo pelo Espírito Santo é esperada logo depois do início da iniciação na fé cristã, confissão e batismo. É uma experiência esperada já no presente. Conseqüentemente, sofre uma universalização. Perde-se a ideia do extraordinário e alega-se agora a sua acessibilidade por cada pessoa, o que se desdobra depois na afirmação do dever de passar por essa experiência religiosa (RENDERS, 2015, p. 438).

A modernidade confere aos indivíduos senso crítico, autonomia e independência em relação aos ditames religiosos do passado, racionalizando a escolha da religião de acordo com a conveniência particular e consciência íntima, privilegiando igrejas neopentecostais como a IURD, que souberam direcionar suas práticas para as necessidades espirituais e demandas de um público potencialmente receptivo, reestruturando expectativas, esperanças e desejos a

novos referenciais religiosos que conciliem os anseios da coletividade com os interesses da própria instituição.

Sob uma ótica estritamente econômica oferta e demanda caminham lado a lado de mãos dadas estabelecendo uma relação de interdependência. O foco da Teoria da Escolha Racional da Religião é a oferta. Ocorre que oferta e demanda não se dissociam tão pouco rivalizam. A oferta atende a demanda que, por sua vez, fomenta e direciona a oferta para as necessidades e carências do público consumidor em mercados onde haja liberdade e pujança econômica. Portanto, a demanda cria a oferta. Oferta não é um conceito avulso alheio às estratégias mercadológicas. Negligenciar a demanda em um contexto de livre mercado é suicídio financeiro. Ao buscar legitimação e plausibilidade social, a religião, a exemplo de bens e serviços variados, se pauta na conveniência do público consumidor.

A adaptação da religião à economia de mercado resultou na formação de um público consumidor ávido pelas benesses espirituais que somente a religião na condição de produto *sui generis* pode oferecer. O público consumidor não é uma massa homogênea e amorfa que responde a estímulos de forma calculada e previsível. A religião inserida em uma lógica de mercado acirradamente competitiva precisa adornar-se, criar atrativos, despertar interesse, desbancar concorrentes e superar expectativas na conquista e fidelização de um público consumidor diversificado e exigente em relação aos bens e serviços prestados. São leis universais que regem as economias capitalistas ocidentais, cenário de partida e formulação da Teoria da Escolha Racional da Religião, as quais a religião precisa estar atenta caso queira não somente sobreviver como também prosperar.

Ao direcionar o foco para a oferta, a Teoria da Escolha Racional da Religião se debruça sobre o mercado religioso que se traduz em oferta. O que não significa reduzir o indivíduo à mera peça de engrenagem da economia religiosa. A racionalização da escolha é o eixo condutor da teoria. Sendo racional, toda gama de predileções, gostos e caprichos está envolvida no processo de escolha da religião, forçando as instituições a adequar e diversificar seus serviços, garantindo a satisfação do público consumidor sob risco de perder a “clientela” para outras instituições concorrentes sintonizadas com as tendências religiosas em voga.

A pluralidade de instituições religiosas gera uma disputa cada vez mais acirrada pelos fiéis. A qualidade simbólica dos bens oferecidos exige estratégias particulares de convencimento cada vez mais complexas para dar conta de todo o contexto de ofertas... Essa relação seria simples caso a oferta de bens simbólicos não atingissem os níveis de uma verdadeira economia de mercado, na qual conquistar o fiel é imprescindível para a sobrevivência física da instituição... A necessidade de provar a qualquer custo a eficácia maior de uma prática simbólica em relação à concorrência é inerente à adaptação da religião ao mundo moderno. Conseguir novos fiéis

significa não permitir que eles se dirijam a instituições concorrentes (MARTINO, 2003, p. 135, 136).

Para tanto, a IURD concilia com maestria tradição e modernidade. A tradição medieval é resgatada e reestilizada, adquirindo status de contemporaneidade e inovação. A ressignificação da experiência religiosa do passado recupera traços essenciais da mística medieval apresentada sob nova roupagem em um cenário pretensamente exclusivo da ação divina, monopolizando um sistema sagrado nitidamente mercantilista que oferece solução imediata para todos os males prometendo o paraíso na terra em tempo real.

Dividindo o reinado absolutista com a Monarquia durante séculos, a Igreja Católica, outorgando a si mesma a autoridade divina, exercia a função de interlocutora entre Deus e os homens. O humilde camponês trabalhava feito um animal de carga, não usufruía das riquezas por ele mesmo produzidas e ainda tinha que pagar altos impostos ao rei e indulgências à Igreja, porque esta era a vontade de Deus imposta pelo alto clero. A exploração não se limitava aos pobres. Quando morriam, os senhores feudais deixavam todos os seus bens para a Igreja acreditando que desta forma garantiriam um lugar no céu.

Nos tempos atuais, o nome de Deus tem sido a “galinha dos ovos de ouro” nas mãos de lideranças que transformaram a religião em um empreendimento lucrativo como outro qualquer. A proteção, os milagres e o agir sobrenatural de Deus são comercializados através dos dízimos, ofertas, venda de orações e objetos santificados, gerando incalculável lucro para as instituições e garantindo o bem-estar e enriquecimento dos líderes religiosos. Este comércio ou mercado de bens espirituais, meticulosamente dissimulado em uma doutrina religiosa, utiliza técnicas sofisticadas no aliciamento e exploração da massa religiosa.

Segundo Stark (apud Mariano, 2008), a inserção da religião na sociedade de consumo atendendo as necessidades sofisticadas e demandas imediatistas do homem moderno acentuou um problema universal das religiões: o poder de convencimento acerca da realidade transcendental. Mas este problema é contornado pela socialização dos fiéis que compartilham testemunhos das experiências sobrenaturais e estabelecem laços de afinidade, legitimando internamente a crença professada, conferindo coesão e identidade ao grupo religioso que se convertem em respeito e confiança na instituição religiosa. Como bem definiu Durkheim (1996), um agrupamento religioso funciona como espaço de construção de identidades.

A religião lida com o transcendente, o místico e o espiritual, retratando uma realidade não perceptível aos sentidos humanos regida pelo sobrenatural e pertencente ao plano metafísico. Sua lógica própria oriunda de deuses, espíritos e entidades que interferem diretamente na vida cotidiana dos mortais, exige dos fiéis imersão e familiaridade com o

universo religioso que constitui um mundo à parte. Povoado no imaginário popular a ideia de que a religião se ocupa única e exclusivamente da relação do homem com o sagrado, sendo seu objeto de culto e todo o universo mítico que a compreende frutos das vertentes culturais de uma sociedade primitiva onde a força mágica da divindade conferia sentido à vida terrena.

A maior façanha da IURD foi justamente se contrapor a esse pensamento ao enfatizar que a atmosfera sobrenatural que envolve a fé cristã não anula sua eficácia frente à realidade cotidiana. Além de fornecer uma compreensão da problemática humana, das causas e implicações das ações do homem ao longo de sua existência, a fé cristã se aplica ao mundo real surtindo efeitos práticos e atuando na suplantação de obstáculos aparentemente intransponíveis, proporcionando cura física e interior, sucesso profissional e prosperidade econômica, vida renovada com abundância material e gozo espiritual. A IURD é, portanto, dotada de uma concepção bastante peculiar de fé cristã cujo impacto e eficácia são mensurados através do modo como o público absorve os conceitos-chaves e constrói cognições e visões de mundo a partir da crença religiosa. Além de assegurar a socialização do indivíduo e sua paulatina adequação ao modo de vida da comunidade religiosa, confere a cada convertido um conhecimento a ser adquirido, praticado e transmitido, contribuindo decisivamente para massificação da religiosidade iurdiana.

Os efeitos positivos e a melhora de vida são percepções subjetivas. Não há como atestar a veracidade do bem-estar físico, emocional e financeiro, estabelecendo conceitos e parâmetros de aferição do que é verdadeiro e falso em se tratando de milagres e graças alcançadas. Segundo Valeriu (2009), uma vez que a IURD promete “mundos e fundos” associando o agir sobrenatural de Deus ao ato de ofertar com generosidade e desprendimento, é crescente o número de insatisfeitos que saíram de “mãos e bolsos vazios” ingressando com ações na justiça. Contudo, a intenção é destacar a proposta utilitarista e funcional da IURD direcionando a fé para obtenção de resultados concretos e mudanças significativas na vida dos fiéis.

Berger (1985) analisa as mudanças que se processaram no campo sagrado a partir da substituição da força pela persuasão como instrumento de legitimação das religiões. O fenômeno da secularização que resultou na separação entre Estado e Igreja forçou as religiões a buscar novos meios de sobrevivência diante do surgimento de doutrinas diversas e crescente dispersão dos fiéis, reduzindo drasticamente o poder e interferência da religião na esfera social e política. Equiparada a uma ideologia, a religião tornou-se dependente das estratégias de sedução e convencimento para inserir-se no espaço público e propagar sua mensagem.

No Brasil a secularização desfez os laços oficiais de afinidade entre Estado e Igreja sem, no entanto, dispensar o auxílio e a participação ativa do catolicismo na vida pública. Montero (2006) esclarece que no final do século XIX o sistema de ensino e saúde pertencia à igreja católica. Instituições de ensino tradicionais e as primeiras universidades foram introduzidas pelos jesuítas¹⁰⁴. Hospitais, sanatórios, leprosários e creches eram administrados por ordens religiosas empregando mão de obra de clérigos e missionários estrangeiros. A separação jamais poderia ser abrupta e completa devido à presença maciça da Igreja em setores estratégicos do governo e prestação de serviços essenciais à população. O Estado não conseguiria suprir o papel da Igreja ameaçando colapsar a máquina pública dependente da assistência caritativa dos religiosos. A influência da Igreja não era, portanto, descartável, perdurando até os dias atuais a aura mítica de religião oficial do Estado.

A secularização foi um processo lento e gradual de laicidade que modificou o cenário religioso brasileiro dando vazão à liberdade religiosa, pluralidade de crenças e necessidade das religiões buscarem legitimação e plausibilidade social. Em uma sociedade laica a vivência da fé possui um caráter privado, sendo professada no âmbito da consciência íntima do indivíduo em consonância com as liberdades e garantias constitucionais, livre da interferência indesejada do Estado que outrora beneficiava o catolicismo romano em detrimento das demais crenças.

Na visão de Assmann (1993), pelo fato de monopolizar boa parte do sistema de referências e informações dos fiéis, a religião funciona como um “mundo”. Um “mundo” que os crentes consideram real ao invés de considerar um “mundo” que veem por intermédio de uma instituição religiosa, que lhes é transmitido através de uma doutrina religiosa que sofre influência de toda sorte de ideologias em confronto pela promoção, defesa e manutenção de interesses que favoreçam determinados segmentos da sociedade, poderosos grupos políticos e econômicos.

O processo de construção simbólico, imaterial, permeado por sinais e linguagens que fazem com que a realidade existente seja a representação da realidade pela religião, traz consigo o domínio sobre a difusão das ideias, das ideologias construtoras das identidades pessoais e sociais dos indivíduos. O sucesso das instituições religiosas reside na capacidade de tecer redes de sentido e significado acerca da realidade cotidiana e do mundo em que vivemos, propiciando o contato e a interação, ainda que superficial e mediado, entre a realidade propriamente dita e a massa religiosa.

¹⁰⁴ Os jesuítas pertencem à Companhia de Jesus, ordem religiosa reconhecida pela Igreja Católica fundada em 1534 pelo padre Inácio de Loyola e dedicada à evangelização dos povos e nações.

As igrejas neopentecostais, cujo maior expoente e líder de mercado é a IURD, são instituições humanas que se autoproclamam representantes legais de Deus na terra na tentativa de monopolizar o sagrado e convencer seus fiéis quanto à sua condição divina. Julgando ser representantes legítimas de Deus e detentoras das “verdades” divinas, as instituições intermediam o contato dos homens com o sagrado, criando um trâmite ritualístico e um aparato simbólico que conferem sentido e significado à realidade transcendente e tornam os crédulos dependentes da instituição. A eficácia da mensagem religiosa e o grau de persuasão, poder de sugestão e influência, dependem e somente se fazem possíveis a partir da criação de um mundo simbólico, imaterial e, obviamente, da crença e do cultivo de relações simbólicas por parte do crente com este universo transcendente que rege a doutrina neopentecostal.

Como veremos adiante, os pressupostos teóricos da Escolha Racional da Religião são de grande valia na análise da cultura religiosa brasileira, notadamente marcada pela pluralidade de crenças sincréticas e, nas últimas décadas, pelo surgimento e crescimento vertiginosos das denominações neopentecostais que desencadearam o processo de mercantilização da fé, adotando um modelo de gestão empresarial e mercadológico das igrejas e competindo agressivamente entre si e com outros segmentos religiosos.

O surgimento de um mercado religioso atrativo e diversificado gerou uma disputa cada vez mais acirrada por fiéis exigentes em termos de bens e serviços espirituais. Conquistar e fidelizar o público-alvo geraram uma disputa feroz entre denominações neopentecostais, incluso a IURD, que se digladiam na tentativa de alijar a concorrência e monopolizar o mercado.

Não se pode esquecer da necessidade de fidelização do rebanho e conquista de novos seguidores na disputa por uma clientela religiosa também diversificada em termos de expectativas e demandas para as quais as religiões precisam estar atentas caso queiram não somente sobreviver como também prosperar no concorrido segmento religioso.

3.3 O mercado religioso sob a perspectiva da IURD

Como ponderou Stark, Finke e Iannaccone (1997), a relação da religião com a economia no mundo ocidental possui origens na pluralidade de crenças e estilo de vida secular predominante na modernidade, propiciando condições ideais para o surgimento de uma lógica de mercado aplicada ao sagrado. Ao ser destronada e perder a centralidade na vida coletiva, reduzindo sua atuação e influência na esfera social (secularização), a religião ao

invés de moldar, passa a ser moldada pela sociedade, estruturando e redimensionando suas práticas com base em referenciais e valores de um mundo secularizado, múltiplo e plural que não mais comporta a hegemonia de uma religião dominante e sua intromissão na vida social e política sem, no entanto, perder o sentido religioso e apego à visão transcendental da existência humana que somente a religião é capaz de oferecer (dessecularização).

A secularização acentuada do Estado e progressiva da sociedade, porém com pouca penetração na família que legitima a religião de forma espontânea, possibilitou a existência e vigor do sentimento religioso fortalecido pela aparente secularização. Reduzida à consciência individual diante da liberdade de escolha, procura e oferta, o campo religioso sofreu as seguintes mudanças;

- 1- Demarcação da secularização como processo interno e gradual de laicidade e da dessecularização como sobrevivência, revitalização e força da religião na modernidade.
- 2- Monopólio religioso (passado) versus pluralismo religioso (presente).
- 3- Tradição religiosa (passado) versus mercado religioso (presente).
- 4- Caráter social da religião (passado) versus caráter privado da religião (presente).
- 5- Religião influenciando e moldando a sociedade (passado) versus religião adaptada às demandas sociais e, portanto, socialmente moldada (presente).

Presente desde o descobrimento do Brasil e desfrutando da condição hegemônica de religião oficial do Estado durante quatro séculos, a Igreja Católica estava entranhada no corpo social e presente em todos os aspectos da vida pública. Contrapondo-se à onipresença da Igreja na vida cotidiana, a ética protestante constitui-se uma força secularizante que varreu o Ocidente dando os primeiros passos rumo ao distanciamento da religião da esfera pública.

Este é o ponto de partida da análise do cenário religioso brasileiro, sendo importante enfatizar que a secularização não é um fenômeno mensurado socialmente, ocorrido de forma simultânea e idêntica nos países cujo processo de modernização culminou na separação entre Estado e Igreja. Portanto, conforme assevera Berger (2001), a secularização, apesar de

abrangente e irrefreável, é um processo complexo que não se traduz em uma relação de causa e efeito perceptível e justificada tão somente pelo declínio religioso.

Partindo da tese weberiana¹⁰⁵ da Reforma Protestante como semente embrionária da secularização (a Reforma Protestante continha em si o germe da secularização), Montero (2006) analisa as particularidades do fenômeno no cenário religioso brasileiro. A primeira característica seria o cristianismo como referência e parâmetro comparativo. A segunda diz respeito à descriminalização da religiosidade de matriz africana associada à feitiçaria, curandeirismo, sacrifício de animais e batuques que induzem a alteração do psique humana. Visão estereotipada que prevalece até os dias atuais, apesar dos avanços na conquista de respeito e visibilidade, prevalecendo o enquadramento de magia como categoria descrita por Weber (1993). A terceira seria as religiões disputando presença no espaço público.

A questão levantada pela autora vai além dos fatores responsáveis pelo reconhecimento civil e institucional de determinada religião. Em um contexto de mercado religioso como as religiões sobressaem umas em relação às outras no acirramento pela conquista de legitimidade, respeitabilidade e inserção social?

No início do século XX quando a liberdade de manifestação religiosa irrompe no país, a preocupação primordial do Estado era com o catolicismo que participava intensamente dos debates sobre as formas legais de classificação e controle da atividade religiosa ao mesmo tempo em que defendia seus interesses pleiteando vantagens e concessões. A cúria católica instigava o Estado a reprimir legalmente as condutas religiosas que transgridam os padrões religiosos da época. A classificação e distinção de religião e magia para fins legais e controle pelo Estado privilegiava o catolicismo em detrimento da religião de negros e índios. A incorporação e cura pela mediunidade no espiritismo, notadamente kardecista, deixam de ser consideradas curandeirismo e estelionato devido ao caráter assistencialista. Quando associada à umbanda e candomblé eram consideradas magia negra e configuravam crime com o agravante da obtenção de lucro. A exploração financeira da atividade religiosa era, portanto, passível de enquadramento penal e definia a conceituação de religião e magia. As relações jurídico legais do Estado com as religiões afro-brasileiras eram tensas e impediam a organização das comunidades religiosas que se viam obrigadas a se desfazer ou optar pela clandestinidade diante da repressão policial.

Na formulação de Giumbelli, as disputas em torno da liberdade religiosa que constituíram o espaço civil republicano nunca versaram sobre “qual religião teria

¹⁰⁵ Max Weber (1993).

liberdade, mas quase sempre sobre a liberdade de que desfrutaria a religião católica, uma vez que não havia então qualquer outro culto estabelecido, nem se concebiam outras práticas populares como religiosas”... A Igreja Católica temia a influência do positivismo e das ideologias secularizantes e agnósticas sobre a nova constitucionalidade do regime republicano. Assim, começou desde cedo a se mover em diversas frentes, procurando influenciar os meios pensantes, os escalões governamentais e as elites por meio da criação de colégios católicos. Embora todas as práticas de curandeirismo fossem tratadas sob a rubrica genérica de “espiritismo”, parecia haver um consenso silencioso de que aquelas associadas aos negros — chamadas genericamente de “macumba”, “magia negra”, “feitiço” — agravavam o ilícito por implicar benefícios materiais e muitas vezes incidir em crime ou dolo. A partir do Estado novo a repressão torna-se mais intensa e, segundo Negrão, mais especificamente voltada para as práticas percebidas como marcadamente negras, associadas ao crime e às drogas. Não é por acaso que em 1931 se cria no Rio de Janeiro a Inspetoria de Entorpecentes e Mistificação, dedicada à repressão ao uso de tóxicos e à prática de sortilégios. (MONTERO, 2006, p. 51)

A Constituição do Estado republicano que em teoria separou Igreja e Estado previa leis penais e sanitárias na fiscalização de centros e terreiros. A conquista do status de religião percorria obrigatoriamente o caminho da caridade e do assistencialismo como via de institucionalização. Na República e posteriormente no Estado Novo prevaleceu o poder discricionário conferido às autoridades sanitárias e policiais para fiscalizar as “casas de culto” como eram chamados os terreiros de umbanda e candomblé. A preocupação com o transe interpretado como prática médica terapêutica de hipnose implicava em problemas de ordem sanitária aos espíritas enquanto as religiões afro-brasileiras eram obrigadas a registrar os terreiros em delegacias especializadas em entorpecentes e mistificações e seus adeptos poderiam ser detidos mediante denúncia de cobrança pelos serviços espirituais prestados.

Ainda segundo Montero (2006), a maior aceitação social do espiritismo kardecista em relação à umbanda e candomblé deve-se também ao fato de ser professada por parcelas elitizadas e cultas da sociedade. De um modo geral a mediunidade no espiritismo era tolerada ao passo que o fenômeno idêntico praticado por negros era considerado possessão demoníaca envolvendo sortilégios e sacrifícios de animais. A aura de benevolência caritativa do espiritismo contrastava com a conotação negativa da religiosidade nativa dos negros associada à prática do mal e exploração financeira da credulidade de pessoas ingênuas. Havia uma tentativa de domesticação nos cânones da religião cristã e modelo de cultura ocidental, objetivando transformar a natureza bruta de negros e indígenas de modo a promover uma adequação aos padrões civilizatórios europeus.

A Igreja Católica exercia um ofício extra religioso nada republicano, influenciando nos rumos do país da forma que convinha aos seus interesses de permanecer na condição de religião oficial e dominante. Contudo, a realidade histórica e social é algo indomável. A pluralidade de crenças e a liberdade religiosa inexoravelmente se consolidariam em um futuro

próximo ainda que a alta cúpula católica fizesse “das tripas coração” para conter o avanço das demais religiões.

As transformações que se seguiram resultando em um mercado religioso próspero, plural e competitivo estão elencadas abaixo.

- 1- Estado secular resultando em uma sociedade laica e na criação de um espaço público ao mesmo tempo palco e alvo da disputa religiosa.
- 2- A liberdade, o pluralismo e a concorrência religiosas subvertendo os conceitos de magia e religião.
- 3- Enfraquecimento da identidade religiosa, possibilidade de trânsito e intercâmbio religioso (dupla ou múltipla pertença religiosa podendo ser indefinida), autonomia e independência para professar a fé e conseqüente desapego às instituições religiosas.
- 4- Adaptação das instituições religiosas aos novos tempos acolhendo toda sorte de revoluções de comportamento e padrões sociais que redefiniram as formas e funções que a religião assume na modernidade.
- 5- Oferta de rituais e práticas religiosas atrativas a um público diversificado e exigente em termos de bens e serviços espirituais.

Para Casanova (2007) é possível analisar a pluralidade religiosa sem recorrer ao paradigma da secularização, uma vez que a religião torna-se uma questão privada a partir do século XVIII quando o conceito de sociedade civil ganha força e a religião passa a ser adquirida, ensinada e professada no âmbito privado dos lares e escolas confessionais. O autor destaca a liberdade religiosa como a primeira liberdade de consciência da história. O Estado liberal moderno reconhece os direitos civis e as liberdades individuais como garantias constitucionais. A religião deixa de ser uma extensão do Estado, figurando no rol das escolhas pessoais influenciada pela herança familiar e educação de berço que o indivíduo recebe quando criança ou opta por professar na vida adulta.

Segundo Campos (1997), a diversidade e concorrência em território altamente sincrético como o brasileiro compeliu a IURD a adotar um modelo de gestão eficiente em termos de mercado e a imprimir um caráter mercadológico às práticas religiosas. Nesta

perspectiva, a inserção da religião na sociedade de consumo atendendo as demandas imediatistas do homem moderno caracteriza o mercado. A espetacularização da espiritualidade, o miraculoso e o sobrenatural caracterizam o teatro. O meio privilegiado no qual mercado e teatro convergem em um lucrativo empreendimento religioso caracteriza o templo, cenário pretensamente exclusivo da ação divina, monopolizando um sistema sagrado nitidamente mercantilista que oferece solução imediata para todos os males prometendo o paraíso na terra em tempo real.

Os conceitos de economia e mercado religioso são, obviamente, anteriores aos primórdios do modelo de gestão empresarial e marketing religioso que converteu a IURD no fenômeno da atualidade. Contudo, a IURD é o exemplo mais evidente no vasto espectro de denominações neopentecostais voltadas para um nicho de mercado altamente lucrativo e promissor. O mesmo pode-se afirmar em relação ao rompimento com o pentecostalismo clássico, a adaptação desinibida à modernidade e conquista das classes abastadas, revolucionando o segmento evangélico e transformando o cenário religioso do país.

A atuação da IURD no mercado religioso acarretou as seguintes alterações.

- 1- A exploração financeira da atividade religiosa, a cura e o exorcismo passam a ser socialmente aceitos com o advento do neopentecostalismo. As mesmas práticas nos rituais afro-brasileiros eram consideradas charlatanismo, curandeirismo e ilícito penal.
- 2- A categoria de magia no contexto neopentecostal deixa de ter uma conotação negativa enquanto que nas religiões afro-brasileiras seu caráter maligno e charlatanesco é reforçado. A eterna luta entre o bem e o mal e a apropriação do simbologismo cristão revestiram a magia iurdiana de uma aura benigna. Uma magia do bem em contraposição à magia do mal praticada na umbanda e no candomblé.
- 3- A cobrança de dinheiro, doação de bens de valor e o lucro religioso são ressignificados pela IURD. Dissimulados em uma doutrina religiosa que promove uma assepsia de tais práticas no intuito de legitimar a versão neopentecostal moderna das indulgências católicas da antiguidade. As ofertas em dinheiro são interpretadas como um ato de fé no qual se exige de Deus o milagre desejado como forma de honrar a fé depositada no ato de entregar dinheiro e bens de valor à igreja.

- 4- Tentativa de monopolização do mercado religioso pela IURD e demais denominações neopentecostais que se auto-proclamam recintos únicos e exclusivos da ação de Deus. A manutenção da credibilidade depende do convencimento em relação à ação poderosa de Deus realizando milagres e prodígios.
- 5- Necessidade de angariar apoio e compor redes de poder e influência nas instâncias decisórias da política nacional.

Este último fator é extremamente importante. O poder econômico e domínio sobre a massa religiosa possibilitou à IURD eleger representantes políticos dispostos a defender a instituição, dificultando a aprovação de leis, abertura de CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) ou qualquer outra medida que contrarie os interesses dos líderes religiosos. Segundo Mariano (1999), o ex-deputado federal e bispo Carlos Rodrigues (PL-RJ), juntamente com o ex-senador e também bispo Marcelo Crivella (PFL-RJ), sobrinho de Macedo, são os principais representantes da IURD entre dezenas de pastores e bispos que ocupam cargos federais, estaduais e municipais. Crivella aparece no vídeo auxiliando o tio na contagem dos dólares arrecadados em um templo nos Estados Unidos e Rodrigues insinuando em tom de deboche que o “cajado de Maomé” mencionado por Macedo valeria cinco ou dez mil cruzeiros, moeda da época.

Contando com a massa de fiéis que compareceriam às urnas, Edir Macedo também elegeu os irmãos Edna Macedo (PPB-SP) e Eraldo Macedo (PMDB-RJ), ambos ex-deputados estaduais. As incursões religiosas da IURD na seara política objetivam angariar apoio eleitoral dos fiéis, explorando e manipulando o sentimento religioso da nação em benefício próprio. Na concepção de Martino (2003), a política tomou de empréstimo da religião a habilidade inata de introjetar no ser humano uma visão de mundo que não opera no campo da racionalidade, conferindo um caráter redentor e messiânico a líderes religiosos que pleiteiam cargos políticos na condição de pretensos portadores dos anseios e expectativas da massa religiosa. Nesta perspectiva, a instituição religiosa passa a ser vista como um baluarte espiritual no contexto tenebroso da conjuntura econômica e social, lançando candidaturas com base no carisma de lideranças divinamente inspiradas.

Ainda segundo Martino (2003), o poder político por trás das instituições coibiu a aprovação de leis e fiscalização rigorosas em relação à abertura de igrejas e controle das atividades religiosas. Além de desburocratizar os procedimentos para registro de entidades

religiosas, o governo brasileiro concede isenção fiscal supondo que as mesmas sejam filantrópicas, o que definitivamente não se aplica ao neopentecostalismo.

E é justamente este último aspecto, a eficiência da arrecadação e os dividendos colhidos, o diferencial do sucesso da IURD no mercado religioso. A comercialização do sagrado, apesar de demandar esforços contínuos e certa expertise no ramo, gera dividendos incalculáveis. Uma projeção de crescimento financeiro somente observada na IURD e seus clones¹⁰⁶. A fonte maior de receita são as doações. Parte do montante é investido na construção de templos elevando o volume de ofertas e assim por diante, inexistindo perdas e riscos uma vez que tudo que entra é doação, ou seja, ganho gerando ganho isento de tributo e prestação de contas.

A cura dentro da Igreja Universal tem seu preço. O pagamento começa pelo dízimo. Uma doação que corresponde a dez por cento do rendimento de cada fiel... Mas nem só do dízimo vive o Reino de Deus. Com a mesma energia que usa para expulsar demônios, o pastor também pede dinheiro... Com uma das mãos na bíblia e a outra no dinheiro, a igreja Universal do Reino de Deus comemora 12 anos de muita prosperidade. Ela é mais uma personagem numa guerra santa onde nada é proibido na busca do dinheiro. (Trecho 3:59 - 8:09)
<https://www.youtube.com/watch?v=jv10N86J4AY>

O público consumidor alvo da IURD assimilou a religiosidade iurdiana condicionada por manipulações de todo gênero e pelos ídolos e tabus da sociedade de consumo. Se existe um comércio de determinado bem ou produto é porque existe um público interessado em adquirir este bem ou produto. Para atender às demandas espirituais de um público crescente que forma um contingente expressivo de pessoas oriundas de diversos meios sociais, cada qual com problemas e necessidades específicas, a IURD adotou um modelo empresarial na gestão dos bens simbólicos ou espirituais, diversificando seus serviços e os adequando ao gosto e conveniência da clientela religiosa.

A lógica existencial da IURD consiste no fato de ser uma instituição movida pela necessidade imperativa de crescimento econômico e conquista de novos seguidores. Os pesados investimentos em publicidade e espaços na mídia, além da necessidade de angariar apoio em setores estratégicos da sociedade, confirmam a tese de que a sobrevivência de

¹⁰⁶ Com um patrimônio estimado em R\$ 1,9 bilhão, Edir Macedo lidera isolado o ranking de religiosos brasileiros milionários. Logo atrás distante está Valdemiro Santiago (Igreja Mundial do Poder de Deus) com R\$ 440 milhões. Silas Malafaia (Associação Vitória em Cristo ligada à Assembléia de Deus) com R\$ 300 milhões. R. R. Soares (Igreja Internacional da Graça de Deus) com R\$ 250 milhões. Estevan e Sônia Hernandez (Renacer em Cristo) com R\$ 130 milhões¹⁰⁶. A fortuna de Macedo supera a soma do patrimônio pessoal dos representantes de outras cinco gigantes pentecostais. Lista dos cinco religiosos mais ricos do Brasil elaborada pela revista Forbes, especializada em negócios e finanças, cuja matéria publicada em janeiro de 2013 teve grande repercussão no país. <https://www.infomoney.com.br/minhas-financas/forbes-lista-cinco-pastores-mais-ricos-do-brasil/>

instituições religiosas, na realidade “gigantes econômicos”, somente se faz possível mediante uma estrutura de organização empresarial sintonizada com as tendências de um mercado altamente competitivo, rentável e promissor.

Conclusão

A ascensão vertiginosa da IURD e seus pares a partir da década de 1980 transformou o cenário evangélico do país. Atuando como empresas prestadoras de serviços espirituais, o poder econômico, a influência política e a necessidade de angariar apoio em setores estratégicos da sociedade tornaram-se essenciais para a sobrevivência e sucesso, não só da própria IURD, mas também das denominações neopentecostais que travam acirrada concorrência entre si e com outros segmentos religiosos.

A aquisição de estações de rádio e redes de televisão, o emprego de técnicas de publicidade e marketing e, sobretudo, a adoção de um modelo empresarial e mercadológico na gestão das igrejas transformaram a fé e a crença neopentecostal em um dos mais rentáveis e promissores mercados da atualidade. Nesta perspectiva, a religião tem sido uma arma poderosa e indispensável na propagação das ideologias e defesa dos interesses de poderosos grupos econômicos.

É justamente esse aspecto central, evitado e silenciado no meio acadêmico, que chama atenção merecendo maiores considerações.

Geralmente pesquisadores evitam utilizar a palavra manipulação. É um termo deletado do vocabulário erudito de estudiosos do fenômeno religioso, sugerindo que alguém exerce domínio e controle sobre o agir e o pensar de outrem. Influenciar seria o eufemismo adequado. A IURD é uma instituição que exerce forte influência sobre uma parcela considerável do público-alvo que contribui generosamente com o crescimento econômico e expansão da denominação.

O nome de Deus tem sido a “galinha dos ovos de ouro” nas mãos de lideranças que transformaram a religião em um empreendimento lucrativo como outro qualquer. As bênçãos, a proteção e as promessas divinas são comercializadas através dos dízimos, ofertas, venda de orações e objetos santificados, gerando incalculável lucro para as instituições. Este comércio ou mercado de bens espirituais utiliza técnicas sofisticadas no domínio e exploração da massa religiosa.

As suspeitas de charlatanismo e má fé das lideranças neopentecostais não são evidenciadas tão somente no caráter comercial e empreendedor das igrejas. A coação moral e

a infinidade de métodos persuasivos empregados na captação de recursos, aliadas aos escândalos envolvendo as instituições, alguns comprometedores, a exemplo das gravações em vídeo divulgadas pela Rede Globo de Televisão, revelam as reais intenções de tais pastores e bispos.

Na defesa das instituições, os líderes religiosos acusam seus opositores de perseguir os evangélicos e conclamam os mesmos a lutar contra as “hostes malignas do inferno” contrárias à “obra de Deus”. Apesar das evidências e fatos, corroborados pelos depoimentos de pastores excomungados que decidiram tornar públicos os propósitos inconfessos de seus ex-correligionários, as justificativas de ordem espiritual fornecidas aos fiéis soam como argumentos convincentes que anulam as críticas e denúncias contra as igrejas e seus dirigentes.

O sofrimento, a ignorância e o sectarismo não permitem que muitos percebam os interesses envolvidos da religiosidade neopentecostal. A naturalidade com que os nomes sagrados são pronunciados e a oferta de rituais que prometem bem-estar físico, emocional e financeiro atraem multidões de incautos que se submetem às orientações dos pastores na esperança de solucionar seus problemas.

Contudo, a mercantilização da fé e a comercialização do sagrado na IURD não são pautadas unicamente nos propósitos dos líderes religiosos em arrebanhar novos seguidores e por conseguinte expandirem seus templos garantindo o poderio econômico das instituições. Afora os interesses econômicos que estão envolvidos da fé e religiosidade neopentecostal, existe uma relação simbólica, um intercâmbio entre produtor e receptor que estão inseridos em um mesmo espaço social.

O manejo desta relação simbólica por parte das instituições produtoras possibilitou às mesmas direcionar seus serviços para as necessidades materiais e espirituais de seus membros e demandas de um público potencialmente receptivo, reestruturando expectativas, esperanças e desejos a novos referenciais religiosos que conciliem os anseios da coletividade com os interesses da própria instituição.

O surgimento de instituições religiosas voltadas para determinado nicho de mercado gerou uma disputa inter-religiosa e inter-denominacional cada vez mais acirrada

A partir da análise da comercialização do sagrado na IURD foi possível verificar que a disputa travada no mercado religioso em busca de poder econômico, projeção e visibilidade caracteriza-se pela introdução de elementos simbólicos religiosos na esfera social. A relação entre mercado e religião torna-se mais estreita na medida em que os agentes desta relação

simbólica conseguem ajustar o repertório de práticas religiosas institucionais ao imaginário popular.

Aliado ao desenvolvimento contemporâneo de instituições produtoras de bens simbólicos, a inserção na cultura, pensamento e modo de vida da sociedade, além do reforço do poder das instituições na esfera econômica e política, tornaram-se fatores imprescindíveis para a sobrevivência e ascensão dos grupos neopentecostais na sociedade moderna. Em outras palavras, a conquista da hegemonia no mercado religioso requer habilidade na gestão dos bens simbólicos e espirituais pelas instituições religiosas.

Sob um prisma psicanalítico, a existência é dolorosa em razão da condição humana de vulnerabilidade, precariedade e fragilidade em todos os sentidos. O mundo é uma fábrica de traumas. A vida não caminha no compasso dos nossos sonhos e projetos, sendo incerta, insegura e instável por natureza. A quantidade de ameaças que pairam sob nossas cabeças e contra as quais pouco ou nada podemos é assustadora.

A religiosidade iurdiana pretende fornecer uma espécie de antídoto contra as ciladas e perigos de um mundo essencialmente hostil e injusto. Ser compreendido, protegido e amparado por um Deus plenamente acessível que se identifica e compadece do sofrimento humano é reconfortante.

É nesse campo minado pelo qual caminhamos diariamente que a IURD arregimenta seu rebanho de aflitos e desamparados, oferecendo conforto e esperança aos que padecem dos mais diversos males e se encontram desassistidos por familiares, sociedade e poder público. A IURD opera nos limites da dor e do desespero humano como se fosse uma UTI (Unidade de Tratamento Intensivo) religiosa acolhendo casos de maior risco e gravidade. É de supor que tenha adquirido certa expertise se especializando no atendimento a um contingente crescente de pessoas sofridas e desesperadas.

Atuando nos moldes de um pronto socorro espiritual, a religiosidade iurdiana despreza a tradição teológica e não se apega a regras, formalismos e convenções eclesiais, antes sim aposta todos os créditos em um aspecto crucial para sua sobrevivência e ascensão no mercado religioso: tudo podemos se cremos em um Deus libertador e provedor e dermos prova desta fé através do ato de ofertar dinheiro e bens com generosidade e desprendimento. Quer o melhor de Deus, dê o melhor de si que se traduz na doação da residência, imóveis, veículos, joias e demais pertences de valor, além do esvaziamento da conta bancária.

O povo almeja a bonança divina e anseia por presenciar e experimentar o miraculoso. As mensagens garantem que Deus provém o sustento e a fartura, cura o físico, restaura o emocional, devolve a paz interior e renova as forças para prosseguir na caminhada terrena.

Quer mais o quê? A IURD soube captar as necessidades e saciar as carências das massas desamparadas através de promessas sedutoras de bem estar físico e emocional, êxito profissional e financeiro que animam e confortam os abastados, remediados e desvalidos.

Finalizando, destaco a relevância social deste trabalho evidenciada no interesse que o fenômeno religioso tem despertado entre os estudiosos das diversas áreas das ciências sociais e humanas, uma vez que a religião não responde apenas pela interação simbólica na relação do homem com o sagrado, cultivando relações estreitas de poder com partidos políticos, poderosos grupos econômicos e setores ideológicos da sociedade.

Diante da atualidade e abrangência do tema, reitero a importância deste trabalho no âmbito acadêmico e espero ter contribuído para a realização de pesquisas futuras que se proponham a analisar a complexa e indissociável relação entre religião e mercado na modernidade.

Referências

ANTONIAZZI, Alberto. *Et al.* **Nem anjos, nem demônios - Interpretações sociológicas do pentecostalismo.** 1. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

ASSMANN, Hugo. **A Igreja eletrônica e seu impacto na América Latina.** 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

Avivamento da Rua Azusa. Documentário. Estados Unidos. 2006. Comemoração dos 100 anos do Avivamento da Rua Azusa. Versão brasileira Studio Gabia. (1 h e 16min.) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SEMUWrFM2MA>>. Acesso em 25 de março de 2021.

BERGER, Peter. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião.** São Paulo: Paulinas, 1985.

BERGER, Peter. **A dessecularização do mundo: uma visão global.** Religião e Sociedade: Vol. 1. Rio de Janeiro, 2001.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada Ave-Maria**, 131ª.ed. São Paulo: Editora Ave Maria, 1959

Bispo Edir Macedo. Sessão do Descarrego - Bispo Macedo - 20/04/2018. Vídeo. (1:41:56). Disponível em: ≤ <https://www.youtube.com/watch?v=FnjFRkxAl4o> ≥. Acesso em 18 de junho de 2021.

Bola de Neve Church. Igrejas e Células. Disponível em: ≤ <https://www.boladeneve.com/igrejas> ≥. Acesso em 18 de julho de 2021.

BOURDIER, Pierre. **O poder simbólico.** 1. ed. Bertrand Brasil: Rio de Janeiro, 2001. Disponível em < <https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/06/BOURDIEU-Pierre.-O-poder-simb%C3%B3lico.pdf> >. Acesso em 31 de outubro de 2021.

CAMPOS, Leonildo Silveira. **Teatro, templo e mercado: uma análise da organização, rituais, marketing e eficácia comunicativa de um empreendimento neopentecostal - Igreja Universal do Reino de Deus.** 1997. 227 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 1996.

CAMPOS JÚNIOR , Luís de Castro. **Pentecostalismo.** São Paulo: Editora Ática, 1995.

CASANOVA, José. **Reconsiderar la Secularización: Una perspectiva comparada mundial.** Revista Académica de Relaciones Internacionales. UAM-AEDRI, 2007.

CASANOVA, José. **Immigration and the New Religion Pluralism: A EU/US Comparison.** Democracy and New Religious Pluralism. New York, Oxford University Press, 2007.

CAULYT, Fernando. **Megatemplo consolida presença da Universal no “mercado das religiões”.** 31/07/2014. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/megatemplo-consolida>

[posi%C3%A7%C3%A3o-da-universal-no-mercado-das-religi%C3%B5es/a-17816522>](#).

Acessado em 27 de março de 2021.

CÉSAR, Elben M. Lenz. **História da evangelização do Brasil - Dos jesuítas aos neopentecostais**. 2. ed. Editora Ultimato: Viçosa, 2000.

CHAGAS, Tiago. **Valdemiro Santiago bate boca com Fábio de Melo após críticas do padre: “Cuida da sua vida”**. Gospel mais. 17/07/2018. Disponível em: ≤ <https://noticias.gospelmais.com.br/valdemiro-santiago-fabio-de-melo-criticas-padre-100248.html> ≥. Acesso em; 11 de fevereiro de 2021.

DANTAS, Edna. MANSUR, Alexandre. O lado sombrio da Renascer. Revista Época, 20/05/2002.

DANTAS, Edna. MANSUR, Alexandre. O paraíso do apóstolo. Revista Época, 27/05/2002.

DIP, Andréa. **Em entrevista à Pública, o jornalista Gilberto Nascimento fala sobre seu livro O reino, que diseca a trajetória da Igreja Universal em busca de poder político**. 27/01/2020. Disponível em: <<https://apublica.org/2020/01/o-bispo-edir-macedo-tem-uma-visao-muito-pragmatica-se-ha-poder-eu-to-junto/>>. Acesso em 27 de março de 2020.

Documento Especial - A polêmica ascensão da Igreja Universal do Reino de Deus. 2015. 1 vídeo (52:58 min). Disponível em: ≤ <https://www.youtube.com/watch?v=wDjg01OC55s> ≥. Acesso em: 8 de fevereiro de 2021.

Documento Especial: Igreja Universal. 2007. 1 vídeo. Parte 1 (1 h e 18 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8QBg5TWWCws>>. Acesso em 19 de maio de 2021.

Documento Especial: Igreja Universal. 2007. 1 vídeo. Parte 2. (8:51 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jv10N86J4AY>>. Acesso em 19 de maio de 2021.

DOLGHIE, Jacqueline Zirolto. **Dominação Religiosa - Um Estudo do Neopentecostalismo a partir de Teorizações Sociológicas**. 1 ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2020.

DURKEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FÁBIO, Caio. **Sem barganhas com Deus**. Editora Independente. Versão digital. Disponível em: ≤ <https://livros.gospelmais.com.br/wp-content/blogs.dir/6/files/livro-ebook-sem-barganhas-com-deus.pdf> ≥. Acesso em 1 de junho de 2021.

FG Real. Relíquia Bp Macedo: Passa o tempo a mesma fé). 06/11/2018. Vídeo. (1:06:37) Disponível em: ≤ <https://www.youtube.com/watch?v=2QvIWaleSqE> ≥. Acesso em 18 de junho de 2021.

Folha de São Paulo. **Igreja controla maior parte de TVs do país**. 15/12/2007. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1512200731.htm>>. Acesso em 27 de março de 2021.

Folha de São Paulo. **Ex-advogado de igreja tenta recuperar bens.** 29/12/1995. Disponível em: ≤ <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/12/29/brasil/27.html> ≥. acesso em 1 de junho de 2021.

Igreja Universal. **Congresso para o sucesso.** 22/03/2021. Vídeo. (1:17:59). Disponível: ≤ <https://www.youtube.com/watch?v=Tw2uuX0oAoE> ≥. Acesso em 17 de junho de 2021.

FILLAIRE, Bernard. **As seitas.** São Paulo: Ática, 1997.

GERMANO, Altair. **As origens do pentecostalismo nos Estados Unidos da América.** 17/01/021. Disponível em: ≤ <https://altairgermano.com.br/as-origens-do-pentecostalismo-nos-estados-unidos-da-america/> ≥. Acesso em 21 de outubro de 2021.

GIUMBELLI, Emerson. **A presença do religioso no espaço público: modalidades no Brasil.** Religião e Sociedade. Rio de Janeiro, 2008.

Governo do Brasil - gov.br - Censo demográfico é adiado para 2021. 18/03/2020. Disponível em: <<https://www.gov.br/pt-br/noticias/financas-impostos-e-gestao-publica/2020/03/censo-demografico-e-adiado-para-2021-coleta-do-ipca-e-da-pnad-continua-e-suspensa>>. Acesso em 30 de março de 2021.

GRILLO, Marco. **Desde 2010, uma nova organização religiosa surge por hora.** O Globo. 26/03/2017. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/desde-2010-uma-nova-organizacao-religiosa-surge-por-hora-21114799>>. Acesso em 30 de março de 2021.

IANNACCONE, Laurence. STARK, Rodney. FINKE, Roger. **Deregulating Religion: The Economics of Church and State.** In: Economic Inquiry, Vol. 35, No. 2, April 1997. Disponível em: <https://ssrn.com/abstract=97408>. Acessado em 27 de julho de 2020.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2010. Tabelas Brasil Amostras Religião - 2010. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/busca.html?searchword=religiao>>. Acesso em 27 de março de 2021.

Igreja Batista da Lagoinha. Regionais. Grande BH. Disponível em: ≤ <https://lagoinha.com/pagina/20042/grande-bh> ≥. Acesso em 18 de julho de 2021.

Igreja Universal. **Ponto de Luz.** 14/09/2011. Vídeo. (49 min). Disponível em: ≤ <https://www.youtube.com/watch?v=JAzrk93Vpa9> ≥. Acesso em 17 de junho de 2021.

Isto É. **O Tesouro do Bispo.** Revista Isto É - 1369 - 27 de dezembro de 1995. São Paulo. Editora Três.

Isto É. **É dando que se recebe** - Revista Isto É - 1370 - 3 de janeiro de 1996. São Paulo. Editora Três.

JUSTINO, Mário. **Nos bastidores do reino - A vida secreta na Igreja Universal do Reino de Deus.** São Paulo: Geração Editorial, 1995.

JUSTINO, Mário. **Nos bastidores do reino - A vida secreta na Igreja Universal do Reino de Deus.** 2. ed. São Paulo: Geração Editorial, 2021.

KLOPPENBURG, Boaventura. **O espiritismo no Brasil - Orientação para os católicos**. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 1960.

LAPASSE, Georges. LUZ, Marco Aurélio. **O segredo da macumba**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

Loucura geral em culto evangélico pentecostal. 26/02/2016. (5 min). Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=bbDpRZRypio> >. Acesso em 25 de março de 2021.

LIMA, Delcyr de Souza. **Analisando crenças espíritas e umbandista**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1979.

LIMA, Raymundo de. Abriram mais uma nova religião: "Mc Jesus Feliz. **Espaço Acadêmico**. Vol. 1, nº 2. Instituto de Ciências Sociais e Humanas. Curitiba, 2001.

Lista de denominações protestantes no Brasil por número de membros. Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_denominacoes_protestantes_no_Brasil_por_numero_de_membros >. Acesso em 27 de março de 2021.

LUZ, Sandro Moreira. **Bispo Edir Macedo ensinando como roubar os fiéis**. 2012. 1 vídeo (8:55 min) Disponível em: ≤ <https://www.youtube.com/watch?v=4cx-ikX2JM0> ≥. Acesso em 11 de fevereiro de 2021.

MACEDO, Edir. **Nada a perder - Momentos de convicção que mudaram minha vida**. 1 ed. Vol. 1. Editora Planeta. São Paulo, 2012.

MACEDO, Edir. **Orixás, caboclos e guias - deuses ou demônios**. 15. ed. Rio de Janeiro: Editora Gráfica Universal, 2004.

MACEDO, Edir. Sinais do fim dos tempos. **Jornal Folha Universal** - Rio de Janeiro - Ano 5 - número 259 - 27 de janeiro de 1996.

MAIA, Marina Helena Rodrigues. **O catolicismo secularizado : uma análise dos católicos nominais não praticantes**. 2020. 146 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais - Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Loyola, 1999.

MARIANO, Ricardo. **Usos e limites da teoria da escolha racional da religião**. Tempo Social - Revista de Sociologia da USP, v. 20, n. 2. P. 41-66. 2008. Disponível em: ≤ <https://www.scielo.br/j/ts/a/K3ZTNDZyhMNY3XmxKcx6CSK/?format=pdf&lang=pt> ≥. Acesso em 18 de julho de 2021.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Mídia e poder simbólico - Um ensaio sobre comunicação e campo religioso**. São Paulo: Editora Paulus, 2003.

MATOS, Alderi Souza de. O Movimento Pentecostal. Reflexões a propósito do seu primeiro centenário. **Fides Reformata** XI, Nº 2 (2006): 23-50. Disponível em: < <https://cpaj.mackenzie.br/wp-content/uploads/2018/11/2-O-movimento-pentecostal->

[reflex%C3%B5es-a-prop%C3%B3sito-do-seu-primeiro-centen%C3%A1rio-Alder-Souza-de-Matos.pdf](#)>. Acesso em 25 de março de 2021.

MCALISTER, Robert. **Mãe de Santo**. Rio de Janeiro: Editora Carisma, 1983. Disponível em: < <https://www.skoob.com.br/mae-de-santo-341400ed382968.html>>. Acesso em: 8 de fevereiro de 2021.

MESLIN, Michel. **A experiência humana do divino - Fundamentos de uma antropologia religiosa**. Petrópolis: Vozes, 1992.

MONTERO, Paula. **Religião, pluralismo e esfera pública no Brasil**. Novos Estudos. CEBRAP. 2006. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/nec/a/L5hhQqdGx7zk3GKyL5TXDVP/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 27 de julho de 2021.

Nada a perder - Contra tudo. Por todos. Direção Alexandre Avancini. Paris Filmes / Record Filmes: Brasil. 2018. (2h e 10min.) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OZlooITRwjc>>. Acesso em 27 de março de 2021.

NASCIMENTO, Gilberto. Reportagem. **Exportação da fé**. Revista Isto É, 22 de novembro de 2004. Disponível em; ≤ https://istoe.com.br/10505_EXPORTACAO+DA+FE/ ≥. Acesso em 25 de março de 2010. Acesso em: 7 de fevereiro de 2021.

NASCIMENTO, Josimir Albino do. **Igreja Universal do Reino de Deus: Antecedentes históricos, análise de doutrinas distintivas e proposta evangelística**. 2010. 658 p. Tese (Doutorado em Teologia Pastoral) - Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia - Centro Universitário Adventista de São Paulo Campus Engenheiro Coelho. São Paulo, 2010

ORO, Ari Pedro. **O outro é o demônio - Uma análise sociológica do fundamentalismo**. 1. ed. São Paulo: Paulus, 1996.

PALEARI, Giorgio. **Religiões do povo - Um estudo sobre a inculturação**. 4. ed. São Paulo: Ave Maria, 1990.

Prova de Fogo - Direção de Marco Altberg. Embrafilme: Brasil. 1980. (127 min.) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qFdeDU4ij9w>>. Acesso em 27 de março de 2021.

Recanto das letras. A origem das igrejas brasileiras. Macedo, Santiago e Duque, os 3 mosqueteiros. Disponível em: ≤ <https://www.recantodasletras.com.br/artigos-de-religiao-e-teologia/6737090> ≥ Acesso em 11 de fevereiro de 2021.

R7 Notícias. **Universal completa 43 anos com 10 milhões de fiéis pelo mundo - Presente em 135 países, Igreja possui 12,3 mil templos nos cinco continentes**. 09/07/2020. Disponível em:< <https://noticias.r7.com/brasil/universal-completa-43-anos-com-10-milhoes-de-fieis-pelo-mundo-09072020> >. Acesso em 25 de março de 2021.

R7 Notícias. **Com a presença de Dilma, Templo de Salomão é inaugurado em São Paulo**. 31/07/2014. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/brasil/com-a-presenca-de-dilma-templo-de-salomao-e-inaugurado-em-sao-paulo-13102016>>. Acesso em 27 de março de 2021.

RENDERS, Helmut. A experiência religiosa pós-moderna e o fenômeno da aceleração em comparação com as temporalidades pré-moderna e moderna. **Horizonte** - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião. Vol. 13, n. 37, p. 428-445. 2015. Disponível em: ≤ <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2015v13n37p428> ≥. Acesso em 18 de julho de 2021.

Santo Forte. Direção Eduardo Coutinho. Rio Filme: Brasil. 1999. (1h e 23min.) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bf9-GiJfwog>>. Acesso em 30 de março de 2021.

SANTIAGO, Emerson. **Povo Iorubá**. Infoescola. Disponível em: <https://www.infoescola.com/sociologia/povo-ioruba/>. Acesso em 30 de março de 2021.

Santo Forte. Direção Eduardo Coutinho. Documentário. Brasil. 1999. (1h 23m) Produção Rio Filme. Disponível em: ≤ <https://www.youtube.com/watch?v=bf9-GiJfwog> ≥. Acesso em 27 de março de 2021.

SANTOS, Wesley Martins. Um breve comentário entre Marx e Weber sobre o sistema capitalista. 30/06/2020. Disponível em: <<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2020/06/comentario-marx-e-weber-sistema-capitalista.html>>. Acesso em 18/10/2021.

SILVA, Vagner Gonçalves. Neopentecostais e religiões afro-brasileiras: uma guerra instituída. Entrevista. **Revista IHU Online**. Nº 546, 2009. Instituto Humanitas Unisinos Disponível em: ≤ <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/21274-neopentecostais-e-religoes-afro-brasileiras-uma-guerra-instituida-entrevista-especial-com-vagner-goncalves-da-silva> ≥. Acesso em 11 de fevereiro de 2021.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna - Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis: Vozes, 1995.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade - Uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes, 1998.

Universal. **Pastor on-line**. Disponível em: ≤ <https://www.universal.org/pastor-online/> ≥. Acesso em 15 de junho de 2021.

Universal. **Pastor Online**. Disponível em: ≤ <https://www.universal.org/pastor-online/> ≥. Acesso em 15 de junho de 2021.

Universal. **Universal nos Estados Unidos: o início da expansão pelo mundo**. 04/06/2017. Disponível em: ≤ <https://www.universal.org/noticias/post/universal-nos-estados-unidos-o-inicio-da-expansao-pelo-mundo/> ≥. Acesso em 27 de outubro de 2021.

Universal Del Castilho. **Assista agora A nação dos 318 com o bispo Jadson Santos**. Às 18 H. 13/04/2020. Vídeo. (1:07:48). Disponível em: ≤ <https://www.youtube.com/watch?v=8TLUrHogzPg> ≥. Acesso em 17 de junho de 2021.

Universal Del Castilho. **Terapia do Amor**. 10/06/2021. Vídeo (1:48:46). Disponível em: ≤ <https://www.youtube.com/watch?v=NforR5W9NebM> ≥. Acesso em 18 de junho de 2021.

VALERIU, Grigore. **Deus é justo - A história real do homem que venceu na Justiça a Igreja Universal**. 1. ed. São Paulo: Editora Matrix, 2009.

VERONESI, Luiza Belloni. **Forbes lista cinco pastores mais ricos do país. A publicação estimou a fortuna dos principais pregadores evangélicos do Brasil. Edir Macedo é o mais rico, com R\$ 1,9 bilhão.** InfoMoney. 18/01/2013. Disponível em: <<https://www.infomoney.com.br/minhas-financas/forbes-lista-cinco-pastores-mais-ricos-do-brasil/>>. Acesso em 27 de março de 2021.